



A Liahona
Outubro/Novembro de 1985

A Liahona

Outubro/Novembro de 1985
Volume 38 - Nº 7
PBMA0620PO
São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de
A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos
Últimos Dias, apresentando material das
revistas ENSIGN, NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência:
Spencer W. Kimball, Marion G. Romney,
Gordon B. Hinckley.

Conselho dos Doze:
Ezra Taft Benson, Howard W. Hunter,
Thomas S. Monson, Boyd K. Packer,
Marvin J. Ashton, L. Tom Perry,
David B. Haight, James E. Faust,
Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson,
Dallin H. Oaks.

Comitê de Supervisão:
M. Russell Ballard, Loren C. Dunn, Rex D.
Pinegar, Charles Didier, George P. Lee.

Editor:
M. Russell Ballard

International Magazines:
Editor Gerente: Larry A. Hiller
Editor Associado: David Mitchell
Seção Infantil: Lois Richardson
Desenhista: Mary A. Hodson

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Carleto
Editor: Paulo Dias Machado
Assinaturas: Victor Hugo da C. Pires
Supervisor de Produção: Elias Nelson
Munhoz Dias

Primeira Capa: Enfoque na Família. Última
capa: "O trabalho mais importante que
jamais faremos será entre as paredes de
nosso próprio lar." Presidente Harold B.
Lee. Na capa: Grupo familiar, pintura de
Ferdinand Georg Waldmüller (1793-1865),
nascido em Viena. Do acervo da Igreja.



- 1 Mensagem da Primeira Presidência: O Ambiente no Lar, *Presidente Gordon B. Hinckley*
 - 6 Élder Dallin H. Oaks: Na Trilha dos Outros Apóstolos, *Don L. Searle*
 - 11 Perseverando Juntas: Uma Entrevista com a Presidência Geral da Sociedade de Socorro
 - 14 Cesar Aedo: Contador de Histórias sem Palavras, *Don L. Searle*
 - 16 Paternidade: Tudo Relacionado ao Coração, *Patricia T. Holland*
 - 18 Quando os Filhos se Rebelam, *Manual para Famílias*
 - 21 Uma Tarde no Havá, *Kris Mackay*
 - 25 Perguntas e Respostas: Ordem do Sacramento, *Kent E. Pulsipher*
 - 26 Perguntas e Respostas: Oração Sacramental, *Mark E. Hurst*
 - 27 Perguntas e Respostas: Companheiro de Missão, *Joe J. Christensen*
 - 28 Estes São Seus Dias, *Élder Neal A. Maxwell*
 - 31 Bolsos Cheios de Pedras, *Larry Hiller*
 - 37 Princípios, *Élder Boyd K. Packer*
- Seção Infantil:
- 1 A Vencedora, *Margaret M. Robinson*
 - 4 Isaque Encontra Rebeca, *Histórias das Escrituras*
 - 6 Tempo de Compartilhar: Feliz Aniversário, Primária!, *Pat Graham*
 - 8 Só para Divertir

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 20.000,00; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 300; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: Cr\$ 2.500,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impendedoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e

tonganês. Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Av. Paulista, 900 - 6º andar - Fone: 289-7279 - Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

O AMBIENTE NO LAR

Mensagem da Primeira Presidência
Presidente Gordon B. Hinckley

Segundo conselheiro na Primeira Presidência

Que coisa difícil, às vezes desencorajadora, embora maravilhosa e desafiadora é sermos pais — pai e mãe de filhos nascidos e que estão crescendo nesta era tão complexa. Nessa tarefa, todos nós cometemos erros, geralmente muitos; todos nós já sentimos o coração partido, e bastante a maioria de nós. Mas, também sentimos orgulho e gratidão vendo nossos filhos crescer, passando da infância à maturidade.

Estou certo de que alguns de vós viestes a esta reunião, na esperança de receberdes ajuda para vossos difíceis problemas. Vós a recebestes daqueles que aqui falaram. Tenho suplicado ao Senhor que me inspire a dizer algo que vos seja útil.

Ser pai não é fácil. Para muitos implica tanta frustração, preocupação, tantos sonhos desfeitos e esperanças perdidas. Eu reconheço, é claro, que há muitos lares onde as coisas não são assim; onde tudo corre serena e calmamente; onde nunca são ouvidas vozes iradas; onde os pais são alegres e calmos, e os filhos crescem fiéis e sem sérios problemas. Se vosso lar é assim, sede gratos por isso. Agradecei ao Senhor pela maravilhosa bênção que vos foi concedida.

Mas, eu vos asseguro que há muitos lares de outro tipo, pois tenho recebido cartas sobre eles... cartas de pais e cartas de filhos e filhas. É fácil dizer que se fizermos isto ou aquilo, tudo correrá bem. Tenho visto, porém, homens e mulheres conscienciosos, pessoas fiéis e sinceras, pessoas que procuram observar os ensinamentos da Igreja e ainda assim, sentem o coração partido pela conduta dos filhos.

Conheço algumas das respostas para esses problemas, mas confesso que não sei todas. Muitos problemas são criados por nós mesmos. Em outros casos, eles parecem acontecer apesar de tudo que fazemos para evitá-los. Lembro-me de certas pessoas

maravilhosas que conheci. Os filhos mais velhos cresceram, casaram-se e prosseguiram na vida de modo a alegrar o coração dos pais. Mas depois, o filho caçula, um rapaz brilhante e capaz deixou-se desencaminhar pelos amigos de escola. Deixou o cabelo crescer e começou a vestir-se com desleixo. Fez outras coisas que deixaram seus pais muito angustiados. O pai perturbou-se; ralhou com o filho e o ameaçou; chorou e orou, e o repreendeu. Mas, nada disso adiantou. O rapaz continuou no caminho errado. A mãe também orava e chorava, mas controlou seus sentimentos e manteve a voz calma, expressando repetidamente seu amor ao filho. Ele saiu de casa. Mesmo assim, ela mantinha seu quarto arrumado, a cama feita, comida para ele na geladeira, e lhe disse que quando tivesse vontade de voltar, seria sempre bem-vindo.

Meses se passaram, enquanto seus corações se confrangiam de dor. Finalmente, o amor da mãe começou a tocar-lhe o coração. Ele passou a vir dormir em casa, de vez em quando. Sem nunca o repreender, ela sorria, brincava com ele, fazia comidas deliciosas para ele e o abraçava demonstrando amor. Finalmente, ele começou a cuidar da aparência pessoal. Passou a ficar mais em casa. Deu-se conta de que não havia outro lugar tão confortável, seguro e feliz quanto o lar que havia abandonado. E colocou sua vida em ordem. Cumpriu missão numa idade acima da maioria dos rapazes e foi um excelente missionário. Retornando da missão, voltou a estudar com afinco. A última vez que o vi, ele e a mãe, ambos abençoados com uma bela voz, cantavam um dueto enquanto alguns que conheciam a história, derramavam lágrimas.

Aos que me ouvem e que talvez tenham filhos ou filhas com o mesmo problema, eu gostaria de sugerir que nunca parem de tentar. Eles não

estarão perdidos enquanto não tiverdes desistido. Lembrai-vos de que é o amor, mais do que qualquer outra coisa, que os trará de volta. Castigos provavelmente nada conseguirão, nem reprimendas sem amor. Paciência, provas de apreço e aquele estranho e excepcional poder proveniente da oração acabarão vencedores. Com o propósito de tentar ser útil, gostaria de sugerir quatro elementos para a edificação do ambiente no lar. Sugiro que permitais que vossos filhos cresçam num lar em que haja (1) espírito de servir, (2) atmosfera de crescimento, (3) a disciplina do amor, e (4) a prática da oração.

O Espírito de Servir

O egoísmo é um elemento destrutivo, atormentador e corrosivo na vida de muitos de nós. É a fonte da maior parte da tensão entre pais e filhos, e leva pais bem intencionados a ir além de suas possibilidades, nutrindo, às vezes, egoísmos prejudiciais aos filhos, mimando-os com a satisfação de seus desejos caros e desnecessários.

O contraveneno para o egoísmo é servir, dar de si aos que nos rodeiam — tanto em casa quanto fora das paredes do lar. O filho que cresce num lar onde o pai é egoísta e avarento, está sujeito a desenvolver esta mesma característica em sua própria vida. Por outro lado, o filho que vê pai e mãe se privarem de conforto para ajudar os necessitados terá tendência de seguir o mesmo padrão quando chegar à maturidade.

A criança que vê o pai ativo na Igreja, servindo a Deus pelo serviço ao próximo, tenderá a agir no mesmo espírito quando crescer. A criança que vê a mãe auxiliando os necessitados, ajudando os pobres e socorrendo os aflitos, tenderá a seguir o mesmo exemplo ao crescer.

Gostariéis de que vossos filhos

crecessem num espírito altruísta? Satisfazer seus desejos egoístas não ajudará nada. Ao invés disso, deixai que vejam no próprio lar e no seio da própria família a veracidade do grande princípio estabelecido pelo Senhor: “Pois quem quiser salvar sua vida, perdê-la-á; mas quem perder a sua vida por amor de mim e do evangelho, salvá-la-á.” (Marcos 8:35.)

Atmosfera de Crescimento

Que coisa maravilhosamente interessante é observar a mente jovem crescendo e se fortalecendo. Sou um dos apreciadores do vasto potencial benéfico da televisão; mas também sou um dos que condenam a terrível perda de tempo e oportunidades quando crianças ficam assistindo horas e mais horas a coisas que não instruem, nem fortalecem. Quando eu era rapaz, vivíamos numa grande casa velha. Uma das salas era chamada de biblioteca. Tinha uma mesa maciça, uma boa lâmpada, três ou quatro cadeiras confortáveis com boa iluminação, e livros em estantes ao longo das paredes. Havia muitos volumes, adquiridos por meus pais no decorrer dos anos.

Jamais fomos forçados a lê-los, mas ficavam onde podiam ser facilmente alcançados e onde podíamos pegá-los quando quiséssemos. Naquela sala havia silêncio. Sabíamos que ali era um lugar de estudo.

Havia, também, revistas — as revistas da Igreja e duas ou três outras boas publicações. Havia muitos livros de história e literatura, livros sobre assuntos técnicos, dicionários, uma enciclopédia e um atlas. Naquele tempo, é claro, não havia televisão. O rádio surgiu quando eu era jovem. Mas havia um ambiente, uma atmosfera de aprendizagem. Não quero que nos imagineis como grandes estudiosos; mas estávamos em contacto com a boa



literatura, as idéias de grandes pensadores e a linguagem de homens e mulheres de pensamentos profundos e belo estilo.

Em muitos lares, hoje em dia, não existe a possibilidade de uma biblioteca assim. A grande maioria das famílias vive em espaços exíguos. Entretanto, com planejamento adequado pode-se

achar um cantinho que se torne um refúgio do barulho que nos cerca, para sentar, ler e meditar. É maravilhoso ter uma mesa ou escrivaninha, por mais simples que seja, na qual se encontram as obras-padrão da Igreja, alguns bons livros, as revistas publicadas pela Igreja e outras coisas dignas de nossa leitura.

Começai cedo a pôr as crianças em

contacto com livros. A mãe que não lê para seus filhos pequenos, presta um desserviço a si própria e a eles. Toma tempo, sim, muito tempo. Exige autodisciplina. Exige organização e economia de horas e minutos. Mas, nunca será tedioso observar a jovem mente descobrindo personagens, expressões e idéias. A boa leitura pode tornar-se uma paixão e muito mais proveitosa a longo prazo, do que muitas outras atividades nas quais as crianças costumam gastar tempo. Estima-se que as crianças, nos EUA, assistem a uma média de oito mil horas de televisão antes de começar a freqüentar a escola. Uma grande parte dos programas assistidos é de valor duvidoso.

Pais, esforçai-vos em criar uma boa atmosfera no lar. Fazei com que vossos filhos tenham contato com grandes pensadores, grandes idéias, verdades eternas e coisas que os edificarão e motivarão a fazer o bem.

O Senhor nos diz: “Sim, nos melhores livros procurai palavras de sabedoria; procurai conhecimento, mesmo pelo estudo e também pela fé.” (D&C 88:118.) Desejo exortar cada pai que me ouve a procurar criar, no lar, uma atmosfera de aprendizagem e de crescimento que dela admirará.

A Disciplina do Amor

É claramente evidente que tanto o grande bem como o terrível mal encontrados no mundo de hoje, são os doces e os amargos frutos do que foi cultivado nas crianças de ontem. Conforme educarmos a nova geração, assim será o mundo dentro de poucos anos. Se estais preocupados com o futuro, cuidai hoje da educação das crianças. Grande parte da insensibilidade que tanto caracteriza nossa sociedade é resultado da dureza imposta às crianças anos atrás.

Quando éramos jovens, nós

apreciávamos a ala em que vivíamos. Havia muitos tipos de pessoas naquela ala e creio que conhecia a todas. Naquela época, as pessoas raramente se mudavam. Creio que amávamos todas elas, ou seja, exceto um homem. Devo confessar que eu detestava aquele homem. Desde então, tenho-me arrependido desse sentimento, mas, recordando o passado posso senti-lo novamente com a mesma intensidade. Seus filhos mais jovens eram nossos amigos, mas eu o considerava meu inimigo. Por que tamanha aversão? Porque ele tinha um temperamento tão violento que explodia à mais leve provocação; e ele gritava com os filhos e os espancava de um modo que jamais esquecerei.

Talvez fosse porque no lar onde cresci havia um pai que, com alguma mágica silenciosa conseguia disciplinar os filhos sem castigos físicos, embora, às vezes, sem dúvida, os merecessem. Tenho visto os frutos do temperamento de nosso vizinho manifestar-se na vida atribulada de seus filhos.

Não hesito em dizer que nenhum homem que é um seguidor professo de Cristo, nenhum homem que é um membro professo desta Igreja, pode maltratar crianças sem ofender a Deus, que é Pai delas e, repudiar os ensinamentos do Salvador e seus profetas. Foi o próprio Jesus quem disse: “Mas qualquer que escandalizar um destes pequeninos, ... melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma mó de azenha, e se submergisse na profundidade do mar.” (Mateus 18:6.)

Disse Brigham Young: “Criaí vossos filhos no amor e temor do Senhor; estudai suas disposições e temperamentos, e lidai com eles de maneira correspondente, nunca vos permitindo corrigi-los no calor da paixão; ensinai-os a amar-vos e não a temer-vos.” (Discursos de Brigham Young, p. 320.)

Fazei com que vossos filhos tenham contato com grandes pensadores, grandes idéias, verdades eternas e coisas que os edificarão e motivarão a fazer o bem.



Disciplinar com severidade e crueldade levará, inevitavelmente, não à correção, mas ao ressentimento e mágoa. Não resolve nada. Só agrava o problema. É autofrustrante. O Senhor, ao estabelecer o espírito de governo na Igreja, também estabeleceu o espírito de governo no lar, nesta grande revelação:

“Nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido por virtude do sacerdócio, a não ser que seja com persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor não fingido;

“Reprovando às vezes com firmeza, quando movido pelo Espírito Santo (e só então, penso eu); e depois,

mostrando um amor maior por aquele que repreendeste, para que ele não te julgue seu inimigo;

“Para que ele saiba que a tua fidelidade é mais forte do que os laços da morte.” (D&C 121:41, 43-44.)

Paulo escreveu aos efésios: “E vós, pais, não provoqueis à ira vossos filhos, mas criai-os na disciplina e

admoestação do Senhor.” (Efésios 6:4.)

Quando surgirem pequenos problemas, e é inevitável que surjam, controlai-vos. Lembrai-vos da sabedoria de um antigo provérbio: “A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira.” (Provérbios 15:1.) Não há disciplina no mundo inteiro igual à disciplina do amor. Ela possui uma magia toda própria.

A Prática da Oração

Duplamente abençoado é o filho que, embora tão novo que não seja capaz de compreender as palavras, sente, no entanto, o espírito da oração quando a mãe amorosa ou o pai bondoso o ajuda com algumas palavras de oração na hora de dormir.

Afortunado, de fato, é o rapaz ou garota, incluindo aqueles na adolescência, em cujo lar existe o hábito de orar em família pela manhã e à noite.

Não conheço nenhum modo melhor de desenvolver o senso de gratidão nos filhos, do que ajoelhar-se em família, para agradecer ao Senhor pelas bênçãos recebidas. Essa humilde expressão de fé fará maravilhas para desenvolver, no coração dos filhos, o reconhecimento de que Deus é a fonte de nossas preciosas bênçãos.

Não conheço nenhum modo melhor de cultivar o desejo de fazer o que é certo, do que a família inteira pedir, humildemente, perdão àquele que tem o poder de perdoar, e pedir forças para superar as fraquezas.

Que coisa maravilhosa é orar ao Senhor em favor dos doentes e aflitos, dos famintos e destituídos, dos que estão sós e com medo, dos que se encontram escravizados e em dolorosa angústia. Quando orações assim são proferidas com sinceridade e emoção, acarretam um maior desejo de socorrer

os necessitados.

Haverá maior respeito e amor pelo bispo, pelo presidente da estaca, pelo presidente da Igreja, quando nos lembrarmos deles nas orações familiares.

Uma coisa muito importante é ensinar os filhos a orar a respeito de suas necessidades e desejos justos. Quando os membros da família se ajoelham juntos, em súplica ao Todo-Poderoso, e falam com ele de suas necessidades, cria-se no coração dos filhos a tendência natural de se voltar a Deus, como seu Pai e Amigo, nas horas de dificuldade e nos momentos críticos.

Que a oração, de manhã e à noite, tanto em família quanto individualmente, se torne um hábito enquanto vossos filhos ainda são jovens. Isto abençoará a vida deles eternamente. Nenhum pai desta Igreja pode dar-se ao luxo de negligenciar este ponto.

Meus amados amigos pais, estes são os quatro elementos que gostaria de sugerir-vos ao trabalhades na criação do ambiente do lar: (1) o espírito de servir, (2) uma atmosfera de estímulo ao crescimento, (3) a disciplina do amor divino, e (4) a prática da oração sagrada.

Que Deus vos abençoe, queridos irmãos e irmãs.

Agradeço ao Senhor pelos muitos bons pais desta Igreja, que são exemplos impressionantes de honestidade e integridade perante os filhos e o mundo. Agradeço-lhe por sua fé e dedicação. Agradeço-lhe por seu grande desejo de educarem os filhos na luz e verdade, como o Senhor ordenou. Que as bênçãos do Senhor coroem vossos esforços e que todos vós possais dizer um dia, como disse outrora João: “Não tenho maior gozo do que este: o de ouvir que os meus filhos andam na verdade.” (III João 1:4). ■

Idéias para os Mestres Familiares

Alguns pontos que merecem ênfase!
Talvez os queira ressaltar na mensagem:

Quatro elementos importantes são essenciais na edificação de um ambiente sadio no lar:

1. O espírito de servir-se mutuamente e ao próximo.
2. Uma atmosfera que contribua para o crescimento e desenvolvimento dos membros da família.
3. A decisão dos pais de usar o amor como o princípio-guia na disciplina familiar.
4. A prática da oração familiar diária, na qual a família se une na busca de orientação do Pai Celestial e do perdão de seus erros.

Sugestões para a Mensagem

1. Conte o que sente a respeito das quatro instruções citadas acima.
2. O artigo contém escrituras ou citações que a família poderia ler em voz alta e debater?
3. Seria melhor abordar este assunto depois de conversar com o chefe da família antes da visita? O líder do quorum ou o bispo tem uma mensagem para o chefe da família concernente às relações familiares?

ÉLDER DALLIN H. OAKS: NA TRILHA DOS OUTROS APÓSTOLOS

Don L. Searle



Dallin Oaks e June Dixon estudavam na Universidade Brigham Young quando se casaram, em 1952.

Se houvesse ocorrido uma vaga na Corte Suprema dos Estados Unidos antes de abril de 1984, o juiz Dallin Harris Oaks da Corte Suprema de Utah, poderia ter sido candidato para preenchê-la. Afinal já havia sido cogitado para tal posição antes. Por isso, quando o repórter do *Washington Post*, junto à Corte Suprema, soube de seu novo chamado como membro do Conselho dos Doze da Igreja, telefonou para perguntar se isto significava que Dallin Oaks não mais poderia ser candidato a uma posição na mais alta corte do país.

Sim, o Élder Oaks explicou pacientemente, seu novo chamado certamente significava isso.

Mas, replicou o repórter, a posição na corte também é um chamado vitalício. Não é, também, um modo muito importante de servir?

De fato é, concordou o Élder Oaks, porém não mais importante que o

serviço que poderia prestar agora.

Aqueles capazes de entender o impacto de seu chamado como apóstolo do Senhor Jesus Cristo, ele acrescenta: “Eu o aceitei de bom grado. Estou emocionado com este chamado e tenho grande desejo de servir.”

Muitos dos que compreenderam a importância do chamado telefonaram imediatamente expressando seu amor. Diversos irmãos, companheiros de quorum, telefonaram para dar-lhe as boas-vindas.

Talvez seja parte de seu caráter receber com a mesma cordialidade todos os telefonemas, quer fosse de um membro do Quorum dos Doze ou a melhor amiga idosa de sua mãe.

Mas “ele é sempre cordial com todo mundo, não importa quem seja”, diz Janet Calder, que foi sua secretária enquanto foi presidente da Universidade Brigham Young, de 1971 a 1980.

Cordial, embora franco. Não extrovertido, mas sempre entusiasmado. Certa vez, recorda ela, ele estava recebendo um grupo de visitantes quando, durante uma pausa, a conversa se voltou para outros tipos de experiências educacionais. Em resposta a um comentário, o presidente da universidade ressaltou que nunca tivera treinamento especial para desenvolver atitude mental positiva. Um dos visitantes exclamou: “Por favor, não o faça! Com um pouquinho a mais de pensamento positivo você seria insuportável.”

“Ele é muito organizado. Ele adora trabalhar”, acrescentou a Irmã Calder. Não há como negá-lo. O Élder Oaks sempre menciona seu lema: “Trabalhe primeiro, divirta-se depois.” Sua família brinca com ele, dizendo que, na verdade, seu lema é: “Trabalhe primeiro, não se divirta nunca.”

“Nunca faço algo só por diversão. Simplesmente me divirto com o que faço”, explica ele.

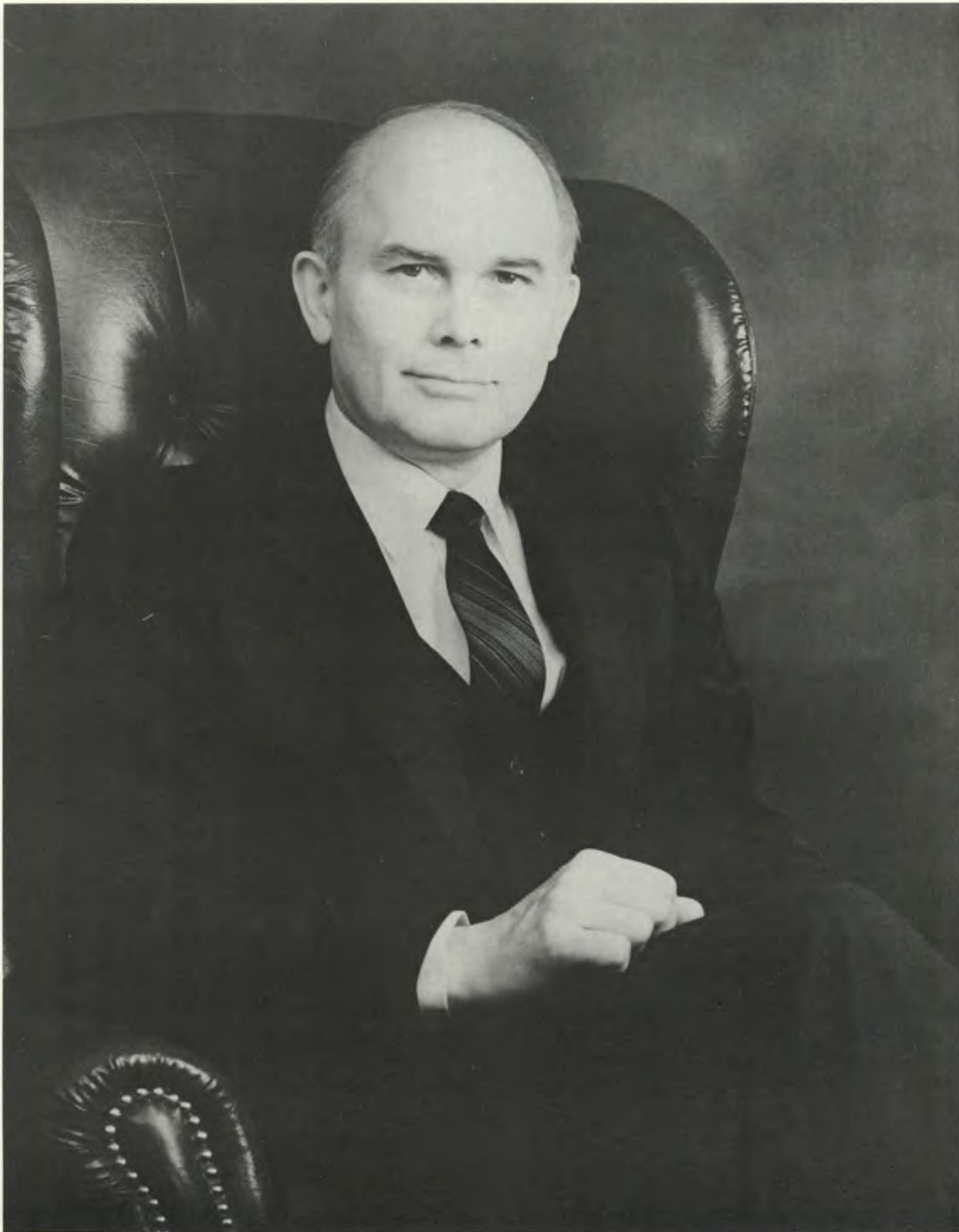
“O tempo é uma mordomia e minha meta é, simplesmente, não desperdiçá-lo.” dizia ele a um entrevistador, em 1981.

O Élder Oaks nasceu em Provo, Utah, a 12 de agosto de 1932, e sempre teve gosto pelo trabalho. Ele começou a trabalhar uns três anos após a morte do pai, para ajudar a mãe. A morte de seu pai, Dr. Lloyd Oaks, vitimado pela tuberculose, deixou a jovem viúva Stella com três filhos: Dallin, com 8 anos na época e o mais velho; Merrill, agora uma oftalmologista em Provo, Utah; e Evelyn, casada com H. Ross Hammond e que mora na cidade do Lago Salgado.

“Fui abençoado com uma mãe extraordinária”, relembra o Élder Oaks. “Ela certamente era uma das muitas mulheres nobres que viveram nestes últimos dias.” Ele a enaltece como uma mulher “de grande fé”, uma “mãe muito talentosa” e uma mulher possuidora de grande capacidade realizadora. Os que a conheceram concordariam com ele. Antes da morte em 1980, Stella Oaks era conhecida na cidade de Provo, como pessoa com grande capacidade de fazer o bem, tanto na Igreja como na comunidade.

“Ela me deu muita responsabilidade e liberdade. Sempre me incentivou a trabalhar fora”, comenta o Élder Oaks. Desde a primeira vez que fez um serviço remunerado, “aos onze ou doze anos de idade”, nunca mais parou de trabalhar.

Seu primeiro emprego foi de varredor numa oficina de conserto de rádios. Ali, teve de aprender a testar as válvulas de rádio que encontrava pelo chão, para descobrir quais estavam boas; isto o levou a um interesse pelo rádio. Começou a estudar com característico afinco. Antes de completar dezesseis anos, já era radiotelefonista licenciado de primeira classe, o que lhe permitia operar o transmissor de estação de rádio comercial, conseguindo assim trabalho numa rádio. Os gerentes de emissoras de rádio gostavam de contratar pessoas que além de técnicos podiam substituir o locutor... “mas, minha voz não mudara”, comenta ele rindo. Não demorou muito, entretanto, para que a mudança ocorresse e logo ele estava



Fotografias de Busath. Usadas com permissão.



Antes do chamado para o Conselho dos Doze, Dallin Oaks servia na Corte Suprema de Utah. Neste retrato formal da Corte, o Élder Oaks é o segundo da esquerda para a direita.

trabalhando, regularmente, como locutor.

Foi enquanto transmitia jogos de basquete colegial e estava no primeiro ano da faculdade, que sua esposa o conheceu. June Dixon ainda cursava o colegial, na cidade vizinha de Spanish Fork, quando lhe foi apresentado.

Eles se casaram no dia 24 de junho de 1952, quando estudavam na Universidade Brigham Young. A Guerra da Coréia estava no auge e como membro da Guarda Nacional de Utah, ele esperava ser chamado a qualquer momento com sua unidade para a frente de combate. Mas, enquanto outras unidades próximas foram chamadas ao serviço ativo, a sua nunca foi. Naquele tempo, um número limitado de rapazes estava sendo chamado para missão por causa da guerra, e Dallin não se encontrou entre



Durante os anos de colégio, o jovem Dallin trabalhou como locutor numa estação de rádio, em Provo, Utah.



A posse de Dallin Oaks como presidente da Universidade Brigham Young, em 1971, deu motivo a esta fotografia histórica: Presidente Harold B. Lee, na fila da frente à esquerda, então primeiro conselheiro na Primeira Presidência; o presidente da Igreja, Joseph Fielding Smith; o Presidente N. Eldon Tanner, segundo conselheiro na Primeira Presidência; e o Élder Oaks. Na segunda fila, da esquerda para a direita: Élder Mark E. Petersen, do Conselho dos Doze; Presidente Marion G. Romney, atual primeiro conselheiro na Primeira Presidência e na época membro do Conselho dos Doze; Élder LeGrand Richards, do Conselho dos Doze. Última fila, da esquerda para a direita: Élder Marion D. Hanks, atual membro da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta e então assistente do Conselho dos Doze; e o Élder A. Theodore Tuttle, do Primeiro Conselho dos Setenta.

eles, pois a quota de sua ala já estava completa.

“Creio que ele sempre desejou ter tido oportunidade de sair em missão. Mais tarde, entretanto, ele foi chamado para presidir a missão de estaca em Chicago. E ele foi um bom presidente”, comenta sua esposa.

Ela aprendeu cedo a reconhecer sua capacidade de trabalho. Enquanto cursava a Universidade Brigham Young, ele trabalhava trinta horas por semana numa emissora de rádio. Perto da época de se formar, tinha ainda um

segundo emprego como gerente de uma empresa de mudanças.

Depois de se bacharelar em contabilidade, cursou a Faculdade de Direito da Universidade de Chicago. (Nessa época o casal Oaks já tinha duas filhas: Sharmon e Cheri.) Ele pediu um empréstimo a fim de poder estudar e concentrou suas energias nos estudos. Formou-se com distinção e foi o editor do prestigioso periódico sobre Direito da Faculdade em seu último ano.

“Quando Dallin estava na Faculdade de Direito, ele saía de casa todos os dias às sete da manhã e só voltava às onze da noite”, exceto aos domingos, conta June Oaks. Ela se recorda que

ele dizia: “Há uma porção de colegas lá na faculdade mais inteligentes do que eu, nenhum, porém, mais esforçado.”

“Foram tempos difíceis”, observa ela. Mas, mesmo assim, ela conseguiu evitar o erro de muitas outras esposas de estudantes, que perturbavam o marido porque se julgavam infelizes. Ela aceitou o desafio de se tornar auto-suficiente e desenvolver seus próprios interesses.

A diligência e o conhecimento de Dallin Oaks conquistaram-lhe a

oportunidade de servir, depois de formado, como secretário de Earl Warren, presidente do Supremo Tribunal dos Estados Unidos. Um ano depois, concluída essa função, ele voltou para Chicago para começar a advogar.

Seu filho Lloyd nasceu quando Dallin estava no último ano de Direito.

O outro filho, Dallin e a filha seguinte, TruAnn, também nasceram durante os anos em que a família morou em Chicago. Esses anos proporcionaram a Dallin oportunidades de grande progresso no serviço da Igreja. Em 1961, foi chamado como presidente da missão de estaca. A Irmã Oaks comentou que o exercício da advocacia o obrigava a trabalhar de noite, e fê-lo imaginar como seria capaz de cumprir as responsabilidades do novo chamado; mas ele o aceitou pela fé. Depois que aceitou o chamado, muitas vezes encontrou meios de terminar o trabalho de advocacia mais cedo, ou de realizar mais do que pensava lhe fosse possível no tempo hábil.

Em 1961, surgiu a oportunidade de integrar o corpo docente da Faculdade de Direito de Chicago. Ele aceitou a proposta por causa da gratificação e desafio que oferecia.

Em 1963, foi chamado como segundo conselheiro na presidência da Estaca Chicago Sul. Serviu com o Presidente Lysle R. Cahoon e John Sonnenberg, primeiro conselheiro. Os três foram, mais tarde, chamados a servir como Representantes Regionais dos Doze. (O Irmão Sonnenberg foi chamado para o Primeiro Quorum dos Setenta, em outubro de 1984.)

Dallin Oaks enfrentou esse chamado com o entusiasmo de costume. O Élder Sonnenberg comenta que seu companheiro na presidência da estaca, reservava os domingos para o Senhor, mas não no “sentido acadêmico”; era óbvio que seu trabalho e estudo das escrituras faziam parte de um esforço genuíno para aprender a conhecer Deus.

Naqueles tempos, o Presidente Oaks tinha de cuidar de vários encargos ao mesmo tempo. Um deles era presidir o Comitê Disciplinar da Universidade de Chicago, encarregado de solucionar acusações a estudantes envolvidos na ocupação do prédio da administração da escola durante dezessete dias em fevereiro de 1969. Sua imparcialidade e diplomacia no trato da ação disciplinar, conquistaram-lhe a admiração dos alunos, membros do corpo docente e da comunidade.

Por volta de 1970, ele já era bem conhecido em sua profissão, tendo servido como procurador assistente do Estado no Condado de Cook, Illinois,

durante o verão de 1964; como diretor adjunto e diretor interino da Faculdade de Direito; e como professor convidado da Faculdade de Direito da Universidade de Michigan, durante o verão de 1968. Ele recebeu elogios pelo serviço como conselheiro legal do Comitê de Direitos Humanos, na Convenção Constitucional de Illinois, em 1970. Durante um período em 1970 e 1971, serviu como diretor-executivo da Fundação Americana da Ordem dos Advogados.

Quando o Irmão Sonnenberg foi chamado como presidente da Estaca Chicago Sul, em 1970, escolheu Dallin Oaks para seu primeiro conselheiro. Mas esta associação não durou muito. Com o costumeiro discernimento espiritual de um presidente de estaca, ele recorda: “Quando Ernest Wilkinson se aposentou (como presidente da Universidade Brigham Young), eu senti no mesmo instante, que Dallin Oaks seria chamado para ocupar seu lugar.”

O Presidente Oaks foi reconhecido pelas muitas coisas que fez enquanto serviu na Universidade de Brigham Young, mas seu trabalho mais importante foi dar ênfase à excelência acadêmica. Tornou-se nacionalmente conhecido pela oposição à ingerência do governo no ensino particular. Era visto como porta-voz das faculdades e universidades particulares. Foi presidente por três anos da Associação Americana de Presidentes de Faculdades e Universidades Particulares.



As filhas Cheri, à esquerda e Sharmon, a mais velha, já integravam a família Oaks quando seu pai se formou na Universidade Brigham Young e ingressou na Faculdade de Direito.

Jeffrey R. Holland, atual presidente da Universidade Brigham Young, descreve seu predecessor como homem com “uma inestimável mescla de qualidades e capacidade”, um homem cujo “esplêndido julgamento analítico é acentuado não só pela prática da advocacia, mas, o que é mais importante, por um instinto infalível”.

Depois que Dallin Oaks deixou a presidência da Universidade Brigham Young, mesmo depois de prestar juramento na Corte Suprema de Utah em 1º de janeiro de 1981, surgiram



A família posou para esta foto pouco tempo depois de o Élder Oaks tornar-se presidente da Universidade Brigham Young. De pé, da esquerda para a direita: Irmã Oaks, Cheri, Sharmon e Lloyd. Na frente: Dallin D., Presidente Oaks e TruAnn.

oportunidades para concorrer a altos cargos e ofertas de importantes serviços federais. Ele decidiu não os aceitar porque dizia: “Nada me atrai mais na vida pública do que ser juiz.”

Alguns tipos de serviço, entretanto, têm maior prioridade. Em 1971, um telefonema do Presidente Harold B. Lee, então primeiro conselheiro na Primeira Presidência, o levara à Universidade Brigham Young, mudando o curso de sua vida. Na noite de 6 de abril de 1984, houve outro telefonema, desta vez do Presidente Gordon B. Hinckley, segundo conselheiro na Primeira Presidência; e Dallin Oaks alterou mais uma vez e de bom grado o rumo de sua vida. “Assim como o serviço na Igreja não é solicitado, também não é rejeitado”, diz ele.

Enquanto presidente da Universidade Brigham Young, sua função de administrador de uma importante universidade, talvez haja eclipsado momentaneamente, a natureza espiritual do homem. Mas, aqueles que lhe eram mais achegados, podiam sentir sua espiritualidade. “Dallin é, simplesmente, um homem que anda, constantemente, na dependência do Espírito do Senhor”, comenta Rex Lee, procurador-geral dos Estados Unidos e ex-diretor da Faculdade de Direito J. Reuben Clark da Universidade Brigham Young. O Presidente Oaks, ressalta ele, nunca se preocupou muito com “as armadilhas do status”, nem em ostentar sua formidável capacidade. “Ele é o clássico exemplo da humildade. É genuinamente isento de vaidade.”

Para aqueles que o ouviram falar na Universidade Brigham Young, havia ampla evidência da importância que dava aos princípios do evangelho. Ele salientava a estreita relação entre espiritualidade e conhecimento, com a espiritualidade necessariamente, predominante. Sempre falava sobre moralidade, arrependimento e revelação. Honestidade e integridade, em todas as fases da vida, eram seus temas centrais.

“Se penso em uma palavra que sintetize meu pai, penso em integridade. Sempre soube que nunca faria algo que fosse censurável”, diz sua filha Sharmon (agora Sra. Jack Ward). Ela se lembra que uma vez ela a repreendeu por tentar remover um selo não carimbado de um envelope, para usá-lo de novo.

Sharmon ingressou na faculdade no mesmo ano em que seu pai se tornou presidente da BYU. Frequentemente os professores, ao verem seu nome na lista, perguntavam: “Você é parente de... ah...” Ninguém completava a frase, relembra ela rindo.

Os anos na BYU foram menos atarefados que os de Chicago, comenta Lloyd. Seu pai passava mais tempo em casa. “Quase todos os sábados iam apanhar minhocas e pescar no Rio Spanish Fork.” Após algum tempo, Lloyd (que mais tarde se formou em Geologia pela BYU), se cansava de pescar e colecionar ou atirar pedras, mas o pai continuava firme. Isto é típico dele, diz June Oaks. “Se ele pesca, pesca com a mesma intensidade com que estuda seus livros.”

Lloyd, que agora está estudando Direito na Universidade Northern Illinois em De Kalb, não se surpreendeu com o chamado do pai como Autoridade Geral. “Ele sempre foi muito achegado ao Espírito.” Certa noite Lloyd pediu o carro emprestado para ir a uma festa. Ele já estava saindo da entrada para carros quando o pai apareceu, pedindo que não fosse à festa, explicando que tinha o pressentimento de que não seria prudente. Mais tarde, souberam que outro carro havia despencado da estrada por onde Lloyd passaria, e entenderam que aquilo fora um aviso.

Sharmon também fala da proximidade do pai com o Espírito. Ela se lembra de encontrar o pai orando de joelhos, quando nos tempos de estudante chegava mais tarde em casa e ia dar boa-noite aos pais, no quarto.

Ambos os pais foram exemplos em muitos sentidos, diz ela. “Uma coisa que apreciávamos neles é que se amam.”

Tanto os filhos como os amigos dizem que é impossível explicar o sucesso de Dallin Oaks na vida sem falar de June Oaks. Seu marido concorda plenamente. “Ela fez com que o melhor em mim sobressaísse. Creio que não teria chegado a lugar algum sem ela”, diz ele. “June evitou que eu me tornasse orgulhoso e vaidoso.”

Ela é muito querida por todos que a conhecem, acrescenta ele, e é totalmente sem afetação. Quando ele era o presidente da BYU, ela recebeu o presidente do Supremo Tribunal dos Estados Unidos, o presidente e outros oficiais da Corte Suprema Soviética, o ex-presidente dos Estados Unidos, Gerald R. Ford, três presidentes da Igreja e uma porção de outras Autoridades Gerais. Ela se mostrava “tão à vontade com eles como com os trabalhadores que vinham fazer algum serviço na casa”.

Ele comenta, com admiração, que ela é do tipo de mãe que se interessou por violão só para poder acompanhar a filha Jenny, então com oito anos, ao violino. Jenny está estudando música clássica, mas às vezes toca música

sertaneja só para se divertir.

Élder Oaks diz que “ela é a melhor amiga das filhas, não somente mãe, mas a melhor amiga”.

June comenta que ele sempre a apoiou, de coração, em todas as atividades — dos estudos aos chamados na Igreja. Ele a encorajou a completar seu bacharelado em sociologia, embora isso significasse ter de levar consigo os filhos pequenos e assistir às aulas em Provo, durante vários verões, deixando-o sozinho em Chicago.

“Ele tem muito de professor e educador”, comenta ela, explicando que sempre mostra artigos que acha que ela deveria ou gostaria de ler.

Ele está sempre lendo. “Ele lê três ou quatro jornais por dia” — de Washington, da Cidade do Lago Salgado e de Provo — mais as publicações da Igreja, uma porção de periódicos jurídicos, e uma grande variedade de outros livros ou revistas. Ele segue um padrão de leitura. Pela manhã, quando está mais fresco, lê assuntos técnicos, deixando as coisas mais leves para ler à tarde. Mas, sempre tem algo para ler à mão. “Se ele acha que o semáforo vai demorar para abrir, sempre pega algo para ler”, diz ela.

Provavelmente, seu tipo de leitura mudará um pouquinho com o novo chamado. Indubitavelmente, suas metas mudarão. Apesar dos anos de experiência administrativa e serviço público, diz ele: “Sinto que meus pontos fracos são maiores que meus pontos fortes.”

Embora tenha sido Representante Regional por seis anos e meio, e trabalhado outros nove numa presidência de estaca, ele ressalta que não passou pela experiência de ser bispo, presidente de missão ou presidente de templo como outras Autoridades Gerais. Nem teve a mesma experiência de ensinar através das escrituras no Sistema Educacional da Igreja. “Há tantas coisas na área eclesial e espiritual do reino que não fiz, que me sinto inadequado nesse aspecto.”

Onde começa o trabalho em seu novo chamado?

“Creio que começa seguindo a trilha deixada pelos outros apóstolos, fazendo as coisas que eles têm feito”, reflete ele. “Estou à disposição deles.”

Seu amigo, Élder Sonnenberg, diz que o Élder Oaks estará à altura do seu chamado porque sempre “amou e serviu o Senhor e sua família em primeiro lugar e acima de tudo”. “Há muito tempo já me parecia que ele foi escolhido para uma grande responsabilidade no reino do Senhor.” ■

PERSEVERANDO JUNTAS: UMA ENTREVISTA COM A PRESIDÊNCIA GERAL DA SOCIEDADE DE SOCORRO



Irmã Barbara Winder, sentada, presidente geral da Sociedade de Socorro, com Joy F. Evans (em pé, à esquerda), primeira conselheira; Joanne B. Doxey, segunda conselheira; Joan Spencer, secretária-tesoureira.

Pergunta: Irmã Winder, desde seu chamado, em abril de 1984, o edifício da Sociedade de Socorro se tornou, também, sede de três auxiliares: da Sociedade de Socorro, da organização das Moças e da Primária. O que esta mudança simboliza?

Irmã Barbara W. Winder, presidente: Para mim, simboliza nossa unidade de propósito. Estamos, realmente, associadas na mesma grande causa.

É claro que o evangelho sempre nos uniu. As presidências gerais das auxiliares se reúnem uma vez por semana, com o desejo comum de fortalecer cada criança, jovem, mulher e família.

Pergunta: Vocês também observam essa mesma união a nível de ala e estaca?

Irmã Winder: O espírito de unidade e cooperação envolveu a todos. Vemos

as auxiliares cooperando e trabalhando juntas para fortalecer indivíduos e famílias, embora cientes de suas responsabilidades e diferenças únicas.

Irmã Joanne B. Doxey, segunda conselheira: Gostaria de dar um exemplo. Tendo trabalhado muitos anos na Primária, antes de meu atual chamado, vejo muitas vantagens em designar uma professora da Primária como professora visitante de um lar onde haja crianças inativas. Ao visitar esse lar mensalmente, ela pode estabelecer uma amizade capaz de fortalecer a família inteira — crianças e mãe.

Pergunta: Que tipo de cooperação poderia haver entre as líderes das Moças e da Sociedade de Socorro, para facilitar a transição das moças ao atingir a idade para frequentar a Sociedade de Socorro?

Irmã Joy F. Evans, primeira

conselheira: As líderes de ala e estaca precisam trabalhar juntas para tornar essa transição significativa para as moças, e não uma mudança casual para a organização de suas mães.

Isto é algo que precisamos planejar bem, antes que as moças completem dezesseis ou dezessete anos. Precisamos plantar desde cedo as sementes na vida das moças. Quando conversarmos com elas sobre o que as espera no futuro, precisamos falar sobre a Sociedade de Socorro.

Irmã Winder: Exatamente... mais ou menos como preparamos os filhos para a missão. As Lauréis poderiam ser convidadas, ocasionalmente, para se juntar às mães, na reunião de Economia Doméstica. Uma jovem de destaque do PAS também pode ser convidada a falar em uma aula das Moças sobre a Sociedade de Socorro.

Irmã Doxey: Depois, quando passarem a frequentar a Sociedade de Socorro, devemos ter algo maravilhoso e vital para lhes oferecer.

O entrosamento imediato é muito importante. Por exemplo, as líderes da Sociedade de Socorro poderiam designar essas jovens para serem professoras visitantes.

Pergunta: Com relação às professoras visitantes, o que gostariam de dizer às mulheres da Igreja?

Irmã Winder: É vital que toda irmã tenha suas professoras visitantes, para fazê-la sentir-se necessária, sentir que alguém a ama e se preocupa com ela. Mas, igualmente importante, é como a professora visitante é capaz de crescer em caridade. Designando as mulheres para professoras visitantes, nós lhes damos oportunidade de desenvolver o puro amor de Cristo, que pode ser a maior bênção de sua vida.

Irmã Evans: Lembro-me de uma presidente da Sociedade de Socorro de ala que conheci na Irlanda. Não tendo carro, nem telefone, ela faz as visitas de bicicleta. E fica maravilhada com seu trabalho.

Pergunta: Nossa congregação engloba mulheres das mais variadas condições. A seu ver, o que nos consegue unir?

Irmã Evans: Nosso compromisso com o evangelho. Tenho visto grandes e dedicadas mulheres em todo lugar que passo — mulheres felizes em servir nos seus chamados, desejosas de saber mais sobre o evangelho.

Irmã Winder: Nas pequenas comunidades que visitei, no norte do Maine, encontrei mulheres labutando juntas, quase que pela sobrevivência, naquele clima tão rigoroso. Em seguida, nas áreas mais povoadas, vi mulheres lidando com problemas diferentes... “afazeres mil” e as exigências da vida urbana. Mesmo assim, havia uma corrente comum de dedicação e compromisso, sem levar em conta o ambiente físico.

Pergunta: No início da Sociedade de Socorro, os serviços prestados pelas mulheres umas às outras representava literalmente, a salvação de vidas. Numa época de maior conforto para muitas de nós, como podemos ajudar-nos?

Irmã Winder: Não estou certa se esta época é de maior conforto. A tensão social e emocional, bem como as crescentes dificuldades econômicas fazem desta uma época em que medidas de salvação de vidas sejam também necessárias.

Irmã Doxey: Estive, recentemente, no Mississippi, EUA, onde as irmãs têm de fazer longas viagens para poderem reunir-se, e onde o trabalho de professoras visitantes leva o dia inteiro. Elas *precisam* dessa fraternidade de um modo muito real.

Irmã Winder: Uma amiga minha, da Cidade do Lago Salgado sofre de uma doença debilitante. Ela anda em uma cadeira de rodas e dirige um carro especialmente equipado para poder fazer as visitas. Depois de apanhar a companheira, dirige-se à casa de uma irmã. Esta irmã sai da casa e se senta no carro, para minha amiga dar a mensagem. Ela tem um espírito tão animado e carinhoso, que as vizinhas muitas vezes vêm reunir-se em volta do carro.

Irmã Evans: Sacrifícios como esses atraem o Espírito em grande abundância. É claro que não precisamos viver isoladas ou em

dificuldades para fazer sacrifícios que tragam o Espírito. Conheço algumas mulheres em situação muito confortável e que realmente dão tudo de si.

Irmã Joan Spencer, secretária: Recordo-me de uma irmã abastada do Arizona. Uma jovem, conhecida dela, teve de gastar todas as economias destinadas à missão, para pagar as contas de hospital de sua mãe, que estava muito doente. Essa mulher maravilhosa financiou a missão da jovem. Tanto ela como o marido entendem que, tendo sido tão abençoados, têm a obrigação e grande oportunidade de compartilhar o que é seu com outros.

Pergunta: Parece haver certas reservas por parte de algumas mulheres que estão em situações diferentes — casadas versus solteiras, as que trabalham fora versus as que não trabalham fora. O que as mulheres da Igreja têm em comum?

Irmã Winder: Fico impressionada com a atitude das mulheres nos primórdios da Igreja. Elas se uniam, algumas com muitos recursos, outras com poucos, para se ajudarem mutuamente. Juntas, elas enfrentavam seus problemas. É a fé nos princípios do evangelho que nos une. E se ficarmos unidas, teremos forças para perseverar.

Irmã Doxey: Toda mulher é uma filha de Deus. “Estamos guardando os mandamentos? Estamos crescendo em caridade?” A situação ou condição de uma mulher é menos importante do que esses aspectos básicos que todas compartilhamos.

Pergunta: As diferenças geográficas e culturais criam uma grande diversidade entre nós. Até onde as líderes locais podem adaptar o currículo básico a fim de atender suas necessidades?

Irmã Doxey: Sempre encorajamos as líderes a *adotar* uma lição antes de *adaptá-la*. Sabemos, é claro, que as lições precisam ser adaptadas às necessidades das irmãs de várias culturas.

Irmã Evans: Pode haver uma



Irmã Barbara W. Winder, presidente geral da Sociedade de Socorro.



Irmã Joy F. Evans, primeira conselheira.



Irmã Joanne B. Doxey, segunda conselheira.



Irmã Joan Spencer, secretária-tesoureira.

determinada necessidade em determinada ala... algum tipo de tragédia ou, talvez, a ida de alguém pela primeira vez ao templo, o que pode exigir algum material adicional. Em momentos assim, um discurso de conferência ou um artigo de *A Liahona*, talvez possam ser úteis. Muitas lições dão margem a isso.

Pergunta: Como as lições do curso de estudo da Sociedade de Socorro estão sendo recebidas pelas irmãs no mundo inteiro?

Irmã Evans: Estamos surpresas de quão uniformemente positivas têm sido as reações das irmãs. Elas parecem gostar muito delas. Suas reações, porém, parecem variar muito de acordo com a capacidade da professora. É importante estarmos sempre cônscias da necessidade de aperfeiçoar nossas habilidades didáticas pelo fortalecimento dos programas “em serviço”.

Irmã Doxey: Todo nosso currículo destina-se a desenvolver uma profunda fé no Senhor Jesus Cristo. Cada lição deve ressaltar os princípios do evangelho, que são os guias para desenvolver esta fé. E isto pode acontecer durante qualquer aula... de Serviço e Solidariedade, Relações Sociais, Refinamento Cultural, Educação Maternal e Economia Doméstica, assim como nas de Viver Espiritual.

Irmã Winder: Esperamos que cada mulher entenda seu direito e privilégio de agir livremente com sua conseqüente responsabilidade. É evidente que precisamos de conhecimento para tomar decisões inteligentes. Quando aprendemos a obedecer e a levar uma vida consistente com nossas crenças, ganhamos integridade, que evita grande parte das aflições. Encontramos propósito na vida e somos mais felizes quando estamos comprometidos com o evangelho.

Pergunta: Nossa congregação agora inclui mulheres de países onde a grande necessidade é regra e não exceção. Quais são nossas responsabilidades para com elas?

Irmã Winder: Temos grande

preocupação com as mulheres dessas regiões do mundo, que não têm algumas das bênçãos que outras gozam. Sabemos que nosso díizimo e ofertas têm um efeito palpável na vida daquelas em necessidade, o que é um grande alívio.

Irmã Doxey: Nas montanhas da Guatemala, os líderes do sacerdócio ensinaram ao povo melhores métodos, de plantar milho, como lavrar a terra, e como tornar o solo mais fértil. Lá, as pessoas estão aprendendo a cuidar melhor de si, e a alimentar adequadamente os filhos. Vejo esses esforços como uma oportunidade ligada ao sacerdócio, aos quais a Sociedade de Socorro pode dar pleno apoio.

Irmã Winder: Penso, também, na grande obra de construção de templos. E através do díizimo e ofertas podemos apoiar a obra missionária da Igreja. Precisamos saber que estamos, de fato, fazendo algo para abençoar a vida de nossos irmãos e irmãs de todo o mundo.

Pergunta: O que está descrevendo é uma forma ordenada de doação sob a direção do sacerdócio?

Irmã Doxey: Sim, o sistema já está estabelecido. As ferramentas estão disponíveis. Só nos resta fazer uso dessas ferramentas que o Senhor proveu. Sob a direção do sacerdócio, podemos abençoar a vida do próximo. Como mulheres, nossa preocupação ultrapassa nossa esfera para toda a missão da Igreja. Estamos preocupadas com a obra missionária, e com a obra genealógica e ordenanças vicárias.

Irmã Evans: Quando estive na Nova Zelândia e no Tahiti, ouvi uma mulher dizendo: “Estamos-nos ensinando, mutuamente, a sermos dignas de ir ao templo.” Que coisa maravilhosa!

Irmã Winder: Nosso propósito é incentivar cada mulher a se fortalecer no entendimento do evangelho, a se esforçar com suas irmãs e com o sacerdócio. A palavra *esforçar* é uma palavra de trabalho. Esforçar-se não é fácil, mas traz recompensas genuínas: compromisso, fraternidade e a alegria do evangelho. ■



CÉSAR AEDO: CONTADOR DE HISTÓRIAS SEM PALAVRAS

Don L. Searle

Ele estica ao máximo seus um e sessenta e cinco de altura, apruma os ombros esguios, faz cara de mau e se transforma no orgulhoso gigante Golias, desafiando os exércitos hebreus. No instante seguinte, ele é o jovem Davi, andando sorrateiramente pela encosta do morro com uma funda.

Então, com a mesma rapidez se transforma num fatigado pioneiro, puxando seu sobrecarregado carro de mão pelas planícies americanas. Os músculos contraídos dos braços e cada passo arrastado das pernas musculosas demonstram a dificuldade da tarefa.

Nenhuma palavra é articulada, mas ele fala ao coração e a gente entende.

César Aedo é um mímico que se vem tornando, rapidamente, conhecido na Europa. É um ex-aluno do mestre francês Marcel Marceau e tem-se

apresentado ao vivo e pela televisão na Alemanha, França e Suíça, bem como em vários países da América do Sul e Central. Em maio de 1984 fez sua primeira apresentação nos Estados Unidos. Agora assinou contrato com o Circo KNIE, um dos melhores da Europa ocidental.

Tanto no palco como fora dele, ele se mostra sempre animado, espontâneo e vivaz. Ouvindo-o falar de sua carreira, torna-se óbvio que a mesma intensidade que empresta a suas representações, ele coloca em todas as coisas que considera de valor na vida.

O Irmão Aedo é um ex-missionário, natural de Lima, Peru. Era um grande sacrifício para seu pai, um alfaiate, prover as necessidades básicas de sua grande família; mas o jovem César tinha muita vontade de estudar e obedecer ao conselho do profeta de que deveria cumprir missão. Ele sabia que seria necessário seu próprio esforço para obter tais bênçãos. Então, como já foi contado no livro de lições da Primária, de 1982, ele trabalhou lavando e encerando carros perto da escola para financiar os estudos e, mais tarde, sair em missão. A missão significava tanto para ele que não permitiu que nem uma apendicite o afastasse de seu objetivo por muito tempo. Cinco dias após a cirurgia, já estava de volta ensinando e fazendo a obra missionária. "Tenho de trabalhar. Eu sou um missionário", explicava simplesmente.

Após a missão, estudou Sociologia na Universidade Villareal, em Lima. Mas, sua grande paixão eram as artes dramáticas, por isso resolveu estudá-las também. Na verdade, seu estudo da arte de representar começara muito antes, quando tinha apenas seis anos. Ele assistia regularmente às aulas de

instrução religiosa na igreja a que então pertencia, porque, depois delas costumavam passar filmes antigos para os jovens, e ele era fascinado pelos filmes mudos de Buster Keaton, Charlie Chaplin e Harold Lloyd. César tinha nove anos quando os missionários levaram o evangelho a sua família. Aos onze anos já se apresentava nos *shows* de talento do ramo.

Depois de ter estudado na Universidade Villareal, o Irmão Aedo resolveu fazer estudos mais avançados sobre ciência política na Europa. Ele trabalhou como mímico em vários países da América do Sul e Central, até economizar dinheiro suficiente para voar para a Europa. “Fui para a Europa com meu talento e nada mais”, lembra ele.

Uma série de acontecimentos, que ele considera providenciais, impediram que iniciasse seus estudos políticos de imediato. Passou várias semanas, em fins de 1979 e começo de 1980, visitando sua irmã em Genebra, Suíça... tempo suficiente para decidir que ao invés de estudar ciência política ele queria mesmo era estudar mímica com o homem mundialmente conhecido como o mestre. O Irmão Aedo sabia que, se perseverasse, o conseguiria através da fé. Por isso voltou a Paris e persistiu até que finalmente pôde falar com Marcel Marceau e se tornar um de seus alunos.

Passou três anos estudando com *Monsieur Marceau*, não somente a arte da mímica, mas também arte dramática, dança moderna e clássica, acrobacia e esgrima. Foi um dos poucos alunos capazes de pagar seus estudos e demais despesas com dinheiro ganho em apresentações de fim-de-semana e durante o verão. Atualmente, estuda com o homem que ensinou o mestre, o mentor de *Monsieur Marceau*, Etienne Decroux, de oitenta e seis anos. Ele também continua estudando dança clássica.

Seu forte é a comédia. Um de seus melhores números é o do viajante que não consegue partir porque não consegue mover uma mala excessivamente pesada. A mala, por fim, fica dependurada na ponta do braço do mímico, e depois de todo esforço de seu corpo, pretensamente incapaz de movê-la... a mala se abre e só sai um lenço!

Sua arte também tem o lado sério. “Tenho muita fé em Cristo”, enfatiza, acrescentando que os talentos nos são dados na terra para ajudarmos outros, como o Salvador ensinou. O Irmão Aedo usa seu talento para ajudar, proporcionando alegria a outros e, conforme espera, retratando aspectos positivos da vida.

Ele gosta de dramatizar algumas histórias das escrituras. Tipicamente, ele as ilustra com uma demonstração. Primeiro é o irmão humilde, santo, fazendo sua oferta ao Senhor, e depois se transforma no orgulhoso, invejoso e cruel. O observador sente a piedade de Abel e a crueldade de Caim, nessa cena.

A arte de César Aedo tem, também, ajudado outros de forma bem palpável com seu trabalho, pôde financiar a missão de um seu irmão, no Canadá, e levar outros irmãos para estudar em Paris.

“Tenho podido ajudar toda minha família; não quero vangloriar-me; eu devo ao Senhor ter sido capaz de fazer tudo isto.”

Agora, aos trinta anos, ele frequenta a Ala de Solteiros de Paris. Apesar de sua vida ter sido, até agora, repleta de trabalho, estudo e serviço ao próximo, ele pretende ainda se casar e constituir uma família.

“Ya viene”, é seu lema, comum nos países de língua espanhola. “Já virá.” ■



PATERNIDADE: TUDO RELACIONADO AO CORAÇÃO

Patricia T. Holland

Primeira conselheira na Presidência Geral das Moças

Quando perguntaram a uma garotinha de quatro anos por que seu irmãozinho, ainda bebê, estava chorando, ela pensou por um momento e respondeu: “Bem, se você não tivesse cabelos, não tivesse dentes e suas pernas fossem bambas, você também choraria.”

Todos nós viemos ao mundo chorando e um pouco bambos. Por isso, o fato de os pais tomarem uma criança recém-nascida, que não passa de um feixe de potencialidades, e amá-la, e guiá-la, e possibilitar que dela surja um ser humano funcional é o maior de todos os milagres da ciência, a maior de todas as artes.

Quando o Senhor criou os pais, criou algo incrivelmente próximo ao que ele é. Nós, que temos dado vida a filhos, temos o conhecimento inato de que este é o maior chamado, a mais sagrada das designações... e é por isso que a mais leve falha nos causa um frustrante desespero.

Mesmo com as melhores intenções e os esforços mais sinceros, alguns de nossos filhos não são o que gostaríamos de que fossem. Às vezes, é muito difícil comunicar-se com eles. Podem estar com problemas na escola, ou emocionalmente perturbados, ou mostrar-se abertamente rebeldes ou apenas terrivelmente tímidos. Há inúmeras razões para que continuem um pouco vacilantes.

E parece que mesmo quando nossos filhos não estão tendo problemas, uma preocupação constante nos mantém imaginando como evitar-lhes tais caminhos dolorosos. Vez por outra, nos achamos pensando: “Será que estou fazendo um bom trabalho? Será que eles se sairão bem? Será que devo bater neles, ou argumentar com eles? Devo controlá-los ou ignorá-los?” A dura realidade faz com que até mesmo os melhores de nós fiquemos inseguros como pais.

Recentemente reli, no meu diário, o que escrevi quando era ainda uma jovem e apreensiva mãe:

“Oro, continuamente, para que nunca faça nada que prejudique meus filhos emocionalmente. Se acontecer, por acaso, de magoá-los de alguma forma, oro para que eles saibam que o fiz inconscientemente. Sempre fico angustiada por coisas que disse ou fiz

sem pensar, e oro para não repetir esses erros. Oro para que não faça nada que estrague meu sonho para meus filhos. Necessito desesperadamente de ajuda e direção, principalmente quando percebo que falhei com eles.”

Bem, reler isto após todos esses anos, me possibilita ver que meus filhos se estão saindo surpreendentemente bem, apesar de terem tido uma mãe tão nervosa. Estou compartilhando isto com vocês para mostrar-lhes, acima de tudo que sou como vocês — uma mãe, carregando um fardo de culpa por erros passados, pouca confiança no presente, e medo de erros futuros. Acima de tudo, quero que cada pai ou mãe, que ler estas palavras, tenha esperança.

Visto que praticamente nenhum de nós é profissional em educação infantil, vocês podem imaginar por que fiquei tão animada ao ouvir o que segue de um perito. Ele, um membro do corpo docente da Universidade Brigham Young, disse-me um dia: “Pat, a paternidade não tem quase nada a ver com treinamento; tem tudo a ver com o coração.” Quando pedi que me explicasse melhor, ele disse:

“Muitas vezes os pais pensam que a razão de não conseguirem comunicar-se com os filhos é falta de capacidade. Comunicação não é tanto uma questão de habilidade como de atitude. Quando nossa atitude é a de um coração quebrantado e humilde, de amor e interesse pelo bem-estar de nossos filhos, *isso* cultiva a comunicação. Nossos filhos reconhecem o esforço de nossa parte. Por outro lado, quando nos mostramos impacientes, hostis ou ficamos ressentidos, não importa que palavras escolhamos ou como tentemos camuflar os sentimentos, essa atitude será captada por seus corações sensíveis.”

Jacó, no Livro de Mórmon, disse que precisamos prostrar-nos em profunda humildade e nos considerar insensatos diante de Deus, se quisermos que ele nos abra o portão dos céus. (Veja 2 Néfi 9:42.)

Essa humildade, incluindo a capacidade de admitir os erros, são ambas requisito fundamental para receber ajuda divina e conquistar o respeito dos filhos.

Minha filha é uma jovem com

talento para a música. Por muitos anos pensei que ela não cultivaria esse talento a menos que ficasse supervisionando, qual feitor de escravos, seus estudos ao piano. Certo dia, lá pelo começo de sua adolescência, notei que minha atitude, provavelmente útil no passado, agora estava afetando nosso relacionamento. Dividida entre o medo de que ela não desenvolvesse plenamente esse dom dado por Deus e a realidade de um relacionamento cada vez mais tenso quanto ao assunto, fiz o que vi minha própria mãe fazer quando se defrontava com um grande desafio. Fui para meu lugar secreto e derramei minha alma em oração, buscando a única sabedoria que poderia ajudar-me a manter um relacionamento aberto — o tipo de sabedoria e ajuda que vem da língua dos anjos. Ao me levantar da oração, sabia o que tinha de fazer.

Como faltavam só três dias para o Natal, dei a Mary um presente, com um bilhete. Nele escrevi: “Querida Mary, sinto muito pelo conflito que tenho causado, agindo como um guarda ao piano. Devo ter parecido uma boba ali — só você, eu e minhas armas. Perdoe-me. Você está-se tornando uma moça. Eu só estava preocupada que você não se julgasse totalmente segura e realizada como mulher se deixasse seu talento inacabado. Eu amo você. Mamãe.”

Naquele dia ela me procurou, e num canto silencioso da casa, disse: “Mãe, eu sei que a senhora só quer o melhor para mim, e sempre soube disso. Mas, para tocar bem piano, *sou eu* que terei de praticar, e não a senhora!” Então, ela me envolveu com seus braços e, com lágrimas nos olhos, acrescentou: “Eu desejava dizer isto a você, mas de alguma forma, você compreendeu tudo sozinha.”

Alguns anos mais tarde, quando Mary e eu recordamos esta experiência, ela me confessou que minha capacidade de dizer “Sinto muito, eu errei, por favor, me perdoe”, deu-lhe um grande senso do próprio valor, porque fez com que ela se considerasse importante o suficiente para merecer desculpas da mãe e que, às vezes, os filhos podem estar certos. Eu me pergunto: Será que podemos receber revelação pessoal, sem nos humilharmos diante de Deus? Será que



ter amizade e ensinar os filhos não requer que nos tornemos mais como crianças? Não deveríamos compartilhar nossos mais profundos receios e dores com eles, bem como nossas mais altas esperanças e alegrias, em vez de simplesmente tentar ensiná-los, dominá-los e repreendê-los a todo momento?

Gostaria de encerrar, contando uma experiência recente.

Por três dias seguidos, meu filho Duffy (que tem onze anos e joga no time de futebol americano da escola), aparecia de surpresa de um canto qualquer de nossa casa, para me agarrar como fazem os profissionais do futebol americano. Na última vez, no esforço de evitar o ataque, caí no chão e bati no abajur; meu cotovelo direito virou e foi parar perto da sobrelha. Perdi a paciência e o repreendi por me fazer seus ataques bobos.

Sua resposta enterneceu meu coração, quando disse com lágrimas rolando pela face: "Mas, mamãe, a senhora é a melhor amiga que um rapaz poderia ter. Pensei que fosse tão divertido para você, como é para mim." E acrescentou: "Faz muito tempo que venho pensando no que direi em minha primeira entrevista, quando ganhar o troféu de melhor jogador. Quando me perguntarem como cheguei a ser tão bom, eu lhes direi: 'Eu pratiquei na minha mãe!'"

Todo filho tem de praticar na sua mãe e, o que é mais importante, toda mãe tem que praticar no seu filho. Este é o caminho do Pai Celestial para que pais e filhos alcancem a exaltação. Mencionei, no começo, que todos viemos ao mundo chorando.

Considerando todos os propósitos da vida, talvez seja compreensível que continuemos a derramar uma ou duas lágrimas de vez em quando. Mas, é bom lembrar que eles são filhos de Deus, assim como nossos também. E, acima de tudo, saber que quando precisamos de ajuda podemos atravessar o véu para consegui-la, deve-nos dar esperança resplandecente e segura.

Presto-lhes testemunho de que Deus nunca nos abandonará nessa experiência divinamente designada, e que nunca devemos desanimar com nossos filhos ou conosco mesmos. Em nome de Jesus Cristo, Amém. ■

Ilustrado por Mark Robison

QUANDO OS FILHOS SE REBELAM

Como pais, queremos que os filhos cresçam humildes e obedientes às leis de Deus. Mas, nem todos os filhos crescem desse modo, e muitos pais têm um filho rebelde. Sabemos que amor e cuidados com os filhos podem não ser suficientes para produzir obediência. Filhos amados e ensinados podem, ainda assim, tornar-se rebeldes. Eles desobedecem, deliberadamente, a importantes regras familiares ou princípios do evangelho, continuam com um comportamento rebelde por muito tempo, e muitas vezes não demonstram pesar por suas atitudes. Sua conduta pode incluir profanidade crônica, imoralidade, uso de álcool e drogas, e cabular aulas. Muitas vezes essa rebelião começa com a não freqüência à Igreja.

Como os filhos são livres para escolher eles, às vezes, fazem a escolha errada. Embora não possamos obrigar ninguém à retidão, podemos ensiná-los por preceito e exemplo e, então, orar para que tenham a influência do Espírito Santo para escolher o que é certo. Ter um filho rebelde pode ser uma experiência frustradora e desalentadora. No entanto, embora não devamos *obrigar* os filhos a obedecer, há muito que podemos fazer.

O comportamento rebelde, muitas vezes, é resultado de alguma necessidade não satisfeita. Se não temos uma atmosfera de amor e respeito em casa, os filhos podem não querer seguir nossos ensinamentos. Os filhos precisam de liberdade para crescer, desenvolver-se, tomar decisões e aprender pelo uso desta liberdade. Se os reprimirmos com regras ou formos muito rígidos e exigentes, os filhos poderão rebelar-se só para nos embarçar. Por outro lado, se formos muito permissivos ou não lhes dedicarmos tempo suficiente, eles poderão sentir-se ignorados. Neste caso, mostram-se rebeldes para atrair a atenção.

Os filhos poderão, também, ser rebeldes se nos virem dando mau exemplo. Não podemos ser hipócritas, dizendo uma coisa e fazendo outra, e esperar que os filhos sejam obedientes

Não podemos, por exemplo, trazer video-cassetes inadequados para casa, pular as “partes ruins” (porque já assistimos ao filme), e depois esperar que os filhos escolham bons filmes.

Às vezes, os filhos pequenos provam sua independência desobedecendo a regras familiares. É um erro ignorar esse tipo de comportamento. Há muitos modos de os filhos se sentirem independentes sem quebrar regras familiares. Se nós estipularmos os limites com firmeza, imparcialidade e coerência, enquanto os filhos são ainda pequenos, ajudá-los-emos a evitar rebeldias mais sérias futuramente.

Os pais muitas vezes se culpam pelo mau comportamento dos filhos. Quer isto seja ou não verdade (os filhos são influenciados por muitas pessoas e coisas alheias ao ambiente familiar), não ajuda em nada perder tempo nos culpando. Nem leva a nada achar que outros nos estão culpando. Muito freqüentemente esse sentimento de culpa nos afasta das reuniões da Igreja, e de outros lugares e pessoas que nos poderiam ajudar. É muito melhor reconhecer que existe um problema e, então, tentar resolvê-lo.

Consideremos algumas coisas que nós, pais, podemos fazer para ajudar um filho rebelde.

A primeira coisa, talvez, que podemos fazer seja nos olhar bem de perto, com sinceridade. O Élder Boyd K. Packer, do Conselho dos Doze, nos deu este conselho: “Pais, podemos considerar primeiro a parte mais dolorosa de seu problema? Se vocês desejam reaver seu filho ou filha, por que não desistem por um pouco de querer modificá-los, e concentram-se em si próprios? As mudanças devem começar com vocês, não com os filhos.

Vocês não podem continuar fazendo o que têm feito (*ainda que pensem ter agido acertadamente*) e esperar modificação na conduta dos filhos, quando o seu comportamento foi uma das coisas que o produziram.

São vocês, e não os filhos, que necessitam de imediata atenção.

Bem, existe uma ajuda substancial para vocês, se estão dispostos a aceitá-la...

“E se procuram uma cura *que ignora a fé e a doutrina religiosa, estão buscando onde nunca irão encontrá-la...*

“Desde que pais e mães reconheçam que existe Deus e que somos filhos dele, terão força para enfrentar problemas como este e sair vitoriosos.

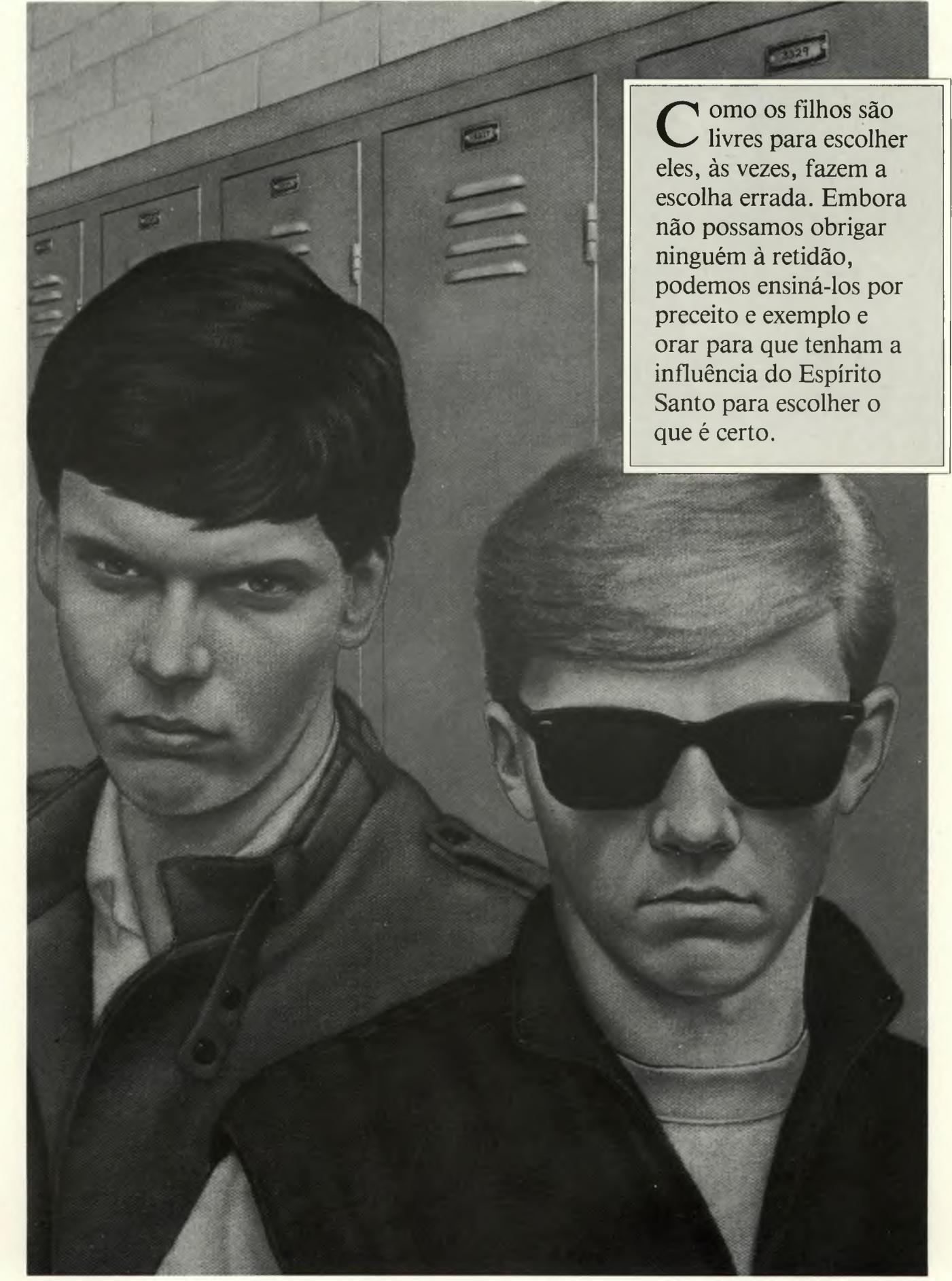
“E se fosse preciso acontecer um milagre? perguntam vocês. Bem, se for necessário mesmo, por que não?” (*A Liahona*, maio de 1971, p. 29.)

Como pais, precisamos examinar e mudar nossas próprias atitudes. Uma atitude-chave que os pais quase sempre podem tomar é a de restabelecer (ou estabelecer pela primeira vez), um relacionamento positivo com o filho. Muitas vezes um filho se rebela porque se considera solitário, ignorado ou sem valor. Ele usa o mau comportamento para chamar atenção. Dando-lhe atenção, você o ajudará a sobrepujar esses sentimentos.

Desenvolver um bom relacionamento exige tempo e sacrifício. Precisamos conversar com os filhos e não apenas falar-lhes, e ter atividades com eles.

Certa mãe contou sua tentativa inicial de fazer alguma coisa com a filha adolescente hostil. Há algum tempo a filha vinha-se dando com um grupo de jovens cuja conduta — beber, freqüentar festas até tarde da noite, cabular aulas — dera margem a muitos conflitos em casa. Logo, o único tipo de diálogo que a jovem mantinha com os pais era gritar e culpá-los. A mãe, compreendendo finalmente até que ponto seu relacionamento se havia deteriorado, decidiu fazer algo a respeito.

A filha não queria saber de fazer fosse o que fosse com a mãe, mas permitia que ela a levasse de carro, à escola todas as manhãs. As primeiras semanas foram tensas, a conversa se limitava a simples perguntas cujas respostas eram sim ou não. Mas, com o passar do tempo e vendo que a mãe não a criticaria ou condenaria, a filha começou a falar mais abertamente sobre sua vida e sentimentos com a mãe. As caronas para o colégio se tornaram mais agradáveis, e a jovem encontrou na mãe uma amiga leal.



C omo os filhos são livres para escolher eles, às vezes, fazem a escolha errada. Embora não possamos obrigar ninguém à retidão, podemos ensiná-los por preceito e exemplo e orar para que tenham a influência do Espírito Santo para escolher o que é certo.

Uma adolescente rebelde não queria saber de fazer fosse o que fosse com a mãe, mas permitia que ela a levasse de carro à escola todas as manhãs. A princípio, as caronas foram difíceis porque seu relacionamento era tenso, mas, com o tempo, a filha começou a falar mais abertamente sobre sua vida e sentimentos com a mãe.



Um filho rebelde necessita de nosso amor constante. Mesmo que não concordemos com seus atos, podemos aceitá-lo e amá-lo, mantendo-o no círculo familiar, onde podemos ensiná-lo e encorajá-lo.

Aceitar um filho rebelde não significa permitir que ele nos use ou que continue num caminho prejudicial a outros. Uma irmã viúva, cujo filho adolescente queria fumar em casa, informou-lhe a regra que governava seu lar: “Eu amo você, mas nesta casa seguimos os padrões do evangelho.” Quando o filho ameaçou sair de casa, ela respondeu: “Você será sempre bem-vindo aqui, e será amado não importa onde viva, mas enquanto estiver aqui a regra desta casa continuará a mesma.”

Não devemos permitir que um filho rebelde nos leve a negligenciar outros membros da família. Embora um filho rebelde tome muito de nosso tempo e recursos, não podemos ignorar os outros filhos. Nós somos responsáveis por aqueles que não são rebeldes.

Também é importante sermos atenciosos para com nosso cônjuge e unidos com ele. Não se deve permitir que um filho rebelde separe os pais.

Há esperança de que ele mude, mas precisamos ser pacientes e aceitar ajuda. O Élder Loren C. Dunn, do Primeiro Quorum dos Setenta, nos aconselha: “Há uma tentação sofrida pelos pais de ‘largar’ os filhos, especialmente quando estes parecem exibir-se e desrespeitar a conduta e leis morais que os pais acatam e que governam o lar, e quando parecem rebelar-se contra qualquer esforço paterno para corrigi-los ou indicá-lhes um caminho melhor.

“A tragédia de nossos tempos, ao olharmos em torno, é ver jovens em quantidade vagando à deriva — alguns em apuros e outros provocando conflitos na sociedade. Talvez não seja fácil admitir que também a esses o Pai Eterno chama de seu filho e filha.

“Oh, *que possamos nós, os pais, nunca abandonar os filhos em algum caminho escuro e perigoso, por mais difícil que seja e não importa o que os tenha colocado naquela situação.* Quando alcançarem o ponto — e, às vezes, leva um tempo penosamente longo — em que necessitam de nós, *rogo que tenhamos a força de não os desamparar.*” (A *Liahona*, maio de 1971, p. 27.)

Não desanimemos com os filhos. Se lhes ensinamos princípios corretos, se fizermos as mudanças necessárias em nossa vida, se sempre os amarmos, muitos filhos rebeldes mudarão de

comportamento. O processo pode levar anos, mas não devemos perder a esperança.

Não precisamos carregar o fardo de um filho rebelde sozinhos. Partilhar o fardo com mais alguém, além da própria família... o bispo, amigos íntimos, conselheiros ou outros pais que tenham tido uma experiência semelhante, pode ser de grande ajuda. O Senhor é nossa maior fonte de apoio, e sempre podemos compartilhar as preocupações com ele.

Nada traz mais angústia a pais que vivem em retidão, do que um filho rebelde. A intensidade com que o filho viola regras familiares e os mandamentos pode exaurir os pais, levando-os ao limite de resistência. Mas, não adiantará nada entregar-se a sentimentos de culpa e de indignidade. Ao invés disso, podemos voltar para o Senhor. Ele pode-nos abençoar com paciência para suportar tal comportamento, enquanto nos inspira o que fazer para mudá-lo. O Senhor abençoará todos os nossos *esforços*, mas não irá além disso. Nossos filhos continuarão sendo seus próprios árbitros. Nem o Senhor nem nós podemos obrigá-los, mas podemos fazer o máximo possível para ajudá-los e influenciá-los.

“Acho que um filho tem o direito de estar certo e o direito de estar errado, sabendo que os pais permanecerão ao lado dele, seja o que for.” (A *Liahona*, maio de 1971, p. 27.) ■

Mãos à Obra!

Uma vez lido este artigo, estas sugestões poderão ajudá-los a aplicar o que leram em família:

1. Se vocês tem um filho rebelde, pensem em como seu filho pode ter interpretado seu interesse ou desinteresse nele. O que podem fazer para demonstrar mais interesse por ele? O que podem fazer nesta semana? Que costumes ou tradições poderiam estabelecer com ele?

2. Examinem suas atitudes de perto. Algumas delas poderiam ter influenciado seu filho a se rebelar? O que podem fazer para mudar suas atitudes?

3. Que interesses, passatempos e amigos tem seu filho? A que programas de televisão ele gosta de assistir? Que tipo de música ele gosta de ouvir? Poderiam algumas dessas coisas estar produzindo um efeito negativo nele? Discutam meios de minimizar essas influências.

4. Vocês têm orado a respeito de seu filho? Vocês têm jejuado, se necessário?

UMA TARDE NO HAVAÍ

Kris Mackay

O barulho é do que mais se recorda Gordon Daniels. Do implacável estrondo da rebentação, com ondas de três a cinco metros de altura espatifando-se contra os rochedos e enchendo o ar com uma forte bruma até o próprio ar tornar-se quase líquido. Aquele estrondo tornava quase impossível conversar.

O céu estava nublado naquele dia,

sem as costumeiras nuvens fofas e brancas flutuando suavemente no firmamento azul, mas escuro e ameaçador, e o vento uivava ao longo dos rochedos.

Havia vinte e quatro rapazes adolescentes naquela tarde, apreciando a vista na praia ao norte de Maui Ocidental, no Havai, depois de mais de dois meses colhendo abacaxis. Era seu

último dia de folga antes de mais uma semana; depois fariam turismo pelas ilhas durante outra semana e voltariam para casa, nos Estados Unidos continental. A maioria dos rapazes, supervisionados por Gordon, já tinha seus cheques de viagem guardados nos bolsos. Eles haviam ouvido falar de uma espetacular abertura nas rochas por onde a rebentação jorrava com força. Essa abertura ficava no centro de uma rocha tabular, no outro lado da ilha, e os rapazes pediram permissão para ir vê-la.

Todos ficaram surpresos, pois a área



Os espectadores, sem saber o que fazer, mal podiam ouvir as palavras de Greg: “Não estou conseguindo. Precisamos de ajuda.”

norte era deserta, sem o viço ou verde do Havá a que estavam acostumados até então. O terreno lhes lembrava paisagens da lua. Não havia grama, árvore ou qualquer outro tipo de vegetação viva em todas as direções, nem mesmo um grão de areia para delinear a praia. Aguçados e irregulares rochedos de lava vulcânica desciam gradualmente até desaparecer na beira da água.

Dois grupos de doze rapazes, cada qual com seu supervisor, formavam a caravana naquele dia, viajando em um furgão e um caminhão.

Os rapazes da turma de Doug Carlsen chegaram lá dois ou três minutos antes dos da turma de Gordon. Quando desceram, devagarinho, pelas encostas acidentadas, até chegar à superfície lisa do rochedo tabular, Gordon e seu grupo encontraram seis ou sete dos rapazes sentados em volta da abertura, balançando as pernas lá dentro.

Ninguém imaginava que aquilo podia ser muito perigoso. Era uma brincadeira emocionante safar-se segundos antes que o jato d'água saísse. A cada trinta e cinco ou quarenta segundos outra onda golpeava os rochedos abaixo deles e arremessava um jato, através da passagem, numa torrente furiosa que subia uns quinze metros no ar, mantinha-se suspenso por um

momento e voltava a cair pela abertura de quase um metro, fazendo ush! Que emocionante!

A área toda era úmida e escorregadia, e quando os rapazes de Gordon correram ao encontro de seus amigos, avisaram-se mutuamente para não se desviarem para o lado do mar. Eles ficaram arrepiados só em pensar em escorregar e cair do rochedo, mas a idéia lhes parecia praticamente impossível. Ninguém esperava que acontecesse.

Então, sem dar aviso, um jato muito mais forte que os demais, explodiu com uma força tal que os obrigou a correr oito metros rochedo acima. Logo a seguir se ouviu um grito: “Onde está Mike?” E uma voz respondeu num lamento: “Creio que o vi ser tragado pela torrente!”

É estranho como os sons dos elementos parecem diferentes aos nossos ouvidos depois de se tornarem a voz do inimigo. O entusiasmo de momentos atrás, agora se transformara em terror.

Os dois líderes horrorizados correram para examinar as profundezas da passagem, que estava escura como breu. Quase que instantaneamente afastados de lá pelo jato, eles retornaram para vasculhar inutilmente a escuridão onde Mike desaparecera.

Gritaram e gritaram seu nome e não houve resposta. Por três vezes a água jorrou no ar, obrigando-os a se afastar, e por três vezes eles voltaram gritando seu nome contra o vento.

Entre a terceira e a quarta erupção, houve uma resposta, e foi bem clara: “Sim, eu estou aqui embaixo, e creio que estou bem.” Eles suspiraram de alívio, pois em cada jato de água esperavam ver pedaços do corpo despedaçado de Mike.

Todos os rapazes tiraram as calças e as amarraram formando uma espécie de corda. Não se ouviam mais respostas de Mike. Baixaram a corda gritando, já roucos, que Mike se agarrasse a ela.

Mas as ondas, as intermináveis e indomáveis ondas, golpeando a costa produziam jatos sem fim. Duas vezes

mais eles baixaram a corda, e duas vezes ela foi arremessada de volta, na cara deles, vazia.

Um dos melhores amigos de Mike se ofereceu para descer, mas a idéia foi prontamente rejeitada. As torrentes subindo e descendo há séculos pela passagem, haviam alisado suas paredes, não restando nenhuma aresta para apoiar os pés. Mesmo sendo valente, ele nunca conseguiria.

Doug Carlsen sentou-se debruçado, olhando fixamente as profundezas da passagem, com o rosto branco como cera. “O que vou fazer agora? Nós temos que salvá-lo!”

Naquele momento, um objeto na baía chamou a atenção de um dos rapazes, e puderam ver que era o Mike. Ele vagava ao sabor das ondas como uma rolha, obviamente inconsciente; mas, por incrível que pareça, com a cabeça sempre fora da água.

Doug se pôs de pé, gritando: “Tenho de ir salvá-lo!” Gordon replicou: “Você sabe nadar?” “Não muito bem, mas ele é um dos meus rapazes... eu tenho de tentar!”

Então Greg Parker, os interrompeu: “Eu sei nadar bem”, gritou contra o troar da rebentação. “Sou um ótimo escoteiro. Já recebi minha insígnia de salva-vidas e tenho certeza de que conseguirei.”

Assim Greg, um rapaz bonito, de porte atlético, e com muita auto-confiança natural, caminhou cuidadosamente pelos rochedos e entrou no mar onde Mike, enquanto isso, balançava cada vez mais perto das pontiagudas e perigosas rochas de lava. Com poderosas braçadas, Greg alcançou Mike e o levou para o mar aberto, segurando-o pelo peito a maneira dos nadadores. Mike estava em estado de choque, e Greg, segurando-o com um dos braços, procurava nadar com o outro.

Mas, para onde iriam? Se nadassem para a costa, as ondas os arremessariam contra os rochedos. A água arrebatava, continuamente, sobre suas cabeças, e era impossível impedir que entrasse nos pulmões. A



água do mar, por ser salgada, quando inalada dá vontade de vomitar, tirando as forças até mesmo do mais forte dos nadadores, e o corpo de Greg estava todo dolorido.

Nesse momento, eles estavam outra vez a uns seis metros dos rochedos pontiagudos. Os espectadores, sem saber o que fazer, mal podiam ouvir as palavras de Greg: “Não estou conseguindo. Precisamos de ajuda.”

Steve Dudley gritou: “Greg é o meu melhor amigo.” E antes que alguém pudesse impedi-lo, mergulhou nas águas revoltas. Agora, ao invés de terem de se preocupar com um rapaz, havia três.

Mas ele conseguiu alcançar os outros dois, quando Mike recuperou parte da consciência.

Mike se lembrou do horror de sentir-se tragado pela torrente na sua volta e cair numa saliência, a mais ou menos

quatro metros da superfície. Ele conseguiu agarrar-se ali, temporariamente, mas não por muito tempo. A torrente de toneladas de água, correndo de volta ao mar, o arrancou dali e o arrastou através de um túnel horizontal, expelindo-o para o mar.

Agora Greg e Steve, juntos, conseguiram levar Mike para mais longe das rochas, estando relativamente seguros por um momento. Gordon, a esta altura, se virou para o outro líder de grupo e disse: “Preciso ficar só para pensar. Voltarei num minuto.”

Ele foi para trás de uma grande rocha, onde pôde ficar sozinho, e ali ofereceu uma súplica fervorosa ao Senhor. Prometeu que tudo o que tinha ou que viesse a ter, qualquer coisa que Deus lhe pedisse, ele daria, se ajudasse a salvar os rapazes.

Ao sair de trás da rocha, Gordon avistou uma pequena enseada mais ou menos doze metros à direita. Também era cheia de pedras, mas um pouco mais protegida. Se os rapazes conseguissem chegar até lá, talvez pudessem agüentar até chamarem um helicóptero. Eles já estavam lutando contra as ondas uns vinte minutos e dava para notar que estavam ficando cansados. Apesar do vento e das ondas, ele pôde ouvi-los orar: “Ó, Deus, por favor, ajuda-nos.”

Os rapazes que estavam em terra firme se ajoelharam num círculo de oração. Gordon ficou ao lado. Veio-lhe então a idéia, quase que como uma voz, dizendo: “Você tem que acalmar o mar.”

Sua primeira reação foi de choque, ante a presunção de ser capaz de invocar tamanho poder. Moisés separou as águas, mas ele era só Gordon Daniels. O pensamento de tentar algo muito além de sua compreensão o amedrontava.

A inspiração veio novamente, e pela terceira vez: “Você tem de acalmar o mar.” Essa inspiração tomou conta de sua mente e fez com que tudo o mais ficasse em segundo plano, exceto pelo pensamento preocupante: “Serei eu, algum dia, considerado responsável por fazer mau uso de minha autoridade do sacerdócio?”

Elevando os braços aos céus ordenou, em nome de Jesus Cristo, às ondas que se acalmassem até que os rapazes fossem resgatados. O círculo de oração se desfez e os rapazes se reuniram em volta de Gordon, enquanto ele repetia a ordem pela segunda vez.

Imediatamente, as ondas encapeladas que rolavam tão implacavelmente, ficaram mais calmas. Então, duas ondas gigantes, vindo de direções opostas — de onde não surgira nenhuma antes — se encontraram no ponto em que os exaustos nadadores lutavam para continuar flutuando. As ondas levantaram e levaram os rapazes uns quatorze metros mais perto da pequena enseada.

Um dos rapazes, que assistia a

tudo, havia corrido até o caminhão para pegar uma almofada impermeável. Ele a jogou aos nadadores, com toda força, enquanto um segundo par de ondas convergia de forma idêntica às duas primeiras, e empurrava os nadadores à distância que faltava. Então, estavam a só três metros da segurança da enseada. Steve pegou a almofada e a colocou debaixo de Mike, como se fosse uma prancha de surf e, em segundos, eles estavam ao alcance dos resgatadores.

O problema era que a costa, da área protegida, não era diferente do resto daquela extensão perigosa e descampada. Havia, ainda, muitas rochas perigosas para ultrapassar e a grande possibilidade de as mesmas ondas miraculosas, que apareceram do nada e os empurraram, por duas vezes, fazê-los também em pedaços contra os implacáveis rochedos.

Gordon se pôs a correr no instante em que viu as ondas começarem a se formar de novo. Ele tinha de alcançar a enseada antes dos exaustos nadadores.

Ele entrou na água até as coxas e tentou alcançar Mike. Quando o segurou, uma onda os apanhou, cobrindo-os por completo. Com as mãos acima da cabeça, prendeu a respiração e passou Mike para os que esperavam nas rochas acima; depois fez o mesmo com Greg. Steve soltou a almofada e foi jogado contra os rochedos, antes que Gordon o alcançasse. Ficou muito arranhado nas costelas e lados.

Mike não falava coisa com coisa, mas todos os três estavam fora da água e vivos.

Todos estavam exaustos, sem forças. Quarenta e cinco minutos de emoção haviam-se passado, desde o primeiro grito assustador de “Onde está o Mike?” Eles se encostaram contra os rochedos mais próximos, esperando recuperar o fôlego. Mas, Gordon estava com uma pressa terrível de tirá-los dali, e começou a subir.

Um dos rapazes, então, se lembrou dos cheques de viagem, que estavam nos bolsos das calças, amarradas para

fazer a corda, e que ficara nos rochedos perto da abertura. Ele estava voltando para lá, para reavê-los, quando Gordon gritou: “Não! Deixem-os. Vamos cair fora daqui!”

Eles carregaram Mike nos braços; Gordon foi o último a sair. Voltou-se para uma derradeira olhada... um raio de sol atravessou as nuvens. Eram quase cinco horas da tarde. Ele estava exausto, mas muito grato.

Quando olhou mar afora, um novo tipo de onda vinha em direção à costa, não revolta como as demais, mas lisa, uniforme. Observou, fascinado, um buraco negro abrir-se na sua crista. A parte mais escura se enrolou sobre si mesma e caiu, precisamente, em cima das calças (no lugar onde todos estavam segundos atrás, e onde um rapaz estaria, se ele tivesse permitido). Quando a onda se esvaiu de volta ao mar, os rochedos estavam vazios, todas as calças haviam desaparecido, tragadas como se nunca houvessem existido.

Carregaram Mike para o lugar mais alto que puderam, e então pararam para envolvê-lo em toalhas, antes de voltar para o acampamento. Causaram um reboliço e tanto quando chegaram ao acampamento em roupas de baixo, pingando de tão molhadas.

A guarnição do corpo de bombeiros local transportou Mike, Greg e Steve para o hospital mais próximo. Os únicos ferimentos sofridos foram os cortes nas costelas de Steve e um pouco de água salgada nos pulmões de Mike. Os médicos mantiveram Mike em observação, durante a noite, espantados por haver sobrevivido para contar a história. Outros já haviam caído naquela passagem; nenhum deles saíra vivo de lá.

Steve e Greg foram homenageados pelo prefeito do Condado de Maui por seu excepcional ato de heroísmo.

Quanto a Gordon, ele ainda sente um arrepio na espinha, à simples lembrança do desespero daquela tarde, nas desertas costas de Maui, bem como maravilhado por haver participado do milagre. Ele não se esqueceu de sua promessa. ■

Perguntas e Respostas

Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamento oficial da Igreja.

Como diácono, eu gostaria de saber se há um significado especial na ordem de servir primeiro o pão e depois a água, no sacramento. Se eu encontrar alguém que não recebeu o pão, seria correto essa pessoa tomar primeiro a água, ou devo voltar para pegar o pão?



E. Kent Pulsipher, bispo da Ala Sandy XX, Estaca Sandy Leste, Utah.

É uma pergunta muito importante sobre um assunto sagrado. Isto mostra que está encarando seu ofício, e

Outubro/Novembro de 1985

deveres de diácono com discernimento e inspiração. É maravilhoso quando os portadores do Sacerdócio Aarônico sentem, profundamente, a importância da obra do Senhor em que estão empenhados.

Os irmãos do Sacerdócio Aarônico que adequadamente preparam, distribuem e abençoam os emblemas do sacramento, servem de excelente exemplo aos mais jovens da Igreja. O Senhor Jesus Cristo instituiu pessoalmente o sacramento durante a Última Ceia (Mateus 26:26-28), pouco antes da crucificação e ressurreição. A oferta de sacrifícios foi substituída pela oferta de um coração quebrantado e um espírito contrito. Novos convênios foram instituídos, para serem efetuados no momento do arrependimento e batismo, e renovados tomando o pão e água do sacramento todas as semanas (D&C 20:71-74). Esses convênios incluem o reconhecimento do sacrifício de Cristo derramando seu sangue e sofrendo na carne, e tomar sobre nós o nome dele e testemunhar de que sempre nos lembraremos dele e guardaremos os mandamentos que ele nos deu (D&C 20:76-79). A conseqüência prometida é “que eles possam ter sempre consigo o seu Espírito”.

Com relação à reunião sacramental, na qual o sacramento é administrado, declarou o Presidente Joseph Fielding Smith: “No meu entender, a reunião sacramental é a *mais sagrada, a mais santa* de todas as reuniões da Igreja.” (*Doutrinas de Salvação*, compilado por Bruce R. McConkie, vol. 2, p. 335.)

Na conferência geral de abril de 1983, o Élder David B. Haight falou sobre o sacramento e comentou a importância de se cantar o hino sacramental como uma contribuição para uma mudança pessoal. “Estávamos aprendendo ainda garotos que, para sentir o Espírito, precisava haver uma mudança em nosso coração e que para estarmos em harmonia com ele nessa ocasião sagrada, era preciso cantarmos o hino sacramental. Cantando pessoalmente a letra, nossa

alma preparava-se para entender essa sagrada ordenança.” (*A Liahona*, julho de 1985, p. 21.)

Com relação aos procedimentos, o Senhor dá em 3 Néfi 18 alguns detalhes sobre a ordem e organização da ordenança:

“E aconteceu que Jesus ordenou aos seus discípulos que lhe trouxessem um pouco de pão e vinho.

“... Jesus tomou do pão e repartiu-o, abençoando-o; e deu-o a seus discípulos, mandando que comessem.

“E quando eles acabaram de comer e se acharam fartos, mandou que dessem à multidão.

“... ordenou a seus discípulos que tomassem do vinho, bebessem-no e o dessem à multidão para beber também. (3 Néfi 18:1, 3, 4, 8.)

Embora seja dada ênfase à renovação de nosso espírito e convênios, feitos, deve-se seguir a ordem e procedimento como delineados pelo Senhor. “E sempre cuidareis de fazer isto, tal como eu fiz.” (3 Néfi 18:6.) A perfeita ordem da ordenança foi ressaltada pelo Profeta Joseph Smith quando recebeu, por revelação, o dia “preciso” em que a Igreja seria organizada (prefácio de D&C 20). Esta seção e outras escrituras fornecem as palavras exatas das orações sacramentais (D&C 20:77, 79; Morôni 4:3, 5:2) e a ordem em que o pão e o vinho (mais tarde substituído pela água) devem ser administrados. Talvez a pequena diferença nas palavras, entre as duas orações, sugira um comprometimento progressivo. A bênção do pão diz: “... que desejam tomar sobre si o nome de teu Filho.” A bênção da água diz: “... que sempre se lembram dele.”

Esta parte sagrada de nossa adoração, executada de modo correto, não só abençoará nossa vida enquanto jovens, mas nos preparará para receber outros convênios e ordenanças no templo do Senhor, e nos identificará como “discípulos de Cristo”.

Estas respostas se destinam a esclarecer e orientar; não são pronunciamentos doutrinários da Igreja. ■

Perguntas e Respostas

Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamento oficial da Igreja.

Quando cometo um erro na oração sacramental, devo começar tudo de novo, ou posso repetir somente aquela frase?



Mark E. Hurst, secretário-executivo do Comitê Geral dos Rapazes.

O sacramento é uma das ordenanças mais sagradas, da qual os membros da Igreja podem participar. Embora a ordenança em si seja simples, sua importância para aqueles que dela participam, tanto os que recebem como os que oficiam, é essencial. A renovação semanal dos convênios feitos nas águas do batismo, possibilita aos que participam do sacramento, comprometer-se novamente a viver de acordo com o exemplo de Jesus Cristo.

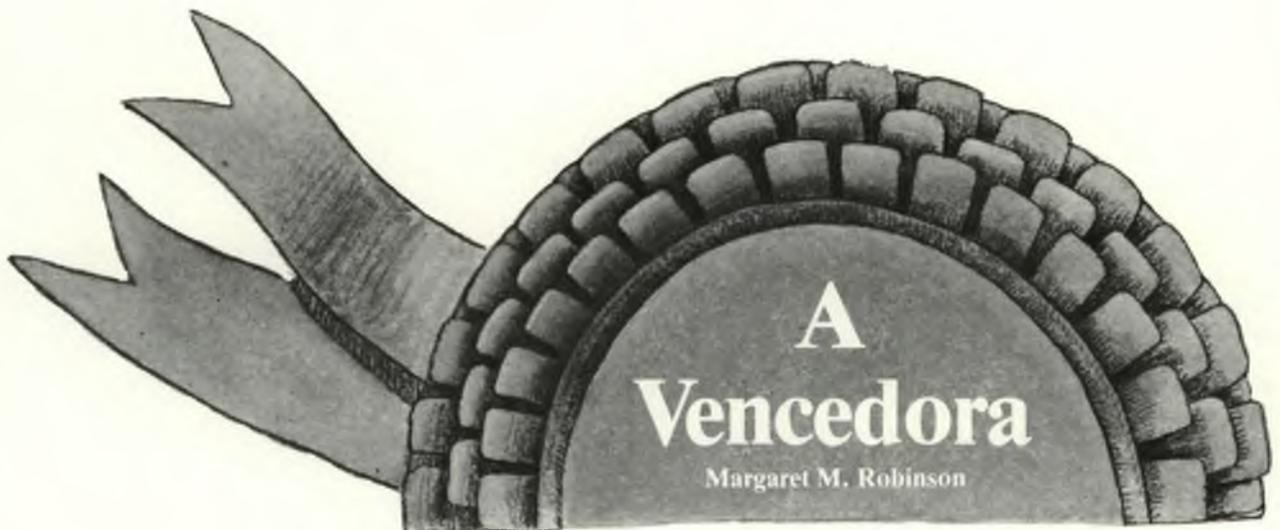
Como oficiante à mesa do sacramento, sacerdotes ou portadores dignos do Sacerdócio de Melquisedeque, que receberam esta designação, têm o privilégio de poder contribuir para a maior espiritualidade daqueles que participam da ordenança.

Uma vez que as orações

sacramentais são na verdade escritura (Morôni 4:3; Morôni 5:2; D&C 20:77, 79), o Senhor nos deu instruções específicas quanto ao modo de abençoar o pão e a água. A oferta digna e reverente dessas orações pode determinar se a ordenança do sacramento é altamente espiritual ou meramente mecânica. O livro de lições do Sacerdócio Aarônico para os sacerdotes recomenda que as orações sejam memorizadas. Estudar e compreender o propósito do sacramento e o significado das orações pode, também, melhorar grandemente o desempenho dos escolhidos para realizar a ordenança. Como na maioria dos casos, preparo e prática diminuirão a probabilidade de erros, ao proferir as orações. Embora as orações devam ser lidas dos cartões disponíveis (ou das escrituras), a familiarização com as orações e sua memorização por aqueles que as lerão, dará aos oficiantes a confiança e o conhecimento que tornarão a oferta reverente e espiritual.

Entretanto, todos erram vez por outra, e saber que podem corrigir-se facilmente sempre dá maior confiança e menos probabilidade de erros. Se o oficiante comete um erro e o corrige imediatamente, não é necessário repetir a oração inteira. Se o erro não for corrigido pelo oficiante, é responsabilidade do bispo usar de bom-senso e, sem causar embaraços, solicitar que a oração seja repetida.

Participar do sacramento é o mais importante propósito da reunião sacramental. Além da importância da ordenança em si, é o momento que determina o espírito para o resto da reunião sacramental. Ele prepara os presentes para estar em sintonia com o Espírito e tirar maior proveito dos ensinamentos do evangelho que o seguem. Aqueles que oficiam à mesa do sacramento devem fazê-lo com um senso de grande reverência pelas bênçãos que ajudam a proporcionar aos que participam do sacramento. ■



Ilustrado por Scott Greer

Quando Panda Greene resolveu participar da corrida de mil metros para meninas, ela nem mesmo pensou que tivesse alguma possibilidade. Ela praticara corrida durante toda sua vida, mas nunca participara de uma competição formal; sempre corria só para se divertir. Os alunos e professores da Escola Andrews só falavam da competição, desde que havia-se matriculado nela há três meses. Ela sabia que estaria competindo contra as melhores corredoras; e mal pôde acreditar quando chegou bem à frente de suas colegas. Quando todos na escola, de repente, souberam quem ela era, até os professores paravam nos corredores para bater um papo com ela, o que a deixava muito feliz.

“Vai, Panda! Vai! Vai!” os estudantes gritavam entusiasmados quando ela cruzava a linha de chegada, à frente de outras corredoras, durante os treinos.

A maior rival da Escola Andrews era a Escola Washington. Todos os últimos cinco anos a vencedora da competição de corrida havia sido determinada por quem vencesse na corrida de três mil metros, e fora sempre a Escola Washington que levava o troféu. Mas este ano, havia muito entusiasmo na Escola Andrews. E suas esperanças estavam depositadas em Panda. Vencer nunca parecera importante até então para Panda, mas agora ela queria muito, não por si mesma, mas por seus colegas, seus professores e pela Escola Andrews!



Quando os pais de Panda souberam da competição de corrida, ficaram tão entusiasmados quanto ela.

“Nós faremos tudo para estar lá”, disse-lhe a mãe com um grande abraço “Estamos muito orgulhosos de você!”

“Espere só até Vovô Greene ouvir isto”, acrescentou o pai; “creio que ele nos fará uma visita só para vê-la correr.”

Billy, o irmãozinho de oito anos de Panda, olhou para ela com olhos semicerrados. “Bem, espero que você vença, mas eu vi o time da Escola Washington sábado passado. A corredora deles parece forte, e corre como um leão da montanha.”

O aviso de Billy só aumentou a determinação de Panda de vencer. Todas as tardes, logo após a escola, ela ia para a pista de corrida da escola próxima e treinava até seus cabelos castanhos ficarem molhados de suor e os músculos doloridos das pernas gritarem: “Chega!”

Na manhã da competição, Panda se sentia muito bem. Do alto da tribuna geral, sob o sol morno, olhou para a pista lá em baixo. “É melhor você ir sentar-se com mamãe, papai e vovô, agora”, disse ao Billy, que não a largara a manhã toda. “Tenho de ir para o vestiário para me aprontar para a corrida.”

Enquanto falava, aproximou-se deles Marianne Harper, sua rival da Escola Washington. Billy estava certo, Marianne parecia forte e ligeira. E também com cara de poucos amigos.

“Eu só queria ver você de perto”, disse a Panda. “Todo mundo anda falando que você é uma boa corredora. Mas, para mim, você não parece tão boa assim.”

Billy subiu num dos bancos, para ficar da altura de Marianne. E, de queixo erguido, olhou-a ferozmente, e disse: “Bem, você está certa, porque quando a corrida começar, você só vai ver a poeira que ela levantou!”

Marianne não ligou para Billy, continuando a encarar Panda. “Você não tem nenhuma chance de vencer”, disse friamente enquanto se afastava. “Você não precisa vencer tanto quanto eu.”

Billy se voltou para Panda e perguntou: “O que ela quis dizer com isso?”

“Não sei, e nem tenho tempo para descobrir agora”, comentou Panda começando a descer para a pista. Ao se virar para acenar para Billy, Panda tropeçou num degrau com a ponta do tênis e se desequilibrou. Logo recobrou o equilíbrio, mas sentiu uma dor aguda

no tornozelo direito. Depois de apalpá-lo com cuidado, achou que não havia nada de grave com ele e então correu para o vestiário.

A corrida era de oito voltas em torno da pista de quatrocentos metros. Seis garotas, uma de cada escola primária local, estavam alinhadas na pista em posição de largada. Panda estava na faixa de dentro; Marianne Harper na faixa ao lado dela. Foi dado o tiro de largada, e Marianne logo liderou o grupo.

Panda controlava as passadas, concentrando-se na respiração. *Relaxe, dizia a si mesma. Respire profunda e regularmente.*

Ao final da segunda volta, duas garotas — Marianne Harper e Sue Winton da Escola Longfellow, estavam na frente, e Panda continuava com suas passadas regulares. A escola toda contava com ela, e ela não queria decepcioná-los. Na terceira volta, só Marianne estava entre ela e a vitória. Mas, seu tropeção na tribuna de honra fora pior do que Panda suspeitara, e as pisadas seguidas na dura superfície da pista estavam afetando seu tornozelo. A cada passo sua perna doía terrivelmente. *Tenho de vencer!* pensou. *Esqueça a dor. Corra! Corra! Corra!*

Panda viu sua chance de vencer no meio da última volta. Marianne estava mostrando sinais de cansaço. Panda aumentou sua velocidade, diminuindo a diferença até que as duas garotas estavam correndo lado a lado. Marianne olhou de relance para Panda; seu olhar era duro e frio. Estava claro que não se deixaria vencer facilmente.

Quando só faltavam quarenta e cinco metros a serem percorridos, Panda sentiu uma dor lancinante como que rasgando sua perna; sentiu o tornozelo falsear fazendo-a cair. Suas mãos raspavam na pista, ficando em carne viva. Sangue escorria de seus joelhos e sua boca estava cheia de areia grossa, enquanto via Marianne cruzar zunindo a linha de chegada.

Uma festa havia sido preparada no auditório do colégio para todas as

concorrentes, tanto para as vencedoras, como para as perdedoras, logo após a competição. Como Panda queria muito participar apesar dos ferimentos, seus pais a levaram da enfermaria direto para a festa, e lá a colocaram numa cadeira. No mesmo instante, ficou rodeada de amigos preocupados com ela, querendo consolá-la e alegrá-la. Billy ficou ao seu lado, enquanto os pais e avô conversavam com vários outros pais e professores.

“Sua perna dói muito?” perguntou Billy quando seus amigos se afastaram por um momento.

“Não, não muito”, disse Panda. “O doutor disse que ela estará boa dentro de mais ou menos uma semana. Eu só tenho de deixá-la em repouso.”

Billy foi o primeiro a avistar Marianne Harper vindo na direção deles. “Oh, não. Aí vem problema!” sussurrou ele.

Panda esperava que Marianne zombasse dela, mas seu rosto estava sério. “Sinto muito por sua perna”, disse ela, “Eu queria demais vencer, mas não assim.”

“Não foi culpa sua”, disse Panda. “Você me venceu honestamente. Você é a vencedora.”

“Será que sou mesmo? Dê uma olhada”, disse Marianne apontando os muitos pais, professores e alunos no salão. “Sua família inteira está aqui... e tantos amigos! Eles não se importam que você perdeu. Continuam-lhe fazendo festa.” Ela balançou sua cabeça tristemente.

“Pensei que talvez tudo fosse diferente se eu ganhasse, mas não é. Meus colegas de escola só vieram por causa do troféu, e meus pais nem mesmo apareceram.”

Marianne já ia indo embora, quando Panda a segurou pelo braço, dizendo: “Espere... Você vai para o Ginásio Jefferson no ano que vem, não vai?”

Marianne fez que sim com a cabeça.

“Eu também”, disse Panda. “Talvez possamos entrar no time de revezamento juntas. Seríamos grandes parceiras.”

“Você acha mesmo?”

“É claro”, respondeu Panda.



“Então você já tem uma parceira!” Marianne sorriu timidamente ao sair, mas seus olhos estavam molhados de lágrimas.

“Não entendi”, disse Billy. “Ela é a vencedora. Vencedoras não choram.”

“Às vezes choram, Billy”, respondeu Panda pensativa. “Acho que existem muitas coisas mais importantes do que vencer.”

“É”, disse Billy, “como ter um irmão.”

Panda pôs seu braço ao redor dos ombros de Billy e concordou com um largo sorriso: “Sim, como ter um irmão!” ■

Isaque Encontra Rebeca

Nos dias de Abraão era costume que os pais escolhessem cônjuges para seus filhos. Abraão queria encontrar uma boa esposa para seu filho Isaque, mas isso não seria nada fácil. Abraão vivia em Canã e não queria que Isaque se casasse com uma mulher cananita, pois os cananitas adoravam deuses falsos. Ele queria que Isaque se casasse com uma mulher digna, que o ajudasse a permanecer fiel ao Deus vivo e que ensinasse a verdade a seus filhos. Só desta forma poderia o sacerdócio permanecer com os descendentes de Abraão. Sem o sacerdócio eles não poderiam receber as bênçãos especiais que o Senhor lhes havia prometido.

Abraão chamou à sua presença seu servo mais velho e lhe pediu que procurasse uma esposa para Isaque. Disse ele: “Eu quero que jures pelo Senhor, Deus do céu e da terra, que não tomarás para meu filho mulher dentre as filhas dos cananeus, mas que irás à minha terra, a Mesopotâmia, e lá, entre meu próprio povo, escolherás uma esposa para ele.”

O servo fiel sabia ser esta uma designação muito séria e importante, portanto, perguntou: “Se porventura a mulher não quiser seguir-me a esta terra? Não deveria eu levar Isaque comigo, para que a mulher e sua família possam aprová-lo?”

Abraão respondeu: “Guarda-te de fazeres tornar para lá meu filho.” Abraão não queria que Isaque fosse para outra terra, onde poderia sentir-se tentado a ficar. O Senhor tinha dado a terra de Canã a Abraão e sua família como herança, e Abraão não queria que ela saísse de lá.

Abraão disse ao servo: “O Senhor enviará seu anjo adiante de ti, e ele te ajudará a encontrar uma mulher para



Isaque.”

Sabedor disto, o servo deu a mão a Abraão e fez o juramento de seguir todas as suas instruções.

O servo começou a jornada com uma caravana de dez camelos e alguns homens para ajudá-lo. Viajou para a Mesopotâmia, para a cidade onde vivia Naor. Ao chegar fez com que seus camelos descansassem fora da cidade, ao lado de uma fonte de água. Era de tarde, e muitas mulheres estavam tirando água do poço. O servo não conhecia ninguém, nem sabia como encontrar a mulher que o Senhor tinha escolhido para ser esposa de Isaque. Ele precisava de ajuda; portanto, orou dizendo: “Ó Senhor, eis que eu estou em pé junto à fonte, e as filhas dos

homens desta cidade vêm saindo para tirar água; faze, pois, que a donzela a quem eu disser: ‘Abaixa o teu cântaro, peço-te, para que eu beba’; e ela responder: ‘Bebe, e também darei de beber aos teus camelos’, seja aquela que designaste para o teu servo Isaque.”

Antes que ele tivesse acabado de orar, uma linda jovem se aproximou. Seu nome era Rebeca, e não só era linda, mas também virtuosa e graciosa. Ela amava o Senhor e tentava guardar seus mandamentos. Graças a isto, foi abençoada pelo Senhor.

Ao sair do poço com seu cântaro cheio, o servo correu a encontrá-la. “Deixa-me beber, peço-te, um pouco de água do teu cântaro”, disse ele.



“Bebe, meu senhor”, replicou a jovem. E então, depois de ter-lhe dado de beber, ela ofereceu: “Tirarei também água para os teus camelos.” Este era o sinal que o servo tinha pedido, portanto, ele ficou sabendo que Rebeca era a mulher que o Senhor tinha escolhido para casar com Isaque.

Depois de os camelos terem bebido, o servo perguntou a Rebeca: “De quem és filha? dize-mo, peço-te. Há lugar em casa de teu pai para nós pousarmos?”

A resposta da moça foi causa de grande alegria para o servo. Ela lhe disse ser filha de Betuel e neta de Naor. O servo sabia que Naor era irmão de Abraão e compreendeu que tinha sido conduzido à casa dos

parentes de Abraão. Curvando a cabeça, ele agradeceu a Deus.

Rebeca, ao ouvi-lo orar, soube que ele era servo de seu tio-avô Abraão. Cheia de animação correu para casa, para contar à família, que também ficou toda contente. O irmão de Rebeca, Labão, correu até o servo, que permanecia junto ao poço. “Entra, bendito do Senhor”, convidou Labão. “Eu já preparei a casa, e lugar para os camelos.”

Mais tarde Labão pediu ao servo que comesse, mas o servo respondeu: “Não comerei, até que conte por que estou aqui.” Então o servo contou à família o motivo por que Abraão o havia enviado à Mesopotâmia. Disse-lhes que tinha sido conduzido pelo Senhor até o poço e que tinha orado pedindo um sinal que o ajudasse a saber qual seria a mulher de Isaque. Disse-lhes ainda que Rebeca tinha sido a escolhida pelo Senhor, e pediu ao pai e ao irmão da moça permissão para levá-la para Canaã, para se casar com Isaque.

A família de Rebeca era muito boa. A resposta que deram mostrou sua grande fé e confiança no Senhor. Disseram eles: “Do Senhor procede este negócio; toma-a e vai-te; seja ela a mulher do filho de teu senhor, como tem dito o Senhor.”

Ao ouvir isto o servo de Abraão novamente se curvou até a terra e agradeceu a Deus. Em seguida trouxe jóias de prata e ouro e roupas e deu-as a Rebeca; para a mãe e irmão ele deu outros presentes valiosos.

Depois de esses importantes arranjos terem sido feitos o servo se sentiu aliviado, comeu e passou a noite com a família de Rebeca.

De manhã ele disse: “Deixai-me ir a meu Senhor.”

A mãe e o irmão da moça não queriam vê-la partir tão cedo e rogaram: “Fique ela conosco alguns dias, e depois então irá.”

O servo, porém, respondeu: “Não me detenhais, visto que o Senhor me tem prosperado o caminho; deixai-me partir, para que eu volte a meu

senhor.”

“Primeiro vamos perguntar a Rebeca”, responderam eles; chamando a moça, perguntaram-lhe: “Irás tu com este homem?”

Graças à sua grande fé Rebeca sabia que o Senhor haveria de abençoá-la, e respondeu: “Irei.” Rebeca ia deixar a família que tanto amava, para morar numa terra estranha e casar-se com um homem que nunca conhecera, porque sabia que era aquilo o que devia fazer.

A família de Rebeca tinha conhecimento das grandes promessas feitas a Abraão e seus descendentes. Eles sabiam que ao se casar com Isaque, sua filha tinha uma missão especial a cumprir. Ela deveria ser a mãe de muitas nações. Ao se despedirem dela, abençoaram-na e disseram: “Irmã nossa, sê tu a mãe de milhares.”

Então, montando nos camelos, Rebeca e suas moças seguiram o servo de Abraão.

Lá em Canaã, Isaque esperava as boas novas. Ele sabia que o Senhor dirigiria os passos do servo, de modo que ele haveria de encontrar a mulher certa para ser sua esposa. Uma tarde dirigiu-se ao campo para orar. Ao levantar os olhos, viu a caravana que voltava da Mesopotâmia e correu ao seu encontro.

Ao se aproximar foi visto por Rebeca, que perguntou ao servo: “Quem é aquele homem que vem pelo campo ao nosso encontro?”

O servo respondeu: “É Isaque.”

Rebeca cobriu rapidamente o rosto com um véu* e pulou do camelo para cumprimentar Isaque. Sua animação era grande, pois estava para conhecer o homem que Deus tinha escolhido para ser seu marido.

Isaque e Rebeca tinham confiado no Senhor, e ele fez com que os jovens se tornassem marido e mulher. ■

(Esta história se encontra em Gênesis 24.)

* Na época de Rebeca as mulheres usavam um “véu” para cobrir o rosto, especialmente na presença de um homem que ainda não conheciam.

Feliz Aniversário, Primária!

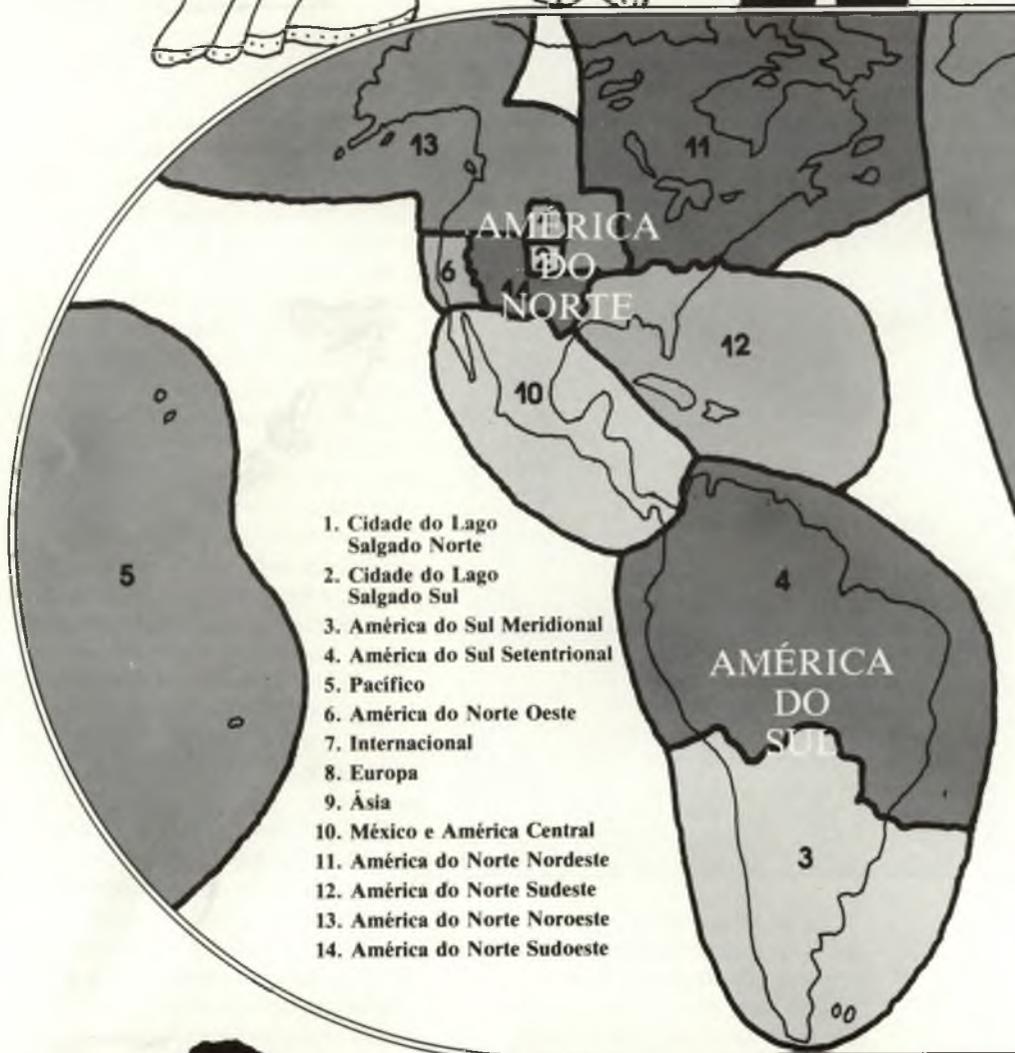
Pat Graham



Etodos os teus filhos serão ensinados do Senhor; e a paz de teus filhos será abundante. (Isaías 54:13.)

Certo dia, no último semestre de 1878, duzentas e vinte e quatro crianças se reuniram numa capela feita de pedras, na cidade de Farmington, Estado de Utah, nos Estados Unidos, para assistir à primeira reunião da Primária e serem ensinadas “sobre tudo que fosse bom e como se comportar bem”. Hoje, mais de oitocentas e vinte e cinco mil crianças de todo o mundo freqüentam a Primária e aprendem que são filhas de Deus. A Primária está crescendo em número, e mais crianças estão crescendo no evangelho.

Porque a Igreja tem crescido muito depressa, seus líderes dividiram o mundo em quatorze áreas geográficas, para melhor atender às necessidades dos membros. Olhe cuidadosamente as crianças destas páginas, vestidas com roupas típicas de seus países; depois, pinte-as com lápis de cor e faça uma linha partindo de cada criança até a área ou país que ela representa. É maravilhoso pertencer a uma organização que está crescendo e tem membros no mundo inteiro! ■

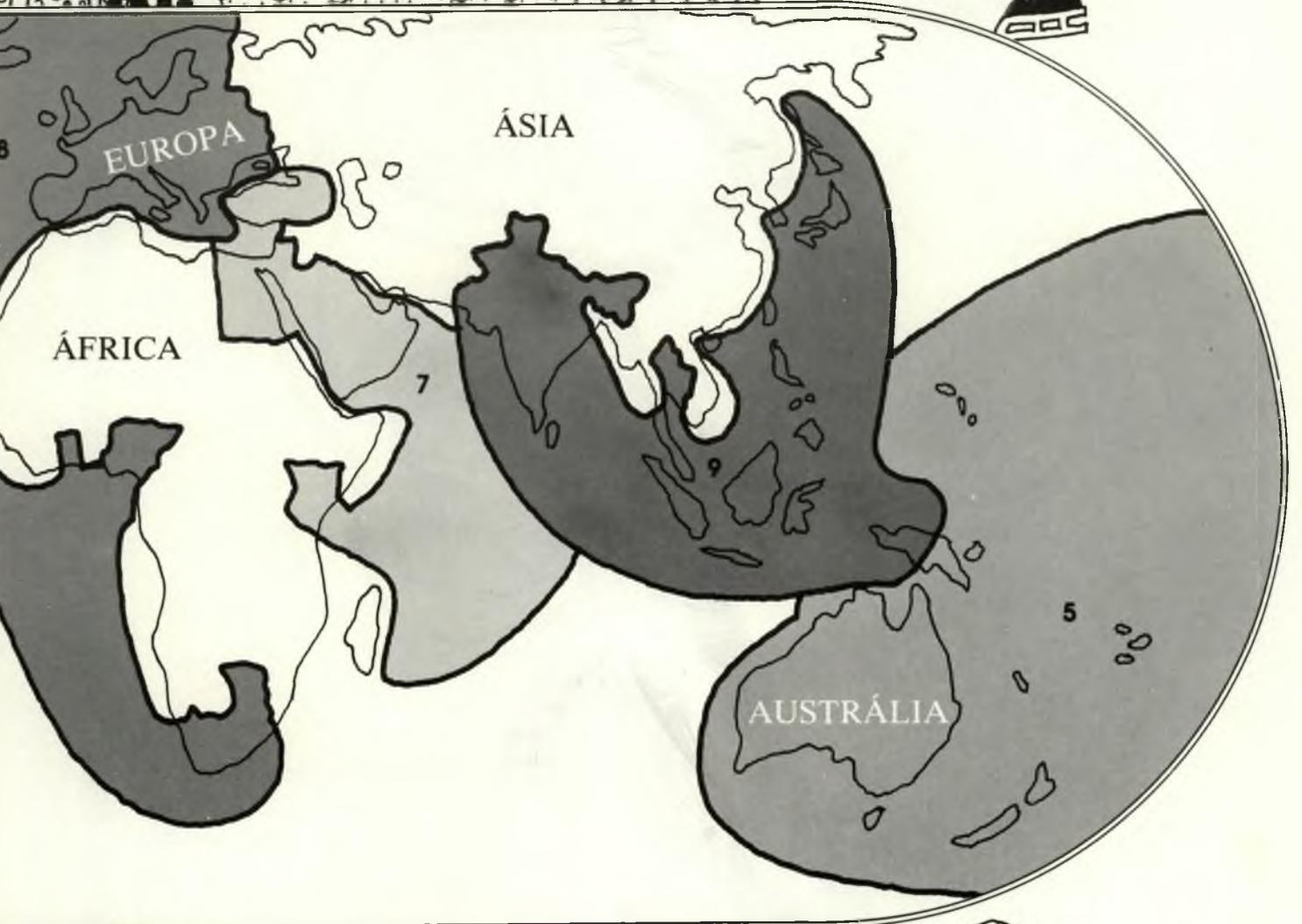
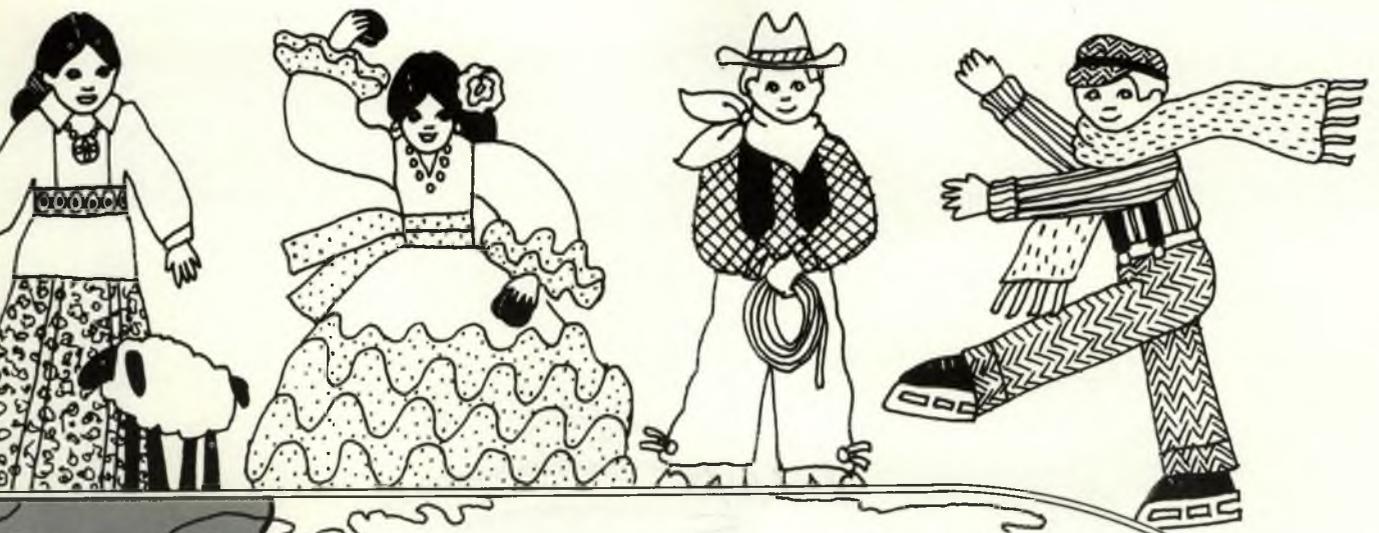


1. Cidade do Lago Salgado Norte
2. Cidade do Lago Salgado Sul
3. América do Sul Meridional
4. América do Sul Setentrional
5. Pacífico
6. América do Norte Oeste
7. Internacional
8. Europa
9. Ásia
10. México e América Central
11. América do Norte Nordeste
12. América do Norte Sudeste
13. América do Norte Noroeste
14. América do Norte Sudoeste

Sugestões para o Tempo de Compartilhar

1. Pesquisar a história da Primária na sua área e contar como a Igreja cresceu aí. Fazer uma exposição de recordações ou memórias da Primária local.
2. Escrever cartas para crianças da Primária de outra área.
3. Planejar uma festa de aniversário para a Primária.

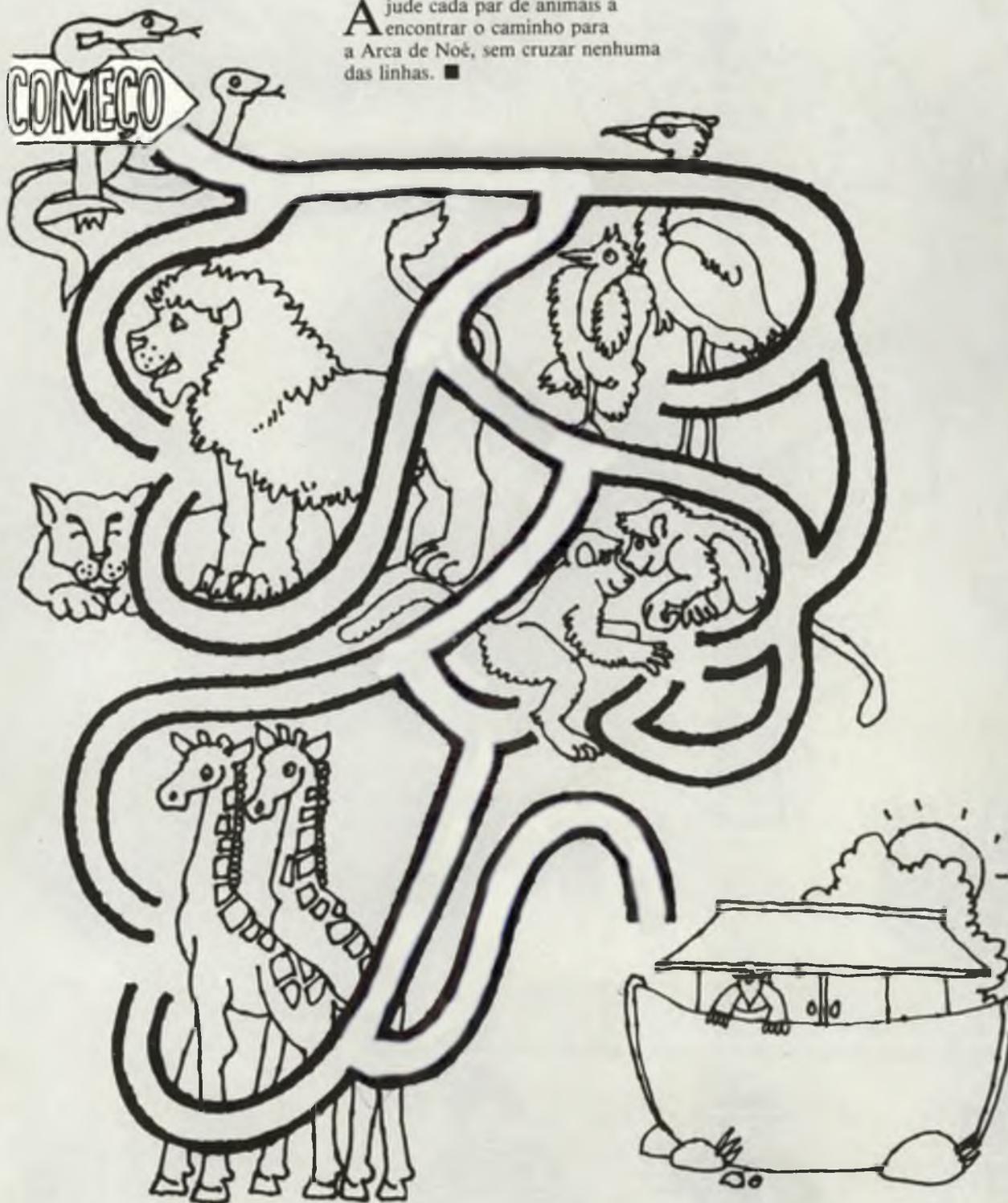




A Arca de Noé

Angele Fitzgerald

Ajude cada par de animais a encontrar o caminho para a Arca de Noé, sem cruzar nenhuma das linhas. ■



Perguntas e Respostas

Perguntas de interesse geral sobre o evangelho, respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamento oficial da Igreja.

Como posso melhorar o relacionamento com meu companheiro de missão?



Joe J. Christensen, ex-presidente do Centro de Treinamento Missionário, Provo, Utah, EUA

Ter um bom relacionamento com os companheiros de missão é uma das mais importantes conquistas que você precisa realizar na missão. Aqui vão algumas sugestões que podem ajudá-lo a melhorar o relacionamento com o companheiro:

1. *Comprometa-se a servir o companheiro.* Um dos mais seguros meios de desenvolver amor a outra pessoa é servi-la de modo bem pessoal. Dois companheiros que haviam tido dificuldades de relacionamento, descobriram esse princípio quando um deles ficou doente, e teve que ficar acamado, o Élder Blake fez tudo que podia para ajudar seu companheiro doente. O Élder Waite ficou muito surpreso quando acordou e descobriu que, enquanto dormia com febre, o Élder Blake havia limpado e engraxado seus sapatos, e também cuidado de pôr em ordem o apartamento. “Comecei a compreender”, diz o Élder Waite, “que precisava ser mais prestativo ao meu companheiro. A partir daquele dia, começou a nascer verdadeira amizade e apreço mútuo entre nós.”

2. *Estudem e orem juntos diariamente.* Há uma grande força na mensagem do evangelho. Se os companheiros estudam, diariamente, as escrituras e os grandes princípios do evangelho com espírito de oração, fica muito mais fácil sobrepujar eventuais diferenças. Quando orar individualmente, e especialmente com o companheiro, lembre-se de agradecer ao Pai Celestial pelo privilégio de poder servir com uma pessoa com tantas boas qualidades, como seu companheiro possui. Ore para que consigam sobrepujar diferenças e se relacionar bem.

3. *Aprenda a se comunicar sobre eventuais diferenças de modo positivo.* Lembre-se de que todos temos imperfeições e algumas peculiaridades pessoais que podem tornar difícil a convivência conosco. Neste mundo só existiu uma única pessoa perfeita —

obviamente o Salvador. Todos nós somos imperfeitos. Devemos reconhecer, desde o princípio, que sempre haverá desentendimentos, e que devemos estar preparados para nos esforçar para sobrepujá-los. Os companheiros de missão são aconselhados a fazer regularmente uma “avaliação” de seu relacionamento, na qual são incentivados a dialogar de maneira franca e positiva sobre como melhorar a convivência. Uma boa pergunta, que você deveria fazer, regularmente, ao companheiro, é: “O que posso fazer para ser um companheiro melhor para você?”

4. *Comprometa-se a viver como é esperado de um missionário.* Se você está vivendo princípios corretos, jamais haverá desculpa para seu companheiro reclamar com você por não estar cumprindo as regras da Missão. O missionário designado a servir com um companheiro não muito dedicado ao trabalho, sofre muito. Certa vez, um missionário escreveu para casa, dizendo: “As coisas não andam bem por aqui ultimamente, porque não consigo tirar meu companheiro da cama de manhã e trabalhar de verdade.” Certifique-se de que o companheiro nunca possa dizer algo parecido de você, e assim fortalecerá seu relacionamento.

Os missionários que aprendem a se entender bem com o companheiro desenvolvem a habilidade de se relacionar bem com pessoas das mais diversas personalidades. Essa experiência não só os ajudará a serem bons missionários, como lhes será útil muito após a missão, no trabalho, no serviço da Igreja e, especificamente, em seu próprio casamento e família.

Todos são abençoados quando os missionários aprendem a se relacionar bem. Lembre-se de que o Espírito não continuará presente em uma atmosfera de contendas e dissensão, e sem o Espírito os missionários não têm sucesso. ■

ESTES SÃO SEUS DIAS

Élder Neal A. Maxwell
do Quorum dos Doze

Querer ter vivido em outra época, embora compreensível, na maioria das vezes não é útil. Uma pessoa dos tempos do Livro de Mórmon, escreveu: “Sim, oxalá tivessem sido aqueles os meus dias; então minha alma se teria regozijado.” (Helamã 7:8.) Ainda assim, esse líder veio a compreender como o chamado de Deus, para servir em determinada época, é tão parte de seu chamado como cumprir certos deveres durante nossos dias.

Portanto, jovens da Igreja, por designação divina, estes são os seus dias! Vocês viverão numa época de cumprimento de profecias, de fusão da história, de promessas especiais, de violentos contrastes, e de abençoada confirmação de esperanças.

Como parte da geração emergente, vocês em minha opinião, evitarão o erro de alguns rapazes e moças do passado: “E após ela levantou-se outra geração que não conhecia ao Senhor, nem tampouco a obra que ele fizera a Israel.” (Juízes 2:10.)

E igualmente, evitarão assim, a triste conseqüência experimentada por outra geração, da qual se lê: “Pois eis que muitos de seus filhos, à medida que cresciam em idade e força, começavam a viver por conta própria, deixando-se levar.” (3 Néfi 1:29.)

Mesmo assim, possivelmente verão alguns de seus amigos, na Igreja, que tiveram a mesma instrução que vocês, caírem, se tornarem dissidentes, “esquecendo-se por completo do Senhor seu Deus”. (Veja Alma 47:36.)

Quando tinha dezoito anos, fui quase que diretamente da formatura do colegial para a II Guerra Mundial, levando comigo uma cópia da minha bênção patriarcal, que ficou borrada de tanto ser lida. Eu a lia como consolo e para renovar as esperanças de um jovem e amedrontado soldado, durante a batalha na Ilha de Okinawa, no Oceano Pacífico. Pouco antes a escola havia-me provocado algumas crises de auto-estima. Criar porcos para um projeto do clube agrícola não favoreceu meu convívio social com certas pessoas; um grave problema de acne, muito menos; e não ser muito alto significou, entre outras coisas, não conseguir entrar no time de basquete. Todas essas coisas combinadas produziram frustração pessoal, pouco antes de minha partida para a guerra.

Mas, como vinha de um lar de pais amorosos e “de boa família”, eu sabia quem eu era e tinha algum vislumbre do futuro. Sabia, também, que o Senhor me amava. Quanto ao resto, sentia-me inseguro e cheio de ansiedades.

Alguns de vocês, da nova geração SUD, me impressionam por serem espiritualmente mais avançados, tendo certas qualidades dos três jovens chamados Sadraque, Mesaque e Abednego. Estes jovens discípulos recusaram-se a ajoelhar e adorar o ídolo de ouro do Rei Nabucodonosor. Quando se viram na iminência de perder a vida queimados na fornalha, deram uma das mais clássicas respostas de toda a história humana. Depositavam confiança e fé incondicional no Senhor... que poderia ou não salvá-los; isto era de somenos.

“Eis que o nosso Deus, a quem nós servimos, pode-nos livrar da fornalha de fogo ardente; e ele nos livrará da tua mão, ó rei.

“*Mas se não*, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a estátua de ouro que levantaste.” (Daniel 3:17-18; grifo nosso.)



Fotos de Grant Heaton

Almejem um futuro claro e brilhante. Vocês estão nesta época e circunstância por designação divina. Deus os conhece e sabe o que são capazes de fazer.

O Senhor estará com vocês em sua “fornalha ardente” pessoal. E tais experiências virão, como nos diz Pedro:

“Amados, não estranheis a ardente provação que vem sobre vós para vos experimentar, como se coisa estranha vos acontecesse.” (1 Pedro 4:12.)

Dentre minhas sugestões a vocês nestes seus dias, estão:

1. Aprendam a desenvolver reflexos retos. Eles os livrarão de ter de enfrentar cada nova tentação outra vez. Aqueles que se afligem a cada tentação, não só perdem tempo mas podem perder a alma.
2. Aprendam a distinguir a alegria do prazer. Por exemplo, não se deixem levar pelo riso do mundo, pois não passa de uma multidão solitária tentando auto-afirmar-se.
3. Mantenham a fé, e a fé os sustentará.
4. Divirtam-se sadiamente, mas aprendam a ser sérios quanto à alegria.
5. Sejam diferentes do mundo, de modo a fazer diferença no mundo.
6. Aprendam a ver drogas, álcool, pornografia e imoralidade como realmente são — um ataque ousado e direto à sua liberdade pessoal e às suas oportunidades de felicidade. Essas coisas destroem o corpo e a mente; calcinam a sensibilidade da alma. Fazendo mau uso de sua capacidade de sentir, vocês a destruirão.
7. Não permitam que os apetites

Vocês viverão numa época em que a paz será tirada da terra. Mas, podem ter a paz do Senhor no coração e no lar.

destruam suas crenças. O que está escrito no Livro de Mórmon é verdade, independentemente do que está escrito ou não em sua agenda social.

8. O tempo está voando para vocês e sua vida, mesmo sendo jovens. Enquanto amadurecem, as semanas se tornam dias, os meses se tornam semanas e anos, meses. Cedo ou tarde poderão dizer com Jacó: “Nossa vida... passou como se fosse um sonho.” (Jacó 7:26.) Além disso, o tempo passa mais rapidamente quando estamos alegre e ansiosamente comprometidos: “Assim serviu Jacó sete anos por Raquel; e foram aos seus olhos como poucos dias, pelo muito que a amava.” (Gênesis 29:20.)

9. Vocês podem saber, por si mesmos, que Jesus vive, que esta é a sua Igreja, e que seu evangelho é verdadeiro. Mas, o caminho é um só, e não existem caminhos fáceis ou atalhos: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se falo de mim mesmo.” (João 7:17.)

10. Vocês nem sempre serão capazes de explicar o que está acontecendo a vocês ou ao seu redor. Daí a necessidade de ter profunda confiança e fé no Pai Celestial. Como Néfi há muito tempo atrás, vocês podem aprender a dizer: “Sei que ele ama seus filhos; não conheço, no entanto, o significado de todas as coisas.” (1 Néfi 11:17.) Isto é tudo que podemos saber, às vezes; contudo, é o suficiente!

Vocês foram chamados por Deus, colocados por Deus nesta época e circunstância. E ele os conhece melhor do que vocês próprios. Ele sabe o que são capazes de fazer. No entanto, Deus não se contentará com vocês como são agora, por mais admiráveis que sejam, porque ele sabe o que poderão tornar-se!

Haverá muitos desafios. Seus dias serão como os dias de Noé. (Veja Mateus 24:37-42.) Mas, este será também um tempo em que a Igreja crescerá e seus membros se espalharão

por toda a face da terra. (Veja 1 Néfi 4:14.)

Mais e mais estacas da Igreja serão estabelecidas, bem como mais e mais templos.

Sim, vocês viverão numa época em que a paz será tirada da terra. (D&C 1:35.) Mas podem ter a paz do Senhor no coração e no lar — paz esta que ultrapassa o entendimento. (Ver João 14:27; Filipenses 4:7.)

Sim, vocês viverão numa época em que, por causa da iniquidade, o amor de muitos esfriará. (Ver Mateus 24:12.) Mas, ainda assim, poderão ter amor no coração e no lar.

Sim, vocês viverão numa época em que muitos, por causa da iniquidade, se desesperarão com a condição humana. (Ver Morôni 10:22.) Mas vocês podem estar entre o povo de Deus que estará armado com “a justiça e o poder de Deus, em... grande glória”. (1 Néfi 14:14.) O Senhor estará no meio do seu povo. Ele os conduzirá e guiará.

“E não podeis suportar tudo agora; contudo, tende bom ânimo, pois eu vos guiarei. Vosso é o reino e as suas bênçãos, e vossas as riquezas da eternidade. (D&C 78:18.)

“E haverá grandes tribulações entre os filhos dos homens, mas a meu povo preservarei.” (Moisés 7:61.)

Sim, vocês viverão numa época em que muitas pessoas não acreditarão nas santas escrituras. (Ver Moisés 1:41.) Contudo, vocês verão como as escrituras, as antigas e as modernas, crescerão juntas (ver 2 Néfi 3:12), especialmente à medida que aprenderem a usá-las.

Sim, vocês também viverão numa época em que considerarão Jesus cada vez mais como “uma coisa sem valor” (1 Néfi 19:9); alguns o considerarão, meramente, um homem (ver Mosiah 3:9), mas vocês podem ter Jesus como seu Pastor e modelo. Além disso, o mandamento dele a vocês é tornar-se “mesmo como eu sou”. (3 Néfi 27:27.) ■



BOLSOS CHEIOS DE PEDRAS

Larry Hiller

Marcos Peres era ainda rapaz quando começou a colocar pedras nos bolsos. Tudo começou quando seu chefe, “seu” Goes, ficou bravo com ele por algo que não era sua culpa. Como não podia responder para o patrão, pois poderia perder o emprego, não havia nada que ele pudesse fazer, a não ser guardar a raiva para si. “Mas”, pensou, “não vou esquecer isto. De modo algum.”

Ao descer do ônibus, a caminho de casa, pensou consigo: “Tenho que me lembrar da minha raiva. Não quero esquecê-la quando acordar de manhã.” De repente, teve uma idéia. Havia uma

pedrinha na calçada, bem na frente dele. Ele a pegou e murmurou para si: “Vou guardar esta pedra no bolso, para não esquecer como o “seu” Goes foi injusto comigo.”

E foi o que fez. Naquela noite, ele colocou a pedrinha sobre a penteadeira, junto com as chaves e o pente. Na manhã seguinte, quando se vestiu para ir trabalhar, a feia pedra cinza foi novamente para o bolso da calça.

Durante todo aquele dia e o seguinte, o peso no bolso lembrou-lhe que deveria continuar com raiva do “seu” Goes. Estranhamente, este



parecia ter esquecido a coisa toda. Mas não Marcos Peres. Ah, não. Na verdade, nas duas semanas seguintes, o “seu” Goes fez Marcos passar raiva várias vezes mais, e então decidiu que seria melhor usar uma pedra para cada vez, para não perder a conta.

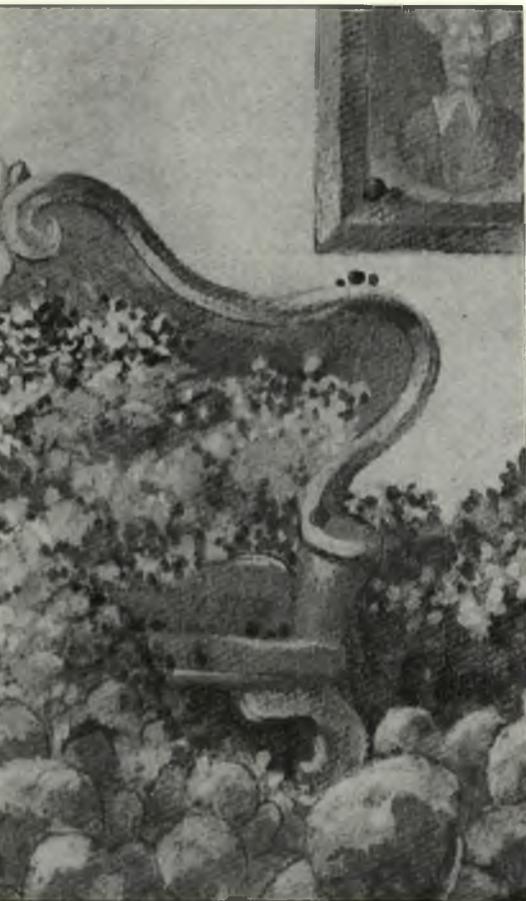
E foi assim que as calças de Marcos começaram a parecer largonas e estranhas. Mas pelo menos ele se lembrava de não perdoar o “seu” Goes, ou ser amigável, ou qualquer coisa parecida. Talvez, se Marcos se tivesse limitado a apanhar pedras quando ficava com raiva do “seu” Goes, a coisa toda teria caído no esquecimento. Mas, houve o motorista de táxi que passou e o deixou na chuva. E lá se foi, para o bolso, um reluzente pedregulho molhado da sarjeta. (É claro que Marcos não tinha nem idéia do nome do motorista de táxi, mas isso não importava.) E depois



foi o caixa da mercearia, que não lhe deu o troco certo. E o jornalista que jogou seu jornal na poça d’água. E o cachorro do vizinho, que latia à noite. E... bem, Marcos descobriu que havia uma infinidade de pessoas e coisas, neste mundo, capazes de nos irritar.

Falando em descobertas, Marcos também descobriu que quando todos os bolsos estão cheios de pedras, a cinta não consegue segurar as calças. (Ele descobriu isso quando seus braços estavam carregados de pacotes, na mercearia.) Então, ele fez para si resistentes suspensórios de couro, para ajudar a segurar as calças.

Mas, logo suas calças já não tinham bolsos suficientes; então passou a usar



uma jaqueta, onde quer que fosse, uma daquele tipo com muitos bolsos. E não demorou muito para que a jaqueta parecesse tão engraçada quanto as calças. E cheirava a pó tanto quanto elas. E ficou até mais pesada porque tinha mais bolsos.

Qualquer um teria desistido a essa altura, mas não o Marcos. Ele comprou uma dessas maletas reforçadas, como os vendedores usam. Afinal, quando a gente começa a procurar, encontra todo tipo de coisas na vida que nos aborrecem. E quando se está sempre cansado de carregar tantas pedras por onde anda, é mais fácil ficar com raiva.

Anos se passaram e a coleção de

pedras-lembretes de Marcos transbordou de seus bolsos e da maleta para a casa toda. Ele tinha pedras na pia da cozinha, nos armários e espalhadas pelo chão. Às vezes, chegava a colocar uma pedra na cama, para se lembrar de ficar com raiva durante a noite. Sejam os francos. Marcos tornara-se um sujeito estranho e desagradável. E a maior parte das pessoas o evitavam, quando possível, o que o deixava ainda mais irascível. As pedras não são boa companhia. Elas são duras, sujas, e no inverno, muito frias.

Bem, Marcos poderia ter-se tornado um velho mau, completamente enterrado em pedras. Mas, um dia, ele recebeu um telefonema de um professor de geologia da universidade. O Dr. Ageu ouvira falar da grande coleção de pedras do “seu” Marcos (e quem não ouviu?), e queria que seus alunos de geologia a conhecessem.

“Bem”, pensou Marcos, “afinal existe alguém que aprecia minhas pedras. Espere só até verem todas estas recordações do quanto as pessoas me ofenderam.” A visita foi marcada para o sábado seguinte, e Marcos passou as tardes seguintes espanando e arrumando as pedras.

Por fim, o sábado chegou e às duas horas da tarde soou a campainha. Ali, na varanda, estavam o Dr. Ageu e sete de seus melhores alunos, todos vestidos com as melhores roupas de exploração. Muitos deles tinham martelos para pedras pendurados nos cintos e um ou dois carregavam máquina fotográfica. E cada um tinha consigo lápis e papel.

O professor Ageu parecia um homem comum, contudo tinha um sorriso cordial. E seu rosto estava fortemente bronzeado pelos anos passados ao ar livre. Positivamente, havia algo especial em seus olhos, também; eles eram profundos e escuros, embora tivessem um brilho





calcária, arenito e quartzo. Ora, havia até pedaços de asfalto e concreto!

Finalmente, o professor falou: “Hum... hum...” limpou a garganta. “Talvez fosse bom nos explicar sua coleção, sr. Peres. Posso dizer, honestamente, que nunca vimos uma coleção igual à sua.” Atrás dele, seus alunos menearam a cabeça



que dizia que ele apreciava a vida. E quando olhava para a gente, era com o mesmo olhar que examinava as montanhas e formações rochosas... como que tentando penetrar seu íntimo. Era um cientista que gostava de gente tanto quanto de pedras.

Quando o professor e os alunos entraram na sala cheia de pedras, Marcos esperava ouvir palavras de admiração e espanto. Sabe, como as que ouvimos num espetáculo de fogos de artifício. Entretanto, só houve um silêncio constrangido. O grupo ficou ali, olhando em volta, cutucando algumas pedras com os pés. Então, os alunos olharam para o professor, esperando que ele dissesse alguma coisa. Afinal, esta não era a coleção de belas gemas e minerais que esperavam ver. Eram simples nacos de pedra

concordando.

“Bem”, principiou Marcos nervoso, “eu, ahn, bem... é que...” Fazia muito tempo que não conversava com alguém.

O professor percebeu como ele estava nervoso. O pobre homem engolia em seco, e seu pomo de Adão ficava subindo e descendo. (Alguns alunos chegaram a pensar que estava tentando engolir uma de suas pedras.)

Tentando ajudá-lo, o professor disse: “Por que não começa contando-



-nos por que escolheu *estas* pedras?” Apanhou uma pedra cinza comum, que se parecia com a maior parte das outras. “Por que escolheu este pedaço de pedra calcária para sua coleção?”

“Ah, então é *isso*? Bem, creio que é a que peguei quando a lavanderia não aprontou minhas camisas em tempo. Espere! Não, acho que é a que peguei quando meu programa favorito de televisão foi cancelado. Ou será que foi quando corri para atender o telefone e a pessoa havia discado o número errado? Ou...” Aqui ele parou para pensar e tentar lembrar-se. Havia tantas pedras! De repente, Marcos percebeu que era só isso que o professor Ageu e seus alunos conseguiam ver. Para qualquer outra pessoa não passavam de pedras comuns. Marcos tinha de explicar, para fazê-los compreender.

Outubro/Novembro de 1985

“Há mais nestas pedras do que vocês podem imaginar. Cada uma delas representa uma vez que alguém me deixou com raiva, ou não foi bom para mim, ou me magoou. Eu peguei estas pedras como lembretes.”

Foi aí que o professor e seus alunos ficaram, realmente, estupefatos. Todos começaram a falar de uma só vez: “Eu nunca ouvi falar de algo assim.” “Há quanto tempo o senhor faz isto?” “Posso tirar uma foto de suas pedras?” “Que mina!”

O professor Ageu voltou a falar, e todos se calaram. “Bem, sr. Peres”, começou com cuidado, “devo admitir que o senhor é a primeira pessoa que conheci, que coleciona pedras por essa razão.” Ele fez uma pausa e olhou ao redor. “O senhor foi muito gentil em nos convidar para vir a sua casa. E nós não queremos tomar muito do seu tempo. Mas, o senhor permite que, já que estamos aqui, olhemos a sua outra coleção de pedras?”

Marcos franziu a testa, sem entender e disse: “Mas eu não tenho nenhuma outra coleção.”

“Ah, entendo. Apenas pensei que talvez o senhor colecionasse algo para se lembrar das coisas boas que as pessoas lhe disseram e fizeram. Mas, bem, não importa. Creio que devemos ir agora. Muito obrigado por nos deixar vir à sua casa. Eu e meus alunos aprendemos uma coisa importante.”

Reuniu seus alunos e se encaminharam para a porta. Então, voltando-se novamente para Marcos o professor disse: “Nós ainda temos um tempinho de sobra nesta tarde, será que o senhor nos poderia indicar outras pessoas que tenham uma coleção parecida?”

Mais uma vez Marcos não sabia como responder. “Não conheço nenhuma outra coleção como a minha.”

“Ah, só pensei que, talvez, alguém que o senhor conheça tivesse





colecionado algo quando... quero dizer... se o senhor alguma vez... ahn... o magoou.” Então, rapidamente, ele acrescentou: “Sim, bem, até logo, e mais uma vez obrigado.”

Sem demora, o professor e seus alunos saíram e se foram pela calçada.

Muito tempo depois que eles saíram, Marcos continuava ali parado, parecendo uma de suas pedras... frio, sombrio e totalmente imóvel. As palavras do professor ecoavam dentro dele. Ao seu redor, a casa quieta. Muito quieta. E de repente, percebeu quão agradável fora o tagarelar amigável dos alunos. Há quanto tempo não tinha uma conversa amigável com alguém? Pensando nisto, será que ainda tinha algum amigo?

Então, antes que pudesse evitá-lo, ocorreu-lhe um pensamento: “Estou-me tornando como as minhas pedras.” Sentado sozinho no escuro,

Marcos finalmente percebeu que companhias desagradáveis eram as pedras. E quão desagradável ele... Bem, alguns pensamentos são duros demais para serem ditos.

Durante muitos dias, por horas a fio, Marcos ficou sentado, imóvel como uma pedra, pensando em coisas duras como pedra. A gente até poderia pensar que ele acabara petrificado. Mas, lá no fundo, algo estava despertando e começando a crescer, como uma semente no solo da primavera.

Se acha que é difícil encontrar um lar para gatinhos abandonados ou coisa parecida, você deveria tentar encontrar alguém que queira um montão de pedras muito ordinárias, sujas e cinzentas. Na verdade, tente só ajuntá-las, quando estão esparramadas por toda parte. Marcos tentou contratar faxineiras, mas todas lhe disseram a mesma coisa: “Eu não limpo vidraças, nem apanho pedras.” Um cartaz, com os dizeres de “Pedras Grátis”, em sua janela, não trouxe nenhum resultado. Finalmente, ele compreendeu que era algo que teria de fazer sozinho.

Os vizinhos ainda falam da vez em que Marcos estacionou um reboque alugado junto à varanda, e da tremenda nuvem de pó quando as pedras foram despejadas nele. Comentam também como a aparência de Marcos melhorou, como suas roupas caem bem melhor no corpo (será que ele emagreceu?), e como ele chega a sorrir de verdade agora.

Os vizinhos de Marcos, também apontam, com orgulho, seu belo jardim e quintal, com árvores, flores e arbustos plantados por toda parte. Eles não têm nenhuma explicação para seu súbito interesse pela jardinagem. Mas, uma vizinha, a sra. Carvalho, notou que depois que ela lhe levou um pedaço de bolo, Marcos foi ao jardim e plantou uma semente. ■

PRINCÍPIOS

Élder Boyd K. Packer

do Quorum dos Doze

A verdadeira essência da administração eclesiástica não está no procedimento em si, mas em conhecer e ensinar os princípios e a doutrina.

Esta é a versão editada de um discurso proferido no dia 6 de abril de 1984, no Seminário para Representantes Regionais, associado à conferência geral.

Minha designação é falar sobre o chamado de missionários. O Senhor nos deu o mandamento de pregar o evangelho. Esta mensagem é repetida mais de oitenta vezes nas escrituras — mais de oitenta vezes: “Pregai a toda nação, tribo, língua e povo.” E isto certamente é razão bastante para fazê-lo. Gostaria de acrescentar outra razão para se chamar missionários. Penso que se realmente a entendêssemos, se conseguíssemos captar sua importância, seríamos compelidos a um maior esforço em fazer que todo rapaz seja digno de receber o chamado missionário. Salvo os poucos que têm um forte impedimento físico, todo rapaz precisa tornar-se digno de receber o chamado para cumprir missão.

Bem, o mundo sendo como é, não damos a mesma ênfase ao chamado das irmãs para uma missão. Em primeiro lugar, em toda missão é limitado o número de locais seguros para missionárias. E atualmente temos algumas missões, em que o número de missionárias quase predomina. Não devemos parar de chamar missionárias, mas sim chamar um número cada vez maior de élderes.

Se conseguirdes entender o que espero poder transmitir a respeito do chamado de missionários, compreendereis que o chamado deles é essencial não apenas para o crescimento da Igreja, mas para sua

A verdadeira essência da administração eclesiástica não está no procedimento, mas em conhecer e ensinar os princípios e a doutrina.

Organização, programas, procedimentos, normas e princípios, todos são importantes. Nem todos, porém, têm a mesma importância. Conhecendo os princípios — revelação, — poderão tomar as decisões corretas e determinar as prioridades certas.



segurança. Acho que o melhor título para o que vou falar, seria a simples palavra *princípios*. Tenciono apresentar algumas idéias sobre os princípios fundamentais do governo eclesiástico e, a seguir, dar exemplos de como são essenciais no governo da Igreja, e depois aplicá-los à obra missionária. Esses princípios, é lógico, aplicam-se a toda a obra da Igreja.

Sabemos que o trabalho da liderança local do sacerdócio nunca tem fim. Mesmo que dedicassem todo seu tempo, não conseguiriam terminá-lo, e obviamente eles têm ainda de sustentar a família e ser bons cidadãos. Sendo assim, como podem fazer escolhas

prudentes? De todas as coisas que lhes pedimos que fizessem, como podem escolher com segurança aquelas não tão prioritárias? As responsabilidades dos líderes locais podem ser classificadas em três categorias:

Temos uma *organização* para manter, com o constante problema de pessoal.

Temos *programas* para administrar.

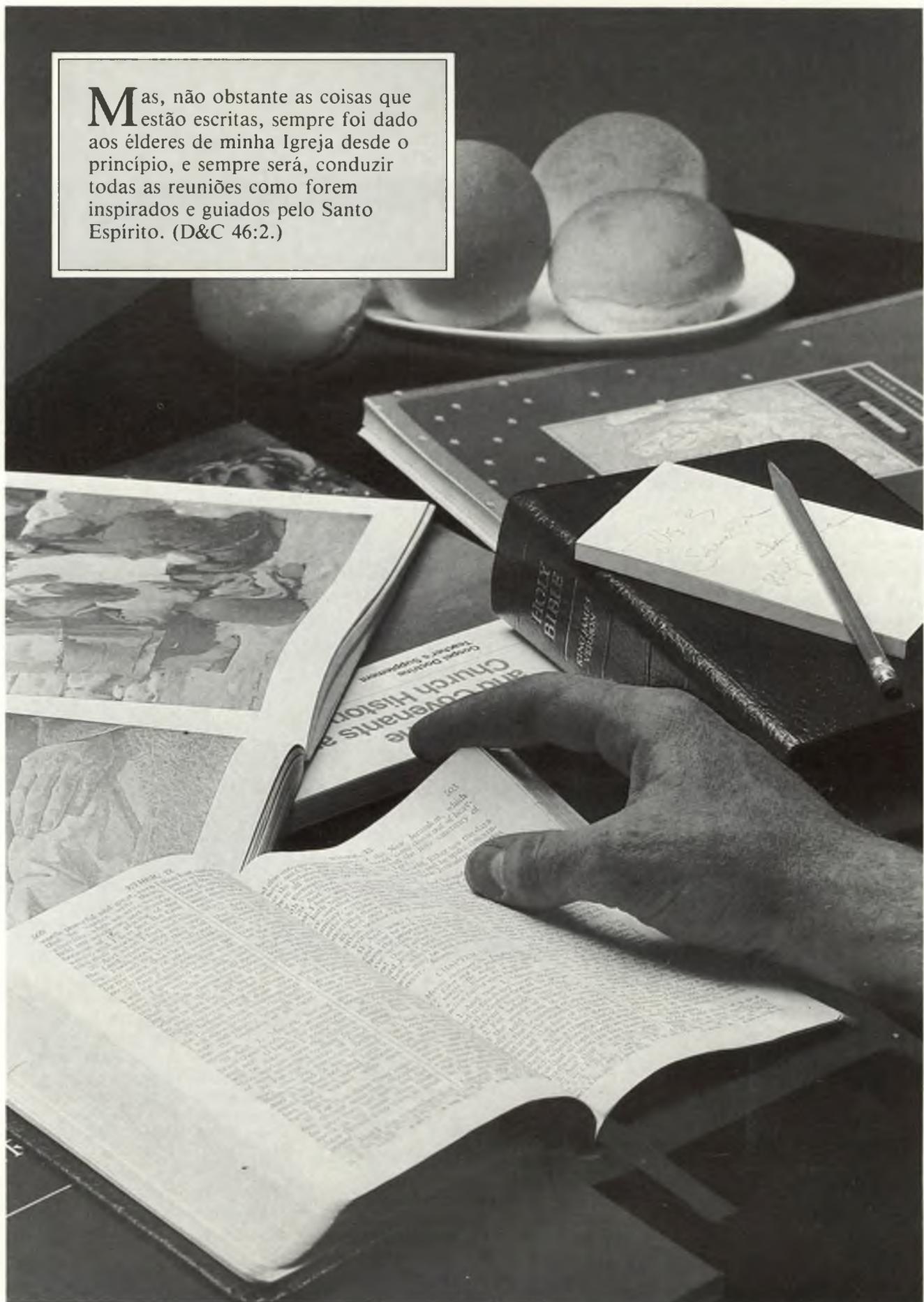
Temos *procedimentos* para seguir.

Temos *normas* oficiais a respeitar.

Depois, temos *princípios* para obedecer e ensinar.

Organização, programas, procedimentos, normas e princípios, todos são importantes. Nem todos,

Mas, não obstante as coisas que estão escritas, sempre foi dado aos élderes de minha Igreja desde o princípio, e sempre será, conduzir todas as reuniões como forem inspirados e guiados pelo Santo Espírito. (D&C 46:2.)



Fotos de Maria Mayo e Wes Taylor

porém, têm a mesma importância. É muito fácil gastar tempo e dinheiro com coisas não prioritárias, negligenciando as mais importantes.

Vou dar-lhes dois exemplos. Um talvez do lado mais espiritual de nosso ministério, e o outro do lado temporal.

O primeiro tem a ver com os tribunais da Igreja. É nossa responsabilidade disciplinar os membros em caso de uma transgressão mais grave. A *organização* e os *procedimentos* de um tribunal estão minuciosamente explicados no Manual Geral de Instruções.

Todavia, a menos que conheçam os *princípios* aplicáveis nesses casos, poderão realizar um tribunal tecnicamente de acordo com o manual, até mesmo seguindo os procedimentos corretos e ainda assim magoar em lugar de curar o membro transgressor.

Se não conhecerem os *princípios*, isto é, os princípios do evangelho, as doutrinas, o que dizem as revelações; se não souberem o que dizem as revelações sobre justiça e misericórdia, ou o que desvendam acerca da repreensão ou perdão, como poderão tomar decisões inspiradas nos casos difíceis que requerem seu julgamento?

Além dos procedimentos do manual existe um elemento espiritual, pertencente ao sacerdócio e portador do poder divino. A menos que estejam familiarizados com ele, a menos que os bispos e os presidentes de estaca estejam com ele familiarizados, talvez consigam implantar programas mas ainda assim não redimir os santos.

Outro exemplo: As revelações deixam claro que devemos cuidar dos pobres merecedores. Como fazê-lo? Coletando ofertas de jejum e recorrendo aos programas do Serviço de Bem-Estar — todos nós os conhecemos. Os manuais nos dizem como devem ser administrados. No entanto, cada caso é diferente. Sem conhecer os princípios do evangelho, poderão agir tecnicamente de acordo com as instruções e ainda assim degradar em lugar de edificar o membro. Suponhamos que não soubessem nada a respeito de independência, economia e auto-suficiência.

Não é uma questão de dedicação, pois esta *jamais* questionamos. É uma questão de prioridades, uma questão de discernimento. Pois “não havendo profecia, o povo se corrompe”. (Provérbios 29:18.)

Todo aspecto da administração da Igreja é baseado em certos princípios do evangelho. Estes *não* estão explicados nos manuais. Encontram-se

nas escrituras, e são a substância e o propósito das revelações.

Procedimentos, programas, normas administrativas, até mesmo certos padrões de organização podem mudar. Nós temos liberdade, de fato até a obrigação de modificá-los de tempos em tempos. Os *princípios*, porém, as *doutrinas*, *nunca* mudam.

Se derem ênfase excessiva a programas e procedimentos que poderão mudar, e de fato mudarão, precisam mudar, e não entenderem os princípios fundamentais do evangelho que *nunca mudam*, poderão cometer erros.

Agora, ouçam com atenção. Não estou sugerindo que devem ignorar os manuais ou livros, pois nem por um minuto pensaria nisso. O que digo é que existe um ingrediente espiritual não encontrado nos manuais que precisam incluir em seu ministério se quiserem agradar ao Senhor.

Conhecendo o evangelho, terão um apego às instruções dos manuais que não se consegue de outra maneira. Assim fazendo, ficarão a salvo de inovações que não funcionam.

Devido à expansão acelerada da Igreja, existe a tentação de procurar solucionar problemas modificando limites, alterando programas, reorganizando a liderança ou conseguindo instalações mais confortáveis.

Do que necessitamos, realmente, é de um retorno aos princípios fundamentais do evangelho de que nos fala a história da Igreja. Do que precisamos mesmo é de um revigoramento dos princípios fundamentais do evangelho na vida de todos os santos dos últimos dias. A verdadeira essência da administração eclesástica não está no procedimento — está no princípio, na doutrina!

O Profeta Joseph Smith nos deu a chave. Diz ele, com referência à administração: “Ensino-lhes princípios corretos e eles se governam a si mesmos.”

Tempos atrás, entrevistei um jovem bispo no Brasil. Tinha vinte e sete anos e deu-me a impressão de possuir todos os atributos de um bom líder na Igreja — humildade, testemunho, aparência, inteligência, espiritualidade. Eis aqui, pensei, um jovem com grande futuro na Igreja.

Depois, observando-o, perguntei a mim mesmo: “Qual será o seu futuro? O que nós faremos *por* ele? O que nós faremos *a* ele?” E mentalmente tracei seu futuro. Ele será bispo por uns seis anos, talvez; então estará com trinta e três anos; depois servirá uns oito anos

num sumo conselho de estaca e cinco como conselheiro na presidência da estaca. Aos quarenta e seis, estará sendo chamado como presidente de estaca. Depois de seis anos o desobrigaremos para tornar-se um Representante Regional, servindo mais cinco anos. Isto significa que terá vivido trinta anos como um ideal, o exemplo a seguir, a imagem, o líder.

Entretanto, durante todo esse tempo, não terá comparecido a três aulas de doutrina do evangelho seguidas, nem freqüentado três reuniões consecutivas do quorum do sacerdócio.

Irmãos, estão-se reconhecendo neste exemplo?

A menos que ele conheça os princípios fundamentais do evangelho antes de ser chamado, dificilmente terá tempo de aprendê-los depois. Agendas, reuniões, orçamentos e construções tomarão todo seu tempo. Estas coisas geralmente não são descuidadas.

Mas os princípios sim — o evangelho é descuidado, a doutrina é descuidada. Quando isto acontece, estamos em grave perigo! Vemos a prova disto na Igreja hoje.

Quero levantar a voz de solene e séria advertência! Vivemos num dia de grande oposição, não só nos Estados Unidos como no mundo inteiro. Ela está crescendo dia e noite em todo o mundo. Inimigos externos reforçados por apóstatas internos desafiam a fé do povo da Igreja. Não são os programas da Igreja que eles combatem. Estes, na verdade, são-lhes secundários. Eles se concentram é nas doutrinas. São as doutrinas que eles atacam e notamos que muitos líderes não sabem como responder a questões doutrinárias. Tenho tido alguma relação com o programa de Comunicações Públicas ao qual chegam diariamente apelos de toda a parte: “Ajudem! O que devemos fazer?” Eles estão desafiando as doutrinas. Se os membros desconhecem as doutrinas, estamos em perigo, a despeito dos mais eficientes programas e instalações.

Agora, não estou querendo menosprezar nossos esforços. Vejo evidências de princípios do evangelho em ação por toda parte. Vou dar-lhes um exemplo.

Nas reuniões de liderança de estaca, muitas vezes interrogo um jovem presidente de quorum de élderes a respeito do procedimento para chamar um novo conselheiro. Como chamaria um novo conselheiro? Posso informar com satisfação que o que segue é um diálogo típico.

Diz o presidente: — Bem, primeiro

passaria mentalmente em revista os membros do meu quorum e escolheria um deles, o que achasse mais talhado para ser meu conselheiro. Depois oraria a respeito.

— Por que oraria?

— Para receber a orientação do Senhor.

— Que espécie de orientação?

— Mostrando-me se estou certo ou não.

— Quer dizer, revelação?

— É.

— O irmão acha que pode receber revelação sobre tal coisa?

— Acho.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Mas você é uma pessoa comum; acredita mesmo que poderá receber revelação pessoal de Deus?

— Sim, senhor!

— Já recebeu alguma?

— Já.

— Eu não conseguiria dissuadi-lo disso, não é?

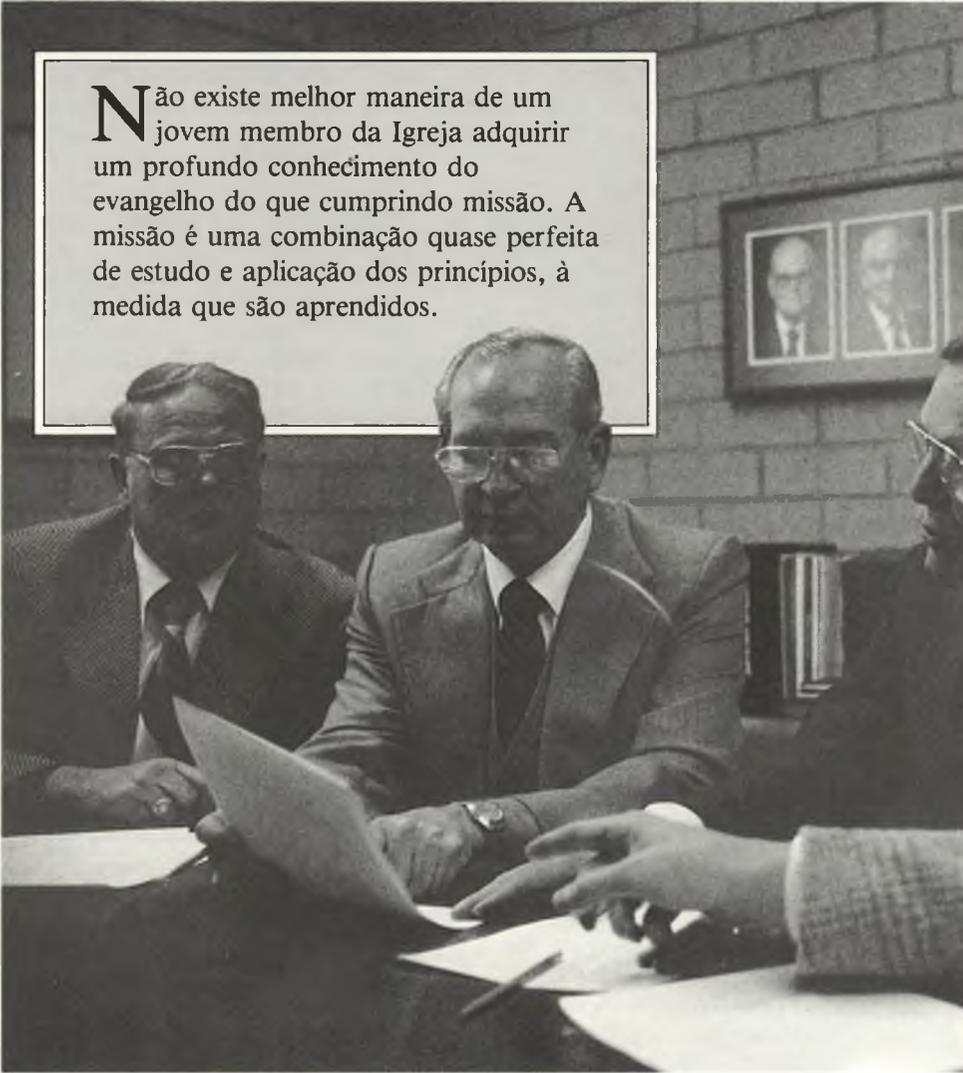
— Não senhor!

Imaginem só! Um jovem e comum presidente de quorum de élderes sabe o que é revelação e como conseguí-la. Um simples moço sabe como achegar-se ao Senhor através do véu para obter instrução revelada.

Esta é a essência, a própria essência do governo eclesiástico. Este é o princípio do evangelho. Revelar sua vontade a seus servos é uma lei de Deus. Não apenas aos profetas e apóstolos, mas aos seus servos pelo mundo afora. Isto é um princípio precioso que precisa ser guardado e cultivado, e que às vezes é negligenciado quando estamos assoberbados com encargos administrativos.

Agora, desde que o jovem presidente esteja familiarizado com as escrituras, ele jamais seguirá falsos líderes. Ele terá lido em Doutrina e Convênios:

“A ninguém será permitido sair a pregar o meu evangelho ou edificar a minha igreja, a não ser que tenha sido



Não existe melhor maneira de um jovem membro da Igreja adquirir um profundo conhecimento do evangelho do que cumprindo missão. A missão é uma combinação quase perfeita de estudo e aplicação dos princípios, à medida que são aprendidos.

ordenado por alguém com autoridade, e que a igreja saiba que tem autoridade e que foi apropriadamente ordenado pelos líderes da igreja.” (D&C 42:11.)

Tampouco atuará tão organizada e mecanicamente a ponto de não obter inspiração. Ele terá lido este versículo na seção 46:

“Mas, não obstante as coisas que estão escritas, sempre foi dado aos élderes de minha Igreja desde o princípio e sempre será, conduzir todas as reuniões como forem inspirados e

guiados pelo Santo Espírito.” (D&C 46:2.)

É tão importante que todo membro, particularmente todo líder entenda e conheça o evangelho.

Não é fácil encontrar tempo para estudar o evangelho. É mais difícil para o presidente de estaca fazê-lo e muito mais ainda para o bispo; contudo, é necessário e é possível. Irmãos, compareçam às aulas sempre que puderem; os bispos e presidentes de estaca devem encontrar um meio de



freqüentar boa parte das aulas de doutrina do evangelho e as aulas apropriadas do sacerdócio.

Precisamos cuidar de que as gerações que nos seguem aprendam o evangelho. É nosso dever transmitir intactos às gerações que nos seguem, os princípios e ordenanças do evangelho e a autoridade do sacerdócio.

Promovam os programas destinados a ensinar o evangelho. Primária, Escola Dominical (a propósito, tenho

ouvido líderes locais recomendando a supressão da Escola Dominical; isto seria muito, muito insensato de nossa parte). As lições do sacerdócio são importantes e as lições das auxiliares, as aulas de Viver Espiritual da Sociedade de Socorro; o programa do Sacerdócio Aarônico, o programa das Moças, e as reuniões sacramentais podem ser instrumentos poderosos se os usarmos para pregar o evangelho. As reuniões sacramentais devem ser centralizadas no evangelho. E não vejo como um bispo ou presidente de estaca possa descansar até que tenha o seminário funcionando para os jovens e até que o programa de aperfeiçoamento didático, que aprimora a qualidade desses programas, mereça alguma atenção. Todos eles merecem seu vigilante cuidado e apoio.

Agora, concluindo, só mais um ponto. O que tudo isto tem a ver com o chamado de missionários? Tem *tudo* a ver!

Não existe melhor maneira de um jovem membro da Igreja adquirir um profundo conhecimento do evangelho do que cumprindo missão. A missão é uma combinação quase perfeita de estudo e aplicação dos princípios, à medida que são aprendidos. Nada pode comparar-se a isso.

O chamado de um missionário requer que seja capaz de ensinar os princípios fundamentais do evangelho todos os dias, o dia inteiro. Ele ensina o plano de salvação, sempre, sempre, sempre de novo.

O Senhor é o nosso exemplo. Seria difícil descrever o Senhor como um executivo. Permitam-me repeti-lo. Seria difícil descrever o Senhor como um executivo. Ele era um *professor!* Este é o ideal, o modelo.

Os missionários são professores. Nenhum aluno aprende nem de longe tanto ouvindo uma lição como o professor ao prepará-la.

Imaginem-se estudando duas horas por dia com um companheiro. O que

achariam disso? O missionário estuda as escrituras como jamais estudou antes e como nunca mais conseguirá estudar, especialmente se for chamado para ser um líder.

Ele recebe um fundamento na própria essência do evangelho; aprende os princípios fundamentais do governo eclesiástico. O futuro da Igreja depende desse seu conhecimento.

Pergunto eu: De onde supõem que o jovem presidente do quorum de élderes obteve seu conhecimento dos princípios do evangelho, da revelação? Onde ele aprendeu a respeito da revelação? Bem, sem dúvida na missão.

A segurança da Igreja no futuro depende de nosso sucesso no chamado de missionários. Se nos preocupamos com o futuro desta obra, não descansaremos até que todo jovem fisicamente apto se torne digno e deseje receber um chamado para cumprir missão.

Bem, eu apenas mencionei no princípio que temos o *mandamento* de pregar o evangelho. Somos mandados a pregar independente de nos trazer ou não qualquer benefício ou bênçãos. Por que? *Porque é o nosso dever!* Isto é um princípio, um *princípio imperativo!*

Procedimentos e programas, normas e organização, orçamentos e edifícios são importantes no seu devido lugar. Eles merecem nossa atenção, irmãos, mas não em detrimento das coisas mais importantes.

Temos que seguir avante. Poderíamos abrir seis novas missões imediatamente, se tivéssemos os missionários de que necessitamos. Assim, nosso conselho e instrução a todos os líderes é que prossigam e renovem, com grande urgência, o chamado de rapazes e um número menor, porém suficiente, de irmãs, para irem pregar o evangelho a toda nação, tribo, língua e povo em resposta ao mandamento que nos foi dado, em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

Uma Nova Era na Igreja

Julho de 1985 ficará como um marco na história da Igreja. Aqueles que esquecerem essa história, no futuro, olharão para este período como uma das mais significativas eras para o governo do reino de Deus na terra.

A partir desse mês, grande parte do trabalho da Igreja foi descentralizado, passando a ser dirigido, em todo o mundo, por presidências de área, das quais muitas mudarão suas residências para as respectivas áreas.

A Igreja está, atualmente, estabelecida em 96 países e 18 colônias, territórios e possessões. Essas distantes missões, estacas, distritos, alas e ramos serão agora dirigidos por 13 presidências de área, sendo cada uma delas composta de três Autoridades Gerais, membros do Primeiro Quorum dos Setenta.

Este histórico e inspirado conceito de presidência de área foi anunciado pela Primeira Presidência, em meados de 1984, mas na ocasião, apenas três presidências foram mandadas viver nas suas áreas internacionais, em caráter experimental. Agora, seis presidências mudaram-se para áreas internacionais, ficando muito mais perto dos líderes a quem vão presidir. As sete presidências de área que servem nos Estados Unidos e Canadá continuarão a morar na Cidade

do Lago Salgado, viajando com frequência para áreas de sua responsabilidade.

As áreas internacionais são: **Europa** (Ilhas Britânicas, Europa e África) com sede em Frankfurt, Alemanha; **Pacífico** (Austrália, Nova Zelândia, Ilhas do Pacífico e Havaí) com sede em Sidnei, Austrália; **Ásia** (Japão, Coréia, Hong Kong, Formosa, Sudeste da Ásia e Filipinas) com sede em Tóquio, Japão; **México América Central** (México, Guatemala, Honduras, Costa Rica, Panamá, El Salvador e Nicarágua) com sede na Cidade do México; **Sul Americana Norte** (Brasil, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia) com sede em São Paulo, Brasil; e **Sul Americana Sul** (Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile) com sede em Buenos Aires, Argentina.

Cada uma das presidências de área presidirá um conselho que incluirá os Representantes Regionais designados para a área. Os conselhos também coordenarão o trabalho dos presidentes de missão de tempo integral e dos presidentes dos templos das áreas.

Internacionalmente, as presidências de área ainda supervisionarão os assuntos temporais da Igreja, com a assistência de funcionários contratados em regime de tempo integral.

Outro significativo aperfeiçoamento

é o chamado de algumas das esposas dos membros das presidências de área, para servirem como representantes de área das juntas gerais. Neste cargo, recentemente criado, as irmãs representarão as presidências gerais da Sociedade de Socorro, das Moças e da Primária, nas áreas internacionais. A doce influência dessas dedicadas esposas de Autoridades Gerais nas reuniões do conselho e outras atividades, muito acrescentará à obra do Reino.

Estes gigantescos passos à frente no governo da Igreja fornecerão liderança e orientação para o crescimento da Igreja no futuro próximo. Mas, embora esses aprimoramentos organizacionais sejam muito importantes, a obra da Igreja ainda é voltada para seus membros e sua exaltação. Antes de ordenar ao Profeta Joseph Smith que organizasse a Igreja ou chamasse qualquer pessoa para ocupar cargos específicos, o Senhor deixou claro que o valor das almas é grande aos seus olhos e que qualquer esforço para aprimorar a organização deveria ser feito somente para melhorar a capacidade da Igreja de edificar a fé e o testemunho na vida de seus membros.

Os acontecimentos desse histórico mês de julho nos oferecem uma reafirmação de que o Senhor está olhando por sua Igreja e a está preparando para literalmente avançar e encher a terra.

No Brasil, que faz parte da área Sul Americana Norte, realizou-se uma reunião igualmente histórica no dia 9 de agosto, na Capela da Ala 5 (Caxingui), em São Paulo, presidida pelo Élder James E. Faust, do Quorum dos Doze e com a presença do Bispo Glenn Pace, do Bispado Presidente. Nessa reunião foi apresentada à liderança local a presidência da nossa área: Élder F. Burton Howard, Élder Loren C. Dunn e Élder Hélio da Rocha Camargo, os quais dirigiram aos presentes inspiradoras palavras. Também foi apresentado o secretário-executivo da Presidência de Área, Élder Wayne Beck.

Assistiram à reunião o presidente do Templo de São Paulo, os Representantes Regionais, os presidentes de Missão, presidentes de estaca, o Diretor para Assuntos Temporais e funcionários da Igreja.



Da direita para esquerda: Élder James E. Faust, do Conselho dos Doze; Élder F. Burton Howard, Presidente da Área Sul Americana Norte; Élder Loren C. Dunn, e Élder Hélio da Rocha Camargo respectivamente 1.º e 2.º Conselheiros da Presidência de Área; Élder Wayne Beck, secretário executivo e Bispo Glenn Pace, 2.º Conselheiro do Bispado Presidente.

Mórmons Brasileiros Comemoram Jubileu de Ouro

Diante de autoridades do governo federal, do governo do Distrito Federal e da mídia escrita, falada e televisionada, os membros da Igreja comemoraram no último dia primeiro de julho, às 8 horas da noite, nos salões vermelhos do Hotel Nacional de Brasília, os 50 anos da Igreja no Brasil. O programa constou do seguinte:

Reconhecimento dos convidados presentes pelo Presidente José Benjamin Puerta, presidente da Associação Brasileira de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias
Hino Nacional Brasileiro
Invocação ao Senhor pelo Presidente Cory William Bangerter, presidente da Missão Brasil Rio de Janeiro
Número Musical: Violoncelo - Maestro Benhur Guimarães de Freitas
Piano - Elaine Vasconcelos Carrano
Palavras do Presidente Hélio da Rocha Camargo, da Presidência da Área Sul Americana Norte

Filme: Um Povo em Ação (30 minutos)

Número Musical: Violoncelo - Maestro Benhur Guimarães de Freitas
Piano - Elaine Vasconcelos Carrano
Entrega da Árvore Genealógica do Presidente Tancredo de Almeida Neves

Emissão de Carimbo Comemorativo pela Empresa de Correios e Telégrafos

Bênção pelo Presidente Demar Staniscia, presidente da Missão Brasil Brasília

Recepção aos presentes



Entrega da Árvore Genealógica ao Sr. Neves, representante da família Neves.

Falando aos presentes em nome da Igreja, o Élder Hélio da Rocha Camargo, Autoridade Geral, membro do Primeiro Quorum dos Setenta e segundo conselheiro na Presidência da Área Sul Americana Norte, destacou a importância do evangelho restaurado na comunidade brasileira modificando vidas e preparando os conversos para a vida eterna. Élder Camargo demonstrou o crescimento da Igreja no Brasil desde 1935, ocasião em que foi organizada a primeira Missão e comunicou a instalação da mais nova, a Missão Brasil Brasília, apresentando a todos o seu presidente, o Irmão Demar Staniscia. Entre outras coisas, destacou o Élder Camargo a importância da Igreja com seus programas para a criança, o jovem, o adulto, a família etc.

Na mesma ocasião foi entregue a árvore genealógica do Presidente Tancredo de Almeida Neves, presidente eleito do Brasil recentemente falecido e preparada pelo Departamento de Genealogia. Também foi emitido, pela Empresa de Correios e Telégrafos, um carimbo postal comemorativo dos 50 anos da Igreja em solo brasileiro. Em 50 anos, iniciando a Igreja no Brasil com a vinda de uma família da Alemanha, hoje são mais de 250.000, os santos no Brasil. A esse importante evento compareceram, além da Autoridade Geral que presidiu a solenidade, todos os Representantes Regionais, diretores da Associação Brasileira da Igreja, presidentes de Estaca, entre outros. Presidente José Benjamin Puerta, na qualidade de Presidente da Associação Brasileira da Igreja abriu a solenidade dando as boas-vindas a todos os presentes.



Novo Diretor para Assuntos Temporais



O Irmão Donald Leslie Clark é o novo Diretor para Assuntos Temporais no Brasil, substituindo o Irmão Lynn A. Sorensen, que retornou aos Estados Unidos após servir nesse cargo durante três anos.

O Irmão Clark é natural de Omaha no estado de Nebraska, Estados Unidos, onde cresceu e conheceu sua esposa, Zaza, que ali estudava, procedente do Brasil. Mas a Irmã Clark não é brasileira: ela veio da Checoslováquia para cá aos 9 anos de idade, em companhia de seus pais Alexander e Catarina Janosh.

Eles se casaram e em 1962 vieram

morar no Brasil, trabalhando ele para uma multinacional.

Aqui, no Brasil, é que conheceram a Igreja e foram batizados em 1965, tornando-se membros do Ramo de Santo Amaro.

Algum tempo depois, já com dois filhos, Tim e Don Júnior, voltaram aos Estados Unidos, onde o Irmão Clark recebeu diploma de bacharel em finanças pela Universidade de Brigham Young (BYU) e, posteriormente, fez curso de pós-graduação na Universidade Fordham na cidade de Nova York, em negócios internacionais e finanças.

Ocupou o cargo de diretor financeiro e operacional em várias multinacionais, até que foi chamado como representante do Bispado Presidente no Peru, país vizinho ao nosso. Foi também o Diretor para Assuntos Temporais da Área Andina Sul, antes de ser chamado para o Brasil.

O casal tem agora três filhos: Tim, que serviu na Missão San Diego Califórnia e no momento está cursando a BYU, e ensinando português no Centro de Treinamento Missionário de Provo, Utah; Donald Júnior, que está cumprindo missão em Portugal e Jackie Lee, a filha de 14 anos que mora com os pais, em São Paulo.

O Irmão Clark e sua família têm expressado alegria por estarem novamente entre os queridos irmãos brasileiros, pois sentem que as coisas mais importantes de sua vida aconteceram aqui: conhecer a Igreja e o nascimento dos filhos.

Templo de São Paulo Tem Novo Conselheiro



Em reunião especial para os oficiais do Templo de São Paulo, com a presença do Élder James E. Faust de Conselho dos Doze, e da Presidência de Área, foi apoiado o novo segundo conselheiro do templo — o Presidente José Lombardi, por ocasião da desobrigação do Presidente Martinez, que continuará a servir ao Senhor como oficiante. A presidência do templo fica assim constituída: Presidente Hal Johnson; Manuel Ricoy, 1º conselheiro; José Lombardi, segundo conselheiro.

O Presidente Lombardi, entre outros cargos, serviu por muitos anos como patriarca da Estaca São Paulo. Também cumpriu missão de tempo integral com sua esposa na Missão Portugal Lisboa. Quando de seu retorno, em 1978, ao ser dedicado o Templo de São Paulo no mesmo ano, ele e a Irmã Lombardi foram chamados como oficiantes. No mesmo ano, o Irmão Lombardi foi chamado como Representante Regional. Após seis anos de serviços nesses dois chamados, chegou-lhe mais um: o de retornar a Portugal por dois meses, para dar bênçãos patriarcais aos membros do país todo. Nesses dois meses, o Patriarca Lombardi deu mais de 300 bênçãos patriarcais aos portugueses, tão seus conhecidos.

De volta ao Brasil, algumas surpresas o aguardavam. Veio o chamado para servir na presidência do templo — o que o encheu de alegria — e uma inesperada cirurgia do coração. Duas semanas após essa cirurgia, o Presidente Lombardi foi apoiado naquela reunião especial.

O Presidente Lombardi é profundamente grato ao Senhor pelas muitas bênçãos recebidas por sua dedicação à obra, e reconhece mais essa bênção — a de continuar a servir na Casa do Senhor onde, segundo ele, pode-se esquecer dos cuidados do mundo e gozar da influência do Espírito. O Presidente Lombardi sente que esta experiência lhe será extremamente edificante — uma razão a mais para seu coração continuar a pulsar pela causa de Deus.

Wayne Beck - Quarta Missão no Brasil

Tudo começou quando o primo de Wayne, Leon Wride, foi chamado para ser missionário no Brasil, no ano de 1936. O jovem Wayne, que chegava à idade de também ser chamado para missão, sentiu despertar dentro de si um interesse por esse país distante. Quando preencheu os papéis para enviar ao Departamento Missionário, indicou o Brasil como o país de sua preferência.

Assim, no início de 1938, chegava ele à nossa terra, à Missão Brasileira, que compreendia o sul do país, até São Paulo, e cujos missionários só falavam alemão, pregando para os colonos alemães. Trabalhou primeiramente na cidade de São Paulo, em Campo Belo, Santo Amaro e Moóca. Depois foi para Jaraguá, em S. Catarina, onde teve como companheiro Louis E. Buhrlly, que ao terminar a missão voltou aos Estados Unidos e casou-se com Helen Moon. Élder Beck, ao terminar sua missão meses depois, visitou o antigo companheiro já casado e lá conheceu a irmã de Helen, Evelyn, com quem se casou pouco tempo depois.

O casal Beck assistiu a uma conferência na qual o Presidente George Albert Smith falou da necessidade de reabrir as missões estrangeiras, fechadas durante a segunda guerra mundial e mandar para o campo, missionários experientes para reiniciar a pregação do evangelho naqueles países. Pouco depois, Wayne e Evelyn compareceram a uma reunião de ex-missionários, onde encontraram o Presidente Howells, primeiro presidente da Missão Brasileira, que perguntou a ele se estava disposto a voltar ao Brasil, em uma segunda missão. A resposta foi afirmativa e em 1946, Wayne Beck, sua esposa e dois filhos chegaram ao Brasil, sendo ele designado para servir como conselheiro do Presidente Rex, residindo em Campinas, SP, durante 18 meses e depois sendo transferidos para Curitiba, Paraná, onde terminaram a missão de dois anos.

Neste ponto, o Irmão Beck ressalta o trabalho importante de sua esposa em sua segunda missão (a primeira dela). Desta vez, a língua falada era o português e a obra de proselitismo feita entre brasileiros. Com a esposa como companheira e levando os filhinhos em suas visitas, tornava-se muito mais fácil fazer amizade com os brasileiros, as portas se abriam com mais espontaneidade e confiança e eram convidados a visitar as famílias com bastante frequência. Muitas sólidas amizades nasceram nessa época, resultando em batismos de líderes que são seus bons amigos até hoje.



Além disso, ela ajudou a organizar a Sociedade de Socorro em Campinas, treinando sua liderança.

Ao término desta missão de dois anos, voltaram aos Estados Unidos, completamente sem recursos. Wayne Beck conseguiu emprego no ZCMI, grande loja de departamentos e foi criando sua família, que foi aumentando até totalizar 5 filhos: quatro homens e uma mulher. Serviu em bispado e sumo conselho de estaca e foi presidente de duas missões de estaca.

Em 1963, é chamado novamente, desta vez para ser o presidente da Missão Brasileira, substituindo o Élder William Grant Bangerter.

Ao mesmo tempo, seu filho mais velho servia na Missão Brasil Sul e o segundo foi chamado também para servir no Brasil, quando este terminava a missão, os pais terminavam a deles e voltaram todos para os Estados Unidos.

Élder Beck retornou ao emprego no ZCMI. Recentemente, ele, aposentado, servia como assistente e sua esposa como superintendente assistente no Templo da Cidade do Lago Salgado quando foram chamados para voltar novamente ao Brasil, em missão de tempo integral. Ele servirá como secretário executivo das Autoridades Gerais que formarão a Presidência da Área Sul Americana Norte.

Eles declaram-se felizes pela oportunidade de reencontrar os amigos e de viver novamente entre os brasileiros, a quem apreciam como povo e como irmãos.

Uma das coisas que melhor demonstram o carinho e interesse do casal Beck por seus irmãos brasileiros é que, durante os anos em que serviram no Templo de Lago Salgado, lutaram para que as ordenanças ali fossem realizadas na língua das pessoas que as recebiam e não só em inglês, como era o costume. Eles achavam importante que as pessoas re-

cebessem os convênios eternos em sua própria língua e não em idioma estrangeiro, que não podiam compreender. Seus esforços foram recompensados e essa passou a ser a norma em todos os templos. Élder Beck foi selador durante 15 anos e sempre ficou atento, nas épocas de Conferência Geral da Igreja, para a presença de brasileiros na Cidade do Lago Salgado, os quais fazia questão de hospedar e, principalmente, de selá-los em famílias eternas, quando ainda não tínhamos o Templo de São Paulo. Esse foi seu privilégio e também o daqueles que receberam as sagradas ordenanças de suas mãos e do seu amoroso coração.

Reorganização da Estaca Araraquara Brasil

(23 de junho de 1985)

Presidente — Edson Lustoza Araújo, 37 anos, cardiologista, ex-conselheiro de estaca, bispo e conselheiro de presidência de ramo.

Conselheiros — Wilson Roberto de Souza, 32 anos, negociante, ex-conselheiro de presidência de estaca, membro de sumo conselho, e secretário executivo de estaca; Moisés Barreiro Damasceno, 28 anos, ex-oficiante do templo, bispo e presidente de quorum de Élderes.



ATENÇÃO

PARA RESERVAS
NO ALOJAMENTO
DO TEMPLO
QUEIRAM USAR
O SEGUINTE
TELEFONE:

(011) 815-7916

O Distrito de Mato Grosso do Sul Dedicou Sua Segunda Capela e Prepara-se para Construir Mais Três Ainda Este Ano

Teodoro José da Silva

Membro do Conselho do Distrito de Mato Grosso do Sul

No dia 7 de setembro de 1975, foi criado o primeiro ramo da Igreja em Campo Grande, quando ainda pertencia ao Estado de Mato Grosso.

Em 1980 foi inaugurada uma capela em sua primeira fase, coincidindo com a divisão do Ramo I e a criação do Ramo II Campo Grande.

No dia 27 de maio de 1984, foi dedicada a capela de Ponta Porã, a 360 Km de Campo Grande, também pertencente ao Distrito de Mato Grosso do Sul.

Com a grande expansão da Igreja, tornou-se necessária a construção de meios que acompanhem esse desenvolvimento e no dia 27 de abril de 1985 foi a dedicação da capela de Campo Grande, sede atual do distrito. A solenidade de dedicação foi presenciada por mais de 360 pessoas e presidida pelo presidente da Missão Brasil São Paulo Norte, Robert R. Stewer, seguida da programação da 19ª Conferência do Distrito, que se realizou no domingo dia 28 com a presença de 500 pessoas. Teve como tema: "A OBEDIÊNCIA E O SACRIFÍCIO TRAZEM BÊNÇÃOS DE DEUS."

O Distrito de Mato Grosso do Sul vem sendo presidido, desde 15 de março de 1981, por Arlindo Martins dos Santos Sobrinho, funcionário da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos e conta



hoje com seis ramos, sendo três em Campo Grande, dois em Ponta Porã e um em Dourados, totalizando aproximadamente 2.000 membros.

Está prevista, até o fim do ano, a criação de mais dois ramos, os quais terão origem do Ramo I e do Ramo III.

Recentemente foram adquiridos dois ótimos terrenos e já liberada a construção de mais duas capelas em Campo Grande e uma em Dourados, sendo que para o próximo ano será construída mais uma capela em Ponta Porã.

Este, a nosso ver, é o resultado do trabalho de um povo unido em amor fraterno com um só pensamento.

Dedicação da Capela de Jaçanã Estaca São Paulo Norte

Sergio Luiz Martin

No dia 12 de maio de 1985, com a presença de 330 pessoas, foi dedicada a capela da Ala Jaçanã, da Estaca São Paulo Norte. O Irmão Nelson Cassador, presidente da estaca, proferiu a oração dedicatória.

Como parte das comemorações, realizou-se no dia 18 de maio um espetáculo cultural, com apresentação de números de música e dança e de uma colagem de textos (forma de teatro) intitulada "O Mais Sublime Ser". Sergio Luiz Martin, líder dos sumos sacerdotes da ala e professor do Instituto, montou e dirigiu a comédia "A Sombra do Velho" e Joannes Ayres Castelano, tri-campeão brasileiro Kung-fu (atualmente servindo como missionário na Missão Brasil



Cena da peça "A Sombra do Velho"

Porto Alegre), juntamente com outro professor e alguns alunos, fez uma bela demonstração desta impressionante luta oriental.

A programação atraiu um grande público e despertou interesse por parte de não-membros, ativando assim a obra missionária e aumentando a frequência às reuniões de domingo, o que já aponta para uma divisão da ala em futuro próximo. É o Reino do Senhor crescendo.

Dedicada a Capela de Tupã - Estaca Marília

Ivanil José Olher de Lima
Presidente do Quorum de Élderes



O coral que abrilhantou a cerimônia de dedicação.

Ala Rio Jordão Está Feliz

Bispo Antonio Souza Alves



Os santos de Rio Jordão agradecem ao Pai Celestial a bênção de receberem sua capela, situada à rua Ubatanga s/nº, Jordão Baixo.

A capela foi dedicada no dia 2 de junho do corrente ano, pelo Representan-

te Regional Élder Dallas Archibaldi, em sessão que contou com a presença de toda a liderança da Estaca Boa-Viagem e de grande número de membros e visitantes.

PREZADO ASSINANTE:

Mudou-se ou vai mudar-se?

AVISE-NOS IMEDIATAMENTE A FIM DE NÃO FICAR SEM SUA REVISTA.

Basta recortar a etiqueta de endereçamento que acompanha seu exemplar de **A Liahona** e enviá-la ao endereço abaixo, com a anotação de seu novo endereço.

Mande a informação para Caixa Postal 26023 - 05599
São Paulo - S.P.

No dia 26 de maio do corrente ano, foi realizada na cidade de Tupã, SP, a conferência do ramo e dedicação da capela tão sonhada pelos membros locais.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias estabeleceu-se em Tupã no final do ano de 1977 e desde aquela época tem tido grande progresso, chegando a ficar entre as primeiras cidades do interior paulista em número de batismos. Esse progresso possibilitou a construção de sua bela capela, com quadra de esportes e salão cultural.

A reunião de dedicação compareceram 286 pessoas, além do juiz de direito da comarca, Dr. Orivaldo Ruiz e também do engenheiro Moacyr Bathaus Filho, que construiu a capela.

Foi um dia de muitas alegrias para os membros e líderes do Ramo de Tupã, que ainda com lágrimas nos olhos pelo sonho realizado, partem agora em busca de nova meta — a transformação do ramo em ala.

Capela de Belém - Pará

Élder Souza



No dia 21 de abril de 1985, foi dedicada a primeira capela do Estado do Pará, na cidade de Belém. A dedicação foi presidida pelo Pres. Paulo Roberto Puerta, da Missão Brasil Recife, e dirigida pelo Pres. do Distrito, Manoel Alves.

A reunião foi muito inspiradora. Havia 380 pessoas presentes. Muitos que foram os pioneiros estiveram presentes, com uma felicidade indescritível estampada no rosto.

O Pres. Puerta proferiu a oração dedicatória, entregando a capela para uso das atividades da Igreja.

Os irmãos enfrentaram muitas dificuldades para obter este magnífico prédio, mas conforme D&C 82:10, "Eu, o Senhor, estou obrigado quando fazeis o que eu digo, mas quando não o fazeis não tendes promessa nenhuma".

O endereço da capela é o seguinte: Trav. Mercedes, 304 — Bairro São Brás — Belém Cep 66.000.

Florianópolis, SC - Duas Capelas Dedicadas no Mesmo Dia

Mário Fernandes Dias
Diretor de Comunicações Públicas



Com a presença do presidente da Estaca de Joinville, Heins D. Halter, e do Gerente do Escritório de Projetos e Construção da Igreja, foram dedicadas, no dia 7 de julho, duas capelas na cidade de Florianópolis, Santa Catarina.

Às 8 horas e 30 minutos deu-se a dedicação da Capela da Ilha. Logo depois, às 10 horas, a dedicação da Capela do Bairro do Estreito, situada na Avenida Atlântica, ponto bem central.

Destacamos a presença de representantes dos governos estadual e municipal, muitos membros e visitantes.

O presidente da Estaca de Joinville proferiu a oração dedicatória.

Na oportunidade, foi anunciado o início da construção de mais uma capela no bairro Kobrasol e de mais três unidades menores. A obra do Senhor nesta região catarinense cresce constantemente, para regozijo de todos os membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Jundiaí - 4 Alas

Cezar Francisco Gava
Membro do Sumo Conselho da Estaca

Até fins de 1984, Jundiaí, pertencente à Estaca Campinas Brasil, contava com duas unidades da Igreja — a Ala de Jundiaí e o Ramo de Jundiaí-Mirim.

No dia 9 de dezembro de 1984, com a divisão da Ala de Jundiaí, que tem como bispo Clodoardo Antonio Nogueira e como conselheiros Domingos Fatobene Júnior e Miguel Lopes Malafaia, foi criada a Ala da Ponte, com o bispado assim formado: Bispo Adilson Baialuna, conselheiros Renato Pinto Júnior e Richard Leopold Schwarz.



No dia 26 de maio de 1985, apenas cinco meses após, numa reunião sacramental especial, com a presença de 428 santos e sob a presidência do Irmão Sebastião Lourenço de Oliveira, presidente da estaca, foi criada a Ala do Parque do Colégio, com o bispado assim constituído: Bispo Antonio Rodrigues Macedo, conselheiros Iraní Gonçalves e Jorge Alberto Leite de Moraes. O Ramo de Jundiaí-Mirim foi elevado a ala, tendo como bispo Carlos Donizetti Abreu e como conselheiros Benedito Batista Oliveira e Marcos Reis de Souza.

Élder Everson da Silva

Marcos Antonio Zandoná
Diretor de Comunicações Públicas
Estaca Curitiba Iguaçú



No último dia 24 de junho, foi sepultado no Cemitério Jardim da Saudade em Curitiba, o missionário EVERSON DA SILVA.

Nascido em 06.08.66 — filho de Enio Honorato da Silva (falecido) e de Edite Maria da Silva, foi batizado e confirmado um membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em 25.01.81.

Na Ala da Luz foi presidente do Quorum dos Mestres e presidente dos Rapazes com exemplar dedicação e amor. Como líder de atividades angariou simpatia e respeito de todos os seus amigos.

Em 1983 recebeu medalha de Jovem Padrão da Estaca, na conferência de Ipo-méia. Em 4 de janeiro de 1985 foi ordenado élder no Sacerdócio de Melquisedeque pelo 1º conselheiro da estaca Niel Chamano e dias depois partiu para missão, servindo na Missão São Paulo Sul, na cidade de Santos, onde faleceu, deixando saudades a sua mãe, amigos e irmãos de toda a Igreja.

Cremos que sua vocação de pregar o evangelho continuará, isso porque, como disse o Senhor em João 11:25-26: "Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim, nunca morrerá."

Conferência Regional de Uberaba - Uberlândia

Foi realizada no dia 23 de junho p.p., uma Conferência Regional abrangendo a área Uberaba-Uberlândia. A reunião contou com elevado número de pessoas que aprenderam mais sobre o crescimento da Igreja no Brasil e principalmente na área do Triângulo Mineiro.

A Conferência foi presidida pelo Presidente da Missão Brasil Rio de Janeiro Cory W. Bangarter e seu segundo conselheiro Atilio Perovano.



O Reino do Senhor Se Estabelece em Araucária

Enviado por Elder Souza



Nesta cidade industrial, situada a poucos quilômetros de Curitiba, residiam alguns membros da Igreja, que achavam difícil comparecer às reuniões na ala de Oswaldo Cruz, em Curitiba, à qual pertenciam e por isso achavam-se praticamente inativos.

Os missionários de tempo integral e a liderança da ala de Oswaldo Cruz resolveram iniciar um trabalho de reativação ali, realizando reuniões em casa da família Fialla, membros da Igreja. A iniciativa foi um sucesso e logo havia mais de 50 pessoas reunindo-se regularmente e renovando seus convênios através do sacramento, pois os batismos não tardaram a começar a acontecer.

Hoje, depois de haver funcionado por algum tempo como grupo de Araucária, já existe o Ramo de Araucária, com uma presidência constituída e com missionários pregando e buscando os eleitos. Assim Sião cresce.

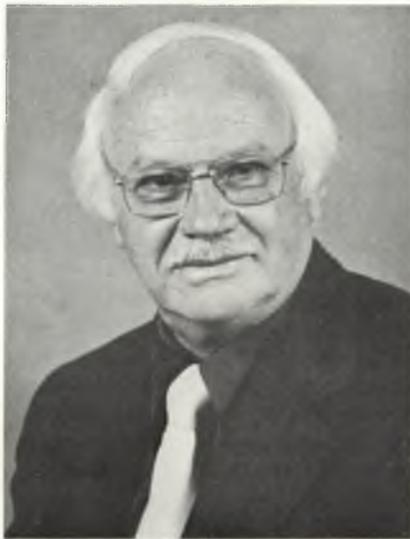
40 Anos de Pesquisa Genealógica

“Um sapato roto, com a sola furada por tantas caminhadas infrutíferas é o símbolo — devidamente arquivado junto a outros documentos — da luta do químico gaúcho de 73 anos, Irineu Silveira Petry, naturalizado norte-americano. Há 40 anos ele pesquisa as suas origens genealógicas, não deixando de fazê-lo nem mesmo quando se mudou para os Estados Unidos, 21 anos atrás.”

“Na sua saga genealógica, Petry encontrou um parente — Hugo Petry — que, como ele, procura seus antepassados há quatro décadas. ‘O gen do fanatismo comprova o parentesco’, riem os dois, divertidos. Também descobriu um laço familiar com o padre responsável pelos livros, na Cúria — Rubens Neiss — e um ‘patriarca’ prussiano de nome Nicolau Petry, a quem ele compara com o ‘pai’ Abraão dos católicos. Mas, para chegar a isso, as dificuldades foram imensas — lá está o sapato velho para provar.”

Com esses dois parágrafos, o jornal Zero Hora, de Porto Alegre, de 15/03/86, iniciou um artigo intitulado *Em busca das raízes. Há 40 anos.*

O que o jornal não menciona é que Irineu Petry é membro da Igreja e a sua busca não é motivada pelo desejo de levantar heranças, como é o caso da maioria dos que pesquisam suas origens, mas pela convicção de que essa é uma obra de valor eterno — a busca de nossos antepassados para proporcionar-lhes as



bênçãos e ordenanças do Evangelho de Jesus Cristo.

À nossa revista ele contou que sua família chegou ao Rio Grande do Sul em 1824, portanto há 161 anos. Mas quando Irineu tinha três anos de idade, seu pai, que trabalhava como feitor da estrada de ferro, começou a se afastar das velhas colônias, mudando-se para o norte do estado. Assim, acabou perdendo contato com os parentes. Os cartórios haviam sido incendiados, fato comum naquela época, por interesses políticos, de herdeiros etc.

Em outubro de 1956 Irineu foi batizado na Igreja, no Ramo do Centro, na Rua do Seminário, São Paulo e logo se interessou por genealogia, sentindo que as escrituras o pressionavam a procurar os seus mortos. Em 1964 mudou-se para os Estados Unidos e mais do que nunca ouvia falar das quatro gerações, sentindo-se frustrado por não poder levantar sua genealogia.

Em 1977 aposentou-se, com o propósito de se dedicar à busca de suas raízes. Não foi uma fácil tarefa. Encontrou muitos obstáculos que o obrigaram a dobrar os joelhos muitas vezes, implorando a ajuda do alto. O que o motivava e impelia a continuar era sua bênção patriarcal, que prometia que ele haveria de ser um instrumento para a salvação de sua gente, um salvador no Monte Sião. Isso lhe dava a certeza de que havia recebido uma designação na preexistência e que aceitara aquela missão.

Hoje, depois de encontrar mais de cinquenta mil nomes entrelaçados e de microfilmá-los, por conta própria, incontáveis registros, de contornar inúmeros obstáculos e oposição de todo tipo, ele compreende mais do que nunca a afirmativa do Apóstolo Paulo, em sua carta aos Coríntios: “Se esperamos em Cristo apenas nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens.”

Outra filosofia que o irmão Petry desenvolveu, ao longo de seu trabalho é que, se todos fizessem sua genealogia, não haveria mais guerras, pois descobririam que os homens são todos parentes. Quem iria atirar contra primos e tios? O irmão Petry está convencido de que os santos dos últimos dias têm esse dever — conseguir a paz na terra através da genealogia.

Centro de Visitantes

Horário para visitas:

De 3ª a 6ª feira,
das 17 às 21 horas.

Sábado e domingo,
das 11 às 21 horas.

Élder Aziz Abib Tobias

Ângela Maria Magalhães Gonzaga
Presidente da Soc. Soc. do Ramo
Goiânia Noroeste



No dia 24 de julho do corrente ano faleceu o Élder Tobias, o Zuzinho na intimidade, vítima de um acidente de moto, no dia 23 de junho, quando retornava de uma reunião na Igreja.

O Zuzinho, segundo seu pai, foi um filho de ouro e um espírito muito especial, desde criança, dando ao pai a certeza de que ficaria sem ele muito cedo.

Deixou vagos 8 (oito) cargos, no Ramo Goiânia Noroeste e no Distrito de Goiânia. Assumia todos os seus deveres com uma responsabilidade ímpar e uma atitude digna e exemplar. Sua partida desta vida, apesar de todos os recursos médicos, está muito clara na mente dos pais Aziz e Dalva, suas irmãs: Ana Ioshi e Dalvinha e para os irmãos da Igreja: ELE ESTAVA PREPARADO.

Aziz Filho faleceu tendo sido um brilhante missionário na Missão São Paulo Norte; foi selado a seus pais no Templo de São Paulo e cursando Engenharia, na Faculdade de Engenharia da Universidade Federal de Goiás, aluno de Inglês do Michigan e professor de matemática, no Colégio Costa e Silva (COLU).

Aziz Filho deixa um enorme vazio no Ramo Noroeste e no Coral do Distrito, onde sua voz será sempre lembrada.

Sabemos, com certeza, que ele conquistou a exaltação nestes 22 anos e que hoje, no mundo espiritual, continua o trabalho que iniciou aqui em prol da Igreja e do Evangelho de Jesus Cristo.

Resta-nos viver no espelho deste jovem grande homem e conquistarmos, também, nossa exaltação.

Coral da Estaca Rio Claro Participa dos Festejos do Aniversário da Cidade

Ernestino Pereira

Realizou-se no dia 6 de junho, no salão nobre do Colégio Puríssimo Coração de Maria, patrocinado pela Prefeitura e fazendo parte dos festejos comemorativos do aniversário da cidade de Rio Claro, uma apresentação de corais, na qual tomou parte o coral da Estaca Rio Claro, tendo como regente o Irmão Eduardo.

O frio intenso e uma garoa gelada que caiu sobre a cidade desde as primeiras horas da noite impediram que um público maior assistisse a esse magnífico espetáculo, mas os que estiveram presentes saíram satisfeitos e recompensados.

Esta noite de arte teve a prestigiada presença de destacadas personalidades da sociedade rioclarense, entre elas o professor Sebastião Ambrosio, secretário do Departamento de Educação, Esporte e Turismo da prefeitura, acompanhado da esposa, o qual representou a sua pasta e também a pessoa do prefeito da cidade.

A participação do coral da Estaca Rio Claro no evento contribuiu para divulgar o nome de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Biblioteca Genealógica

Departamento de Genealogia



As irmãs Gladys Natividade Diaz (em pé); Ninete Santos de Godoy e Nandiará Cietto, na inauguração da Biblioteca Genealógica da Estaca São Paulo.

A Igreja, através do Departamento de Genealogia, vem instalando diversas Bibliotecas Genealógicas sucursais, as quais funcionam na sede das Estacas. Agora todas as pessoas que têm o desejo de fazer sua pesquisa genealógica terão acesso a milhares de microfiches que contêm dados e informações importantes para a realização de sua pesquisa. As bibliotecas estão equipadas com leitoras de microfiches e de microfichas para ajudar os membros ou não-membros a realizarem tais pesquisas com maior facilidade, sem que tenham que se deslocar até o Departamento de Genealogia em São Paulo.

Atualmente já estão funcionando oi-

to Bibliotecas Sucursais, instaladas nas Estacas: Rio de Janeiro, São Paulo, Araquara (SP), Campinas (SP), Curitiba Sul, Curitiba Iguaçu, Recife Boa Viagem e Rio Claro (SP). Até o final deste ano, mais sete novas bibliotecas estarão funcionando: Belo Horizonte (MG), Brasília Alvorada, Maceió (Alagoas), Novo Hamburgo (RS), Petrópolis (RJ), Porto Alegre Norte e São Paulo Norte.

O propósito da sucursal da Biblioteca Genealógica é ajudar os membros a cumprirem as responsabilidades quanto à obra genealógica, colocando à disposição os vários registros e serviços que oferece o Departamento Genealógico na Cidade do Lago Salgado.

“Passeio pelo Brasil”

Francisco X. S. Santos
Diretor de Comunicações Públicas
Estaca Rio de Janeiro Andaraí

Assim se denominou o programa especial comemorativo do aniversário da Sociedade de Socorro, em março de 1985. Mensagens de estímulo e edificação foram pronunciadas pela liderança da Estaca Rio de Janeiro Andaraí, encerradas com belas palavras pelo presidente da estaca, Nelson Genari, na reunião de abertura. A segunda parte do programa iniciou-se ao meio-dia, com um almoço constituído de pratos típicos das regiões brasileiras, duzentas e uma pessoas presentes.

Breve história das regiões, folclore e trajes típicos também foram mostrados pelas alas que as representaram.

Foi confeccionado bonito bolo, representando o mapa do Brasil, pela Irmã Rita Leal Carvalho, segunda conselheira da Sociedade de Socorro da Estaca. A festa foi edificante e deu ensejo para todos aprenderem mais sobre nossa terra.

Convenção de Professoras Visitantes

Enviado por Abigail Amaral S. Silva
1ª Conselheira da Sociedade de Socorro da Estaca de Santos

A Sociedade de Socorro da Estaca de Santos, realizou na capela da Ala do Jabaquara, no dia 25 de maio de 1985, uma maravilhosa reunião, com as professoras visitantes pertencentes às seguintes unidades: Jabaquara, Cubatão, Guarujá, Orquidário, Ponta da Praia e Embaré.

O programa muito bem planejado agradou a todas e seu objetivo foi plenamente alcançado para satisfação da presidente da Sociedade de Socorro da Estaca, Irmã Gláucia Cecciliato, e suas conselheiras, Abigail Amaral S. e Silva e Benedita Silva, que, com a valiosa cooperação da junta da Sociedade de Socorro da Estaca formada pelas Irmãs Regina V. Souza, Cilene Schinocca, Hilma Ferrigno, Júlia Tocha e Ondina Oliveira, reali-



zaram esta grande atividade, conseguindo o comparecimento de quase 100 irmãs das quais algumas aparecem na foto.

Na parte devocional ouvimos as oradoras Abigail, Marilandi, Regina e Gláucia que ressaltaram o valor de amarmos umas às outras e a importância das professoras visitantes na vida das mulheres SUD.

Tivemos ainda o testemunho da menina Carla Neves, e das jovens Marina V. Alcover da Ala do Embaré, e de Inayah Simone Amaral S. Silva da Ala do Jabaquara, todas cheias de fé, refletindo o quanto amam o evangelho. Suas palavras sensibilizaram a todos os presentes.

Para finalizar a reunião, foi servido um delicioso jantar.

“Por Seus Frutos os Conheceréis”

Estaca Santos — Ala do Jabaquara
Enviado por Abigail Amaral S. e Silva

Por iniciativa dos oficiais e professores da Escola Dominical da Ala do Jabaquara, realizou-se no mês de julho de 1985, na casa da Irmã Abigail, uma agradável e divertida reunião, que contou com a presença de quase todos os professores da Ala. Esses irmãos decidiram, com o apoio de seus líderes, se reunir uma vez por mês em suas casas, em um encontro social, organizado de modo que haja uma parte intelectual, uma recreativa e outra onde os irmãos possam mostrar e ensinar seus dotes culinários com uma receita nutritiva, fácil

de executar e saborosa.

Este grupo decidido de irmãos, além de seu trabalho para o sustento da família, dos muitos compromissos com a igreja, saem juntos todos os meses a fim de visitar asilos, levando seu testemunho, seu amor e amizade, além de pequenas lembranças e alguns deliciosos pratos salgados feitos pelas irmãs, para alegria dos velhinhos. Procurando viver o evangelho em sua plenitude, agora se reúnem também socialmente com os irmãos em suas casas, permanecendo assim em lugares santos, compartilhando idéias, sentimentos, atividades, interesses e desenvolvendo a amizade.

Demonstramos aqui o nosso apreço a esse grupo de pessoas maravilhosas, que se associam e mostram saber que cada um dos filhos do Pai Celestial tem um valor infinito e que todos devem ser tratados como amigos e irmãos.

Coral Juventude da Promessa

Francisco X. S. Santos
Diretor de Comunicações Públicas da Estaca Rio de Janeiro, Andaraí

Com vinte e três vozes femininas e quinze masculinas, além da vozinha de um pequenino, fazendo o pregão do ‘amendoim torrado... tá quentinho...’ apresentou-se o nosso Juventude da Promessa, dia vinte e oito de julho às dezoito horas, na Sala Cecília Meirelles, no Rio de Janeiro.

O grupo, dirigido por nosso dedicado e realizador Irmão Ramiro Martins (Ramirinho), filho do batalhador Ramiro (recém-falecido), está cada vez mais preparado para as apresentações.

Foram cantadas peças do folclore nacional e da nossa música popular de várias épocas; não foi esquecida a música religiosa.

Embora haja pessoas de idade no grupo, elas simbolizam a promessa da imortalidade e da eterna juventude física, pela demonstração de vitalidade do seu espírito na busca da excelência.



Na foto, Inayah, Simone, Cheila Rúbia, Jessy, Marilene, Zélia, Hilânia, Judith, Mauro, Roberto, Orlando, Aurora, Joaquim, Sueli e Ariosto.

Membro da Estaca Maceió - Brasil Ganha Concurso Canadense

Benedito José da Silva
Diretor de Relações Públicas da Estaca Maceió Brasil

O irmão Magno Alexandre Ferreira Moura, da ala de Ponta Grossa, participou com cinco mil alunos do concurso "Conheça o Canadá através da CNEC" e obteve primeira colocação no Estado de Alagoas. O trabalho foi desenvolvido por ele, mas em nome de Sandra Cristina Monteiro Alves da Silva, devido a pesquisa ser em nível de 2.º grau. O trabalho conjunto constou de vinte páginas bem redigidas e ilustradas, em que abordou a história do Canadá, o povo, o governo, a indústria de base e de transformação, a cultura, a tecnologia e outros aspectos do país.

O embaixador canadense Anthony Tudor Eyton, a embaixatriz June Elise e



seus assessores, estiveram em Maceió em setembro de 84 para entrega dos prêmios aos dez colocados. A solenidade foi realizada no Centro de Treinamento Otoniel Pimentel, da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC). Estiveram presentes autoridades do Estado, e prefeitos dos municípios cujos colégios participaram.

O irmão Magno Alexandre e Sandra Cristina receberam do embaixador as passagens de ida e volta a Brasília, e os cumprimentos das autoridades presentes. No dia cinco de dezembro, em Brasília, almoçaram na residência do embaixador e Magno Alexandre aproveitou a oportunidade para realizar a obra missionária, como embaixador do Senhor,

e o presenteou com o "Livro de Mórmon". Ao conversar com o primeiro cônsul, Bruce Gilles, falou-lhe da Igreja e lhe deu alguns folhetos.

Pelo seu brilhante discurso e sua atuação, o irmão Magno Alexandre está convidado a retornar a Brasília em agosto deste ano, para uma "Conferência Nacional dos Estudantes de 2.º grau da CNEC". No dia seis foram recebidos em audiência oficial na Embaixada do Canadá e conheceram as Embaixadas do Setor Sul.

De volta a Maceió, em solenidade de formatura no colégio em que estuda, o irmão Magno Alexandre foi parabenizado pelo secretário da Educação e pelo Governador Divaldo Suruagy.

O irmão Alexandre é membro da Igreja desde os 12 anos e vai cumprir missão de tempo integral. Não é a primeira vez que o irmão Alexandre ganha concurso. Já ganhou um prêmio da "Marinha de Guerra", como primeiro colocado na redação "Marinha de Ontem, Hoje e Sempre". "Tem-se empenhado numa boa causa" e "Faz muito de sua própria e livre vontade" o que o torna diante do Senhor e das pessoas, um jovem próspero, dedicado ao trabalho, ao estudo e ao evangelho.

Memorial aos Pioneiros Estaca Curitiba Bacacheri

Enviado por Enos de Castro Deus Filho

No dia 19 de julho último, uma vez mais a bravura indômita, a fé, coragem, determinação e perseverança dos pioneiros mórmons foi lembrada na grande "Festa dos Pioneiros".

Por quatro anos consecutivos a Estaca Curitiba Bacacheri, com muito sucesso, vem realizando um memorial aos pioneiros, bem recebido pelos seus membros, participantes de outras estacas e até mesmo de outras cidades.

Mais de oitocentas pessoas superlotaram o salão cultural da sede da estaca, presenciando as apresentações de danças folclóricas (quadrilhas) sob a melodia da tradicional canção "Oh, Suzana".

O salão, decorado de modo a transformá-lo num idêntico acampamento nas planícies à luz do luar, recebeu um elevado número de irmãos tipicamente trajados, que dançaram alegremente as músicas "country" ao belo estilo "old west".

No decurso da festa, por volta das 22



"Vinde ó Santos, sem medo ou temor..."

horas, as cortinas que separam o salão da capela foram abertas e esta última ficou repleta para a apresentação do jogral musical que conta da perseguição, sofrimento, aguras e tenacidade daquele povo fiel e valoroso durante o êxodo para o oeste, sob a direção do grande líder pioneiro Brigham Young.

A inquebrantável fé na divina missão de Joseph Smith ao restaurar a Igreja de Jesus Cristo nestes últimos dias, fez dos pioneiros mórmons um povo industrioso e destemido. Seu grande exemplo os faz dignos de nossa profunda admiração.

No próximo ano, no mês de julho, teremos novamente a FESTA dos PIONEIROS, um memorial merecido às origens do Reino de Deus na terra nesta última dispensação.

Festa Junina na Ala de Rio Claro

Enviado por Ernestino Pereira presidente do comitê de atividades da ala.

Com grande brilhantismo realizou-se na noite de 24 de junho, feriado local por ser o aniversário da cidade, a tradicional festa junina, à qual compareceu grande número de membros e não-membros. A festa começou com as crianças da Primária dançando a quadrilha com muita graça, na quadra de esportes da capela, onde se realizou a festa. Muita música folclórica e sertaneja, muita dança e muita comida típica animaram a festa, que atingiu seu ponto culminante quando os membros da ala, vestidos a caráter, dançaram a quadrilha, abrilhantada pela presença de dez casais da Sociedade Beneficente Cultural Veteranos de Rio Claro.

Esses distintos amigos, convidados pelo presidente do comitê de atividades, gentilmente aceitaram participar da festa, bem como dos ensaios, contribuindo assim para que os membros da ala aprendessem a dançar a quadrilha e as músicas do passado, ponto alto das apresentações daquela Sociedade.

Praça Clodomiro Rodrigues

Amadeu de Paula Pereira
Diretor Regional de Comunicações
Públicas



Foi inaugurada no dia 11 de agosto de 1985, a praça Clodomiro Rodrigues em Campinas, SP.

Clodomiro Rodrigues era um membro muito antigo da estaca, onde foi durante anos bispo e patriarca. A reunião de inauguração foi dirigida pelo Bispo Amadeu de Paula Pereira, Diretor Regional de Comunicações Públicas e contou com a presença de muitas pessoas e autoridades do local. Foram oradores o presidente da Estaca Campinas — Sebastião L. de Oliveira, Gislaine Rodrigues, filha do homenageado, Élder Saul Messias de Oliveira e finalmente o vereador Ozayr Rizzo, autor do projeto na Câmara dos Vereadores de Campinas. As pessoas presentes ficaram muito sensibilizadas e emocionadas com os oradores, que muito falaram a respeito de Clodomiro Rodrigues, que foi um grande exemplo em nossa estaca. A oração final foi proferida pelo irmão Airton Lima Vaz.

Uma Oportunidade Roubada

Os dois missionários cansados sentiram que algo estava errado quando abriram a porta de seu apartamento. Enquanto entravam, tudo parecia, à primeira vista, estar em ordem. A mobília estava exatamente como quando saíram, e todos os seus livros no mesmo lugar. Então, perceberam o que tinha acontecido. Tudo o que poderia ser facilmente vendido, havia sido roubado do quarto deles.

Os Élderes Ronald T. Draper e Bruce Barret olhavam o apartamento, recusando-se a acreditar. Eles tinham acabado de chegar, depois de passarem quase a noite toda num ônibus lotado, através de ventanias e estradas poeirentas na então Missão Brasil Central, e desejavam voltar para casa, lavar-se e descansar. Enquanto subiam a longa ladeira para casa, na cidade de Presidente Prudente, iam conversando a respeito dos planos de proselitismo para o dia seguinte. Agora, eles estavam irados.

Naquele dia quente de setembro de 1971, os missionários desencorajados se dirigiram para a delegacia. Um policial, Mário Rivero, havia sido designado para datilografar a ocorrência. Eles lhes deram os detalhes, ainda zangados com as perdas. Quando Rivero lhes perguntou o que dois rapazes dos Estados Unidos estavam fazendo no Brasil, eles resistiram à tentação de se esquivarem da pergunta e disseram que eram da Igreja.



"Fui inspirado a perguntar-lhe se gostaria de saber mais sobre o evangelho", disse Élder Barrett. "Então, fiz a pergunta."

Para surpresa deles, o policial pareceu realmente interessado e prontamente quis marcar um horário para que os missionários pudessem ensiná-lo e também a sua família. O desânimo e a raiva que estavam sentindo desapareceram enquanto conversavam com o policial. Naquela noite não conseguiram encontrar a casa dele, ainda assim sentiram que deveriam continuar procurando. Um dia depois, localizaram a casa. Ele não estava, mas a esposa lhes disse que haviam ficado desapontados quando os missionários não apareceram e rapidamente marcou um outro dia.

As palestras foram dadas e o policial humilde e sincero e sua família aceitaram o evangelho e foram batizados. Nem o ladrão, nem os pertences roubados jamais foram encontrados, mas os missionários receberam uma recompensa maior, ao encontrarem uma família digna que aceitou o evangelho.

(Artigo extraído da série "Experiências Missionárias", publicada no "Church News", Autor: Ronald T. Draper.)

Suíça — Aonde Mandares Irei



A Irmã Isabel Ronzella Rodrigues, da Ala Campinas 2, Estaca Campinas Brasil, é membro da Igreja há 23 anos. É viúva do Patriarca Clodomiro Rodrigues, falecido há quatro anos. O casal tem 2 filhas e 5 netos.

Sua lista de serviços prestados à Igreja é bastante longa. Atualmente, além das responsabilidades em sua ala, a Irmã Isabel serve como oficiante no Templo de São Paulo. Este chamado lhe foi feito em 6 de abril de 1982 — uma data bastante significativa.

Mesmo morando em Campinas, a Irmã Isabel vinha a São Paulo duas vezes por semana para cumprir seu chamado como oficiante, o que, segundo ela, lhe dá uma imensa alegria — a alegria de estar a serviço do Senhor e do próximo. E foi em uma dessas vezes, oficiando na Casa do Senhor, que o Presidente Martinez, então primeiro conselheiro na presidência do templo, lhe perguntou se desejaria ser missionária no templo. Prontamente a Irmã Isabel respondeu que sim e seu chamado foi enviado a Lago Salgado através da linha eclesiástica competente. Mas a grande surpresa veio não com o chamado em si, mas com o lugar onde esse chamado seria cumprido. Ela mal acreditou quando sua filha, ao ler a carta da Primeira Presidência, lhe disse: "Mamãe, você vai para o Templo da Suíça". Refeita da surpresa e primeiro impacto, a Irmã Isabel apenas respondeu: "Então é para lá que eu irei."

Será difícil deixar as filhas e os netos, bem como os amigos e demais familiares, mas ser-lhe-ia mais difícil ainda não cumprir um chamado do Senhor. Assim, é com alegria no coração, e com muita fé e vontade de trabalhar pelo reino de Deus que nossa Irmã Isabel partirá ao final de setembro para levar sua doce influência e sua dedicação ao Templo da Suíça.

Como as Uvas Cresceram!

Gertrudes Ilda E. da Silva

Conheci A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias ainda jovem. Tive vários cargos na Igreja, e à medida que amadurecia na vida, crescia meu testemunho do evangelho. Passei por muitas experiências que me fizeram sentir o poder do sacerdócio e a veracidade do evangelho.

Conheci meu marido em uma Conferência de Jovens na Estaca de Alegrete/RS. Depois de nosso casamento fomos morar na área do Ramo Cohab/S. Maria. Nossa casa era centro de encontro de jovens e nossa alegria em servir ao Senhor era demonstrada por nossa união e felicidade. Um ano após o casamento, fomos ao Templo.

Glécio, meu marido, perdeu o emprego pouco antes da viagem, mas a experiência mais linda, a mais importante, foi o nosso selamento. Quando saímos do Templo, meu marido me disse: "Obrigado por permitir-me isso, meu amor! Sem você eu não poderia jamais realizar essa ordenança."

Mudamos para Santiago, uma pequena cidade onde já havia um ramo da Igreja. No fundo do pátio, havia uma parreira sem vida e sem frutos. Alguns dias após nossa chegada, o Glécio foi chamado como presidente de ramo. Com muita oração, visita e jejum, a frequência foi aumentando. Com a vinda de missionários, muitas pessoas começaram a se in-



teressar pela Igreja, e os batismos foram acontecendo. Sentíamos que um emprego viria quando os assuntos da Igreja estivessem resolvidos. O ramo crescia e veio a ordem para a compra do terreno para a capela. No dia em que o encarregado da Igreja estava finalizando a compra, um membro novo convidou o Glécio para trabalhar em sua concessionária Fiat. Eram as bênçãos de meses de trabalho e dedicação. Meses onde nunca existiu sentimento de revolta; apenas de que, se trabalhássemos na vinha, um dia uvas boas nasceriam. Apenas tínhamos de esperar o devido tempo para que ela florescesse. Nesse tempo também fui chamada para dar aulas na faculdade. Tínhamos um casamento feliz, e tudo o que queríamos era servir ao Senhor e não nos separarmos jamais. Na noite de 24 de outubro, eu não conseguia dormir. De madrugada, aflita, acordei meu marido e, abençoada pelo sacerdócio que ele magnificava, adormeci. Nada foi anormal naquela manhã: o beijo de despedida apressado e um rápido aceno.

Naquela tarde, o acidente, o hospital, o desespero. Um período em que amigos, familiares e irmãos da Igreja já pararam para pensar — Por que? Um rapaz jovem, digno, possuidor de uma fé inabalável? E a resposta onde estaria? Cofesso que nos primeiros dias eu fiquei desorientada. Orava muito pedindo ao Senhor que fizesse a sua vontade, mas eu não era honesta; eu queria que a vontade dele fossa a minha. Através do jejum, de todo o sacerdócio de Santiago, S. Maria e outras unidades da estaca, eu passei a compreender que o sofrimento de meu marido se prolongava por um propósito: o de fazer as pessoas acordarem e prepararem-se, pois o próximo poderia ser um de nós. É fácil seguir o evangelho quando tudo vai bem.

Pouco antes de entrar em coma definitivamente, oramos e cantamos juntos os hinos de que tanto gostávamos. Ele falou do seu grande amor a mim, e do quanto se preocupava com o ramo. A igreja tinha de continuar a crescer. O presidente da estaca o abençoou, e ele não acordou mais.

Durante aqueles doze dias eu aprendi uma lição, e pude aproximar-me mais de nosso Pai Celestial, e sei que meu marido está trabalhando na vinha do mundo espiritual.

Quando fui à capela pela primeira vez depois do funeral, ao chegar no pátio, observei que a grande parreira estava com os cachos de uvas crescidos e fortes. Lembrei-me do quão fraca ela estava quando aqui cheguei, mas agora as uvas estão lindas.

O Glécio já completou sua obra. Quando eu completar a minha, ficaremos juntos novamente. E desta vez, para nunca mais nos separarmos. Eu sei que isso é uma verdade eterna!

O Templo Agora Tem Sessões pela Manhã durante a Semana

Para que haja um maior número de opções, a Presidência do Templo decidiu realizar, a partir de 1º de outubro próximo, sessões de endowments vicários nas terças e quintas-feiras no horário das 7 e das 9 horas. Mensalmente, na última terça-feira de cada mês, também se realiza uma sessão com início às 5h30min. Houve alguma alteração no horário de início das demais sessões, como indicado abaixo:

ENDOWMENTS VICÁRIOS

Terça-Feira: 5h30min*, 7 horas, 9 horas, 15h30min, 17 horas**, 18 horas** e 20 horas.

Quarta-feira: 15h30min, 17 horas**, 18 horas** e 20 horas.

Quinta-feira: 7 horas, 9 horas, 15h30min, 17 horas**, 18 horas** e 20 horas.

Sexta-feira: O mesmo que na quarta-feira.

Sábado: 7 horas, 8 horas, 9h 15min**, 10h30min**, 11h45min.

Nota:

(*) A sessão às 5h30 min. realiza-se somente uma vez por mês, na última terça-feira de cada mês.

(**) Indica o horário das sessões para próprios endowments.

Informamos ainda que o centro infanto-juvenil está equipado para receber apenas crianças que serão seladas aos pais. Se houver necessidade de trazer crianças já seladas, estas deverão estar acompanhadas de um portador de recomendação (ao menos para o batistério). Crianças que tenham 8 anos ou mais também devem ter recomendação para serem admitidas no recinto do Templo.

Ex-Missionários Missão Brasil Curitiba 1980-83

Atenção Ex-Missionários da Missão Curitiba, estamos desejosos de promover um encontro com todos, no próximo mês de novembro, com a presença do Presidente Cowley. Todos os interessados escrevam para:

CLÁUDIO BOA VENTURA
Caixa Postal 26023
CEP 01000 - São Paulo - SP

ou pelo telefone:
(011) 814-2277 - Ramal 111

ENTREM EM CONTATO COM TODOS

“O trabalho
mais importante
que jamais
faremos será entre
as paredes de
nosso próprio lar.”

Presidente
Harold B. Lee